

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Cristianne Macedo Mendes

**ENSAIO PSICANALÍTICO DA EXPERIÊNCIA PSÍQUICA EM
FESTAS RAVES**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Cristianne Macedo Mendes

**ENSAIO PSICANALÍTICO DA EXPERIÊNCIA PSÍQUICA EM
FESTAS RAVES**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à banca
examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de Mestre em Psicologia
Clínica sob orientação do professor Dr.
Luis Cláudio de Mendonça Figueiredo.

São Paulo

2010

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Luís Cláudio de Mendonça Figueiredo, pela paciência e tolerância com que, de maneira singular, mostrou-me o quanto a jornada em busca do conhecimento poderia ser apaixonante.

Aos membros da banca, por terem aceitado o meu convite para a qualificação e enriquecido este trabalho com suas considerações.

A colaboração dos colegas de orientação que se disponibilizaram, diversas vezes, contribuindo com sua opinião, emprestando material e fazendo críticas sempre com bom senso, as quais serviram de apoio e referência para a conclusão deste trabalho.

Em especial, aos colegas Fábio Franco e Erlon, por compartilharem comigo cada passo deste trabalho e desta conquista, incentivando-me através de longas conversas, dividindo comigo seus conhecimentos.

Aos meus pais, irmão e avós, que estiveram ao meu lado durante toda esta trajetória, acompanhando, desde o início até a total concretização deste estudo, compreendendo meus dias de angústia, reclamações e também vibrando comigo a cada novo passo.

O presente trabalho não seria possível sem a colaboração da Dra. Elizabeth Saporitti, que fez a diferença ao me ouvir durante as sessões analíticas, sempre apoiando e acreditando em minha capacidade de escrever.

Aos amigos e entrevistados, por tornarem possível o contato com algumas questões essenciais para a evolução deste projeto.

A todos que aqui não cito os nomes, mas que de alguma forma contribuíram para a realização deste projeto e meu crescimento pessoal e científico.

MENDES, Cristianne Macedo. **Ensaio Psicanalítico da Experiência Psíquica em Festas Raves**. Dissertação de conclusão de mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica, SP, 2010.

RESUMO

O presente estudo analisa o fenômeno **rave**, enquanto organização cultural da juventude contemporânea. Interessante se fez estudar o fenômeno em questão e conhecer mais acerca do momento cultural em que vivemos, já que este é específico da modernidade, apesar de apresentar características da juventude de outros tempos. O trabalho aborda ainda as peculiaridades da música eletrônica, os conceitos de festas e sacrifício, apresenta uma comparação das festas raves com rituais de tribo indígena e uma análise da produção discursiva de alguns *ravers* a partir dos conceitos psicanalíticos. O presente estudo pôde revelar nas produções discursivas um interessante ciclo que passa da apresentação da busca idealizada de prazer e liberdade na experiência *rave* à decepção, concluindo com uma apreensão mais realista da mesma enquanto experiência subjetiva. Utilizaram-se, como referência principal nesta análise, textos de Freud.

Palavras-chave: Raves - música eletrônica - juventude - narcisismo desamparo.

MENDES, Cristianne Macedo. **Ensaio Psicanalítico da Experiência Psíquica em Festas Raves**. Dissertação de conclusão de mestrado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica, SP, 2010.

ABSTRACT

This study examines the rave phenomenon, as an organization of contemporary youth culture. Became interesting to study the phenomenon in question and know more about the cultural moment in which we live, as it is specific to modernity, despite having features of the youth of yesteryear. The work also addresses the peculiarities of electronic music, the concepts of sacrifice and feasts, presents a comparison of raves with rituals of Indian tribe and an analysis of the discursive production of some ravers from psicanlíticos concepts. This study might reveal in an interesting speech production cycle is the presentation of the idealized pursuit of pleasure and freedom in the rave experience disappointment, finishing with a more realistic understanding of the same experience as subjetiva.Utilizaram is, as the main reference in this analysis, Freud's texts.

Tags: Raves - electronic music - youth - narcissism-helplessness.

Uma festa é um excesso permitido, ou melhor, obrigatório, a ruptura solene de uma proibição (Freud, 1913).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A Música Eletrônica	14
2.1 Resumo Histórico da Música Eletrônica	14
2.2 Psychedelic <i>Trance</i>	16
2.3 A Música Eletrônica Como Ambiente	18
3. A <i>Rave</i>	23
3.1 Festas e o Sacrífico	28
3.2 <i>Raves</i> e Rituais (Ritual Tribal)	39
4. Descrição Analítica das Entrevistas	42
5. Aprofundando e Análise das Entrevistas	58
6. Teoria do Narcisismo	66
6.1 Narcisismo Primário	75
6.2 A Concepção de Narcisismo segundo André Green	78
7. Considerações Finais	85
8. Referências Bibliográficas	88
9. Anexos	92

INTRODUÇÃO

Bem antes de pesquisar sobre as festas *raves* a fim de elaborar um trabalho de conclusão de curso de graduação, uma monografia na especialização e também esta dissertação, fui a algumas festas *raves* a fim de realizar um trabalho de observação e, se possível, entrevistas com os participantes.

Ao realizar um trabalho de observação para escrever esta dissertação, percebi que minha experiência anterior em festas *raves* definira algumas alianças e perspectivas das quais não foi fácil me desvencilhar; essas serviram de matéria-prima para as hipóteses levantadas no projeto de pesquisa, mas foram reviradas pelas surpresas e a riqueza que encontrei na observação. Enquanto geralmente ao escrever uma dissertação procurava criar a impressão de que tive apenas um contato estreito com vidas distantes, os conselhos de alguns colegas sugeriam que eu deveria me descolar do discurso nativo. Mas como ignorar o texto nativo se foi ele que me informou tanto? Como me descolar do discurso articulado nas *raves* se foi mergulhando nessas “categorias nativas”, procurando compreender a especificidade dos termos usados e a importância desses para a existência de algumas noções particulares, que surgiram as principais questões teóricas desta dissertação?

Aproveitar o discurso nativo para a constituição de meu texto não significa estar “colada” nele; pelo contrário, selecionei, recortei, descolei discursos de seus contextos e remontei-os com outras combinações para construir meu próprio discurso. O desafio pareceu-me muito mais a questão: como articular no texto a polifonia que eu estava colecionando com meu trabalho de observação?

Para começo de conversa, descobrir onde se situar num texto do qual, ao mesmo tempo, espera-se que seja uma visão íntima e uma avaliação fria é quase tão desafiador quanto chegar a essa visão e fazer a avaliação (GEERTZ, 2002: 22).

A pesquisa realizada baseia-se, a princípio, também em trabalho de campo em algumas *raves*, festas que duraram mais de 12 horas, em minhas próprias lembranças e conhecimentos deste universo. Meu olhar voltou-se especialmente para detalhes da proximidade dos corpos dos participantes, sorrisos sutis, gargalhadas, brincadeiras, conversas descompromissadas, olhares, danças, pausas. Esta será uma pesquisa realizada em Psicanálise; porém, não se trata de um caso clínico que estou atendendo, nem apenas será uma pesquisa teórica. A princípio isso me pareceu um complicador, mas me levou a estudar o universo da Psicanálise. Pretendo me ater à experiência subjetiva do *raver* após realizar uma escuta dos processos psíquicos destes.

Como foi dito anteriormente, para escrever esta dissertação, pensei que seria interessante e de grande valia para o trabalho se eu, pesquisadora, fosse até uma festa *rave* realizar um trabalho de observação e tentar algumas entrevistas a fim de coletar informações atuais sobre *raves* e relatos de experiências de alguns frequentadores.

A primeira delas, em julho de 2008 (Tribe e Psycogarden), contou com a presença de 20 mil participantes. Antes de ir, pensei que seria fácil conseguir abertura para falar sobre meu trabalho com os participantes, mas foi o contrário, com exceção da primeira pessoa com quem conversei. Após alguns anos sem ir às festas *raves*, pude notar algumas mudanças significativas. As pessoas não estão mais abertas para qualquer assunto durante a festa. Uns acharam que eu era do Denarc¹, outra pessoa pensou que eu fosse lésbica e outros diziam que eu não estava no clima da festa. Consegui uma entrevista logo que cheguei, a qual revelou-me que, após algum tempo, as coisas continuavam iguais. Passado este primeiro contato, foi realmente difícil conseguir nova abertura, até que reencontrei uma conhecida de uma festa realizada em 2006, e por nos conhecermos, foi fácil conseguir a entrevista. Os impasses com os quais me deparei em campo,

foram resolvidos com a sinceridade de minhas intenções, mas nem sempre alcancei meus objetivos e nem sempre essa exposição foi agradável ou confortável. No entanto, tranqüilizei-me por acreditar que havia feito “a coisa certa”. Diversas vezes tive que responder muitas perguntas e fiquei sem as respostas que queria. Também a facilidade no manejo de signos e códigos, dado meu conhecimento prévio do universo das *raves*, não garantiu que eu fosse sempre reconhecida como “chegada”, amiga, pois de fato minha posição era outra e minha presença foi algumas vezes indesejada e outras, satirizada. Também tive que lidar com a variável, Denarc (Departamento de Investigação sobre Narcóticos), pois o uso de drogas é alto nessas festas, levando este órgão a se infiltrar com policiais “à paisana” para fazer apreensão, a constatação do tráfico e do uso de drogas. Tal fato levou muitas vezes as pessoas a se sentirem ameaçadas, quando solicitava uma entrevista, imaginando que pudesse ser do Denarc. Em 2005, especificamente, a Operação *Dancing*², realizada pelo Denarc, obteve uma série de apreensões de drogas em clubes fechados e festas *rave*. O alto número de apreensões relatado pelos veículos de comunicação criou, perante a opinião pública, a imagem negativa de que as *raves* eram locais que os jovens frequentavam exclusivamente para se drogar.

Pude perceber nestas festas que hoje a maioria das *raves* tornou-se comercial, com fins lucrativos, preços altíssimos de ingresso, bebida, comida, etc. A maior parte dos frequentadores vão com o intuito de usar drogas, muitos nem sabem o que é uma festa *rave*. Corpos malhados e roupas de marca são características típicas das *raves* atuais no Brasil. Contudo, ainda restam alguns núcleos que se preocupam em manter viva a cultura *Trance* no Brasil, realizando assim festas menores, com número de ingressos limitados, e que tentam resgatar a ideologia das primeiras *raves* realizadas em Goa.

Essa tentativa de resgatar a cultura *Trance* pôde ser vista em uma festa que fui em outubro de 2008, na cidade de Itu, a *rave Respect*, que teve público de 2.500 participantes. Ao comprar o ingresso da festa, o frequentador ganhava o convite para assistir uma peça de teatro, pois a

organização tem como um de seus objetivos o incentivo à cultura. Há também nesta festa uma mistura de arte, ritual e cultura: exposição de quadros e fotos, arte circense, “*projeto reciclowns*” (um grupo de jovens que se vestem de palhaços e saem pela festa com sacos plásticos recolhendo o lixo do chão, tentando conscientizar o público a respeitar a natureza); outro grupo de jovens do projeto “*Salamandra*”³ que entram na festa distribuindo flores e frutas aos festeiros. Houve também alguns rituais ao fogo, à água, à mãe natureza, apresentando pessoas que pintaram seus corpos com “urucum” em homenagem à terra, costume realizado em muitas tribos indígenas.

Pude notar algumas diferenças também com relação aos participantes desta festa: alguns são geralmente pessoas que frequentam *raves* há pelo menos 5 anos, outros, frequentadores há mais de 10 anos. O consumo de drogas é relativamente menor que em outras *raves*, consideradas festas comerciais como a citada anteriormente. Contudo, não consegui realizar nenhuma entrevista, conversei com algumas pessoas, falei sobre meu trabalho, mas me passaram seus telefones e e-mails pedindo que eu realizasse um contato posteriormente, pois naquele momento queriam aproveitar ao máximo a *rave*.

Passada a festa, entrei em contato com algumas das pessoas com as quais eu havia conversado e marquei um encontro para realizar as entrevistas que farão parte do capítulo específico.

Em dezembro de 2009, fui a uma outra grande festa, também realizada em Itu, a XXXperience. Pude constatar que a *rave* havia se tornado um grande show, uma festa com um público médio de 50 mil pessoas, vários palcos com artistas do mundo todo, camarotes (*back stage*) com grades por todos os lados. Era visível que as pessoas estavam muito drogadas, quem estava do lado de fora da grade estava mordendo a mesma. As roupas dos participantes eram todas iguais, mulheres de shorts ou saia curta com sandália de plataforma bem grossa e alta, homens com calça jeans num tom de azul nem muito claro e nem muito escuro, sem camisa e óculos escuros; portanto, por toda a festa, as pessoas pareciam ser as mesmas.

O que tentarei processar na pesquisa não será exatamente um diálogo entre pesquisador e pesquisado, mas uma busca em organizar a cacofonia produzida pelo confronto de vozes (1) do pesquisador, (2) dos pesquisados – no plural, pois foi mais de um e muito diferentes uns dos outros e (3) das memórias do passado dessa pesquisadora. Foi o exercício de procurar compreender diferenças e similaridades entre essas tantas vozes, tantos textos, tantas imagens – de *flyers*⁴, fotografias do trabalho de campo, de revistas, símbolos, lembranças de gestos e olhares que compuseram esta pesquisa.

Feitas essas considerações, vale anotar que eu realizarei apenas alguns dos recortes possíveis, privilegiarei algumas questões que acredito serem pertinentes. Tantas outras questões ficarão de fora, tantas outras não serão respondidas neste momento. Antes de falar das festas *raves*, vou falar primeiramente sobre a música eletrônica, pois é com essa trilha sonora que a *rave* acontece, após falar sobre a música eletrônica e as festas *raves*, apresentarei um capítulo das entrevistas e análise das mesmas.

2. A MÚSICA ELETRÔNICA

2.1 Resumo Histórico da Música Eletrônica

Por música eletrônica, entende-se toda forma de expressão musical que dependa do uso da tecnologia para sua existência, ou seja, toda música cujos sons sejam produzidos ou modificados eletronicamente. Com isso, poder-se-ia facilmente aproximar da conclusão de Holmes (2002) de que, em nosso tempo, toda música é eletrônica. Mas não se precipitará em uma conclusão tão vertiginosa sem antes traçar alguma sustentação para ela. Começar-se-á fazendo uma breve análise do caldo cultural necessário para o surgimento dessa sonoridade, que é o mesmo responsável pela conformação atual do homem contemporâneo. De acordo com Rodrigues (2005), música eletrônica é aquela produzida ou alterada por meios eletrônicos. Ela nasceu na virada do século XIX para o XX no momento em que artistas procuravam novas linguagens e suportes para produzirem suas obras. O momento artístico nesse período procurava andar em paralelo com o acelerado crescimento da tecnologia e das mudanças sociais. Foi quando nasceu, por exemplo, o movimento futurista que buscava uma quebra dos conceitos artísticos passados, para nascimento de uma nova arte. Os manifestos futuristas diziam que, à medida que a industrialização e o crescimento tecnológico faziam parte do dia a dia das pessoas, o modo de pensar e sentir da sociedade também sofria transformações; então os artistas também deveriam buscar novas maneiras de expressar sua arte, George Steiner (1991), em seu livro, *No castelo do Barba Azul*, apresenta a idéia de que o homem atual é fruto de uma cultura e um tempo histórico no qual a civilização ocidental decaiu de sua centralidade absoluta, pautada pela supremacia da razão, da ciência e do pensamento desde a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas, para um novo momento de profundo questionamento a respeito do valor e da direção de todo e qualquer campo de conhecimento humano, especialmente após a catástrofe das duas grandes guerras mundiais.

O homem moderno carrega a ferida da queda de um Paraíso no qual o triunfo da razão prometia o melhor dos mundos realizado, agora, pelo melhor dos homens. Com as guerras, descobriu-se que o horror andava às sombras dessa civilização de ouro, e que poderia aparecer e destruir tudo aquilo que o cercava. O melhor dos homens era capaz do pior.

Com isso, esse homem desiludido passou a buscar referências no primitivo, no Oriente, em outras culturas, na infância, na loucura, ou onde quer que houvesse mais espaço para a esperança de algo “bom”. Se nas artes plásticas, as vanguardas modernistas se perguntam pelo estatuto do artista e de sua obra, na música, essa indagação também se faz presente. E a pergunta retorna para eles como: mas o que é mesmo que fazem? A música, o que é? E por que necessariamente deveria continuar sendo dessa maneira? O Futurismo pregava que artistas deviam superar definitivamente os valores e as formas da arte do passado, baseados na arte do motor e da eletricidade.

O compositor impressionista francês Claude Debussy afirmou, em 1913, que "O século do avião merece a sua música" (DEBUSSY, Claude, 1913, p.13), afirmando que até mesmo a música deve acompanhar a estética do Futurismo. Nesse mesmo ano, o pintor e músico Luigi Russolo publicou o manifesto *L'Arte dei Rumoril*⁵ que falava a respeito do movimento futurista na estética da música, ampliando a definição do que deve se considerar “musical” ao introduzir a idéia de ruído como fonte de material sonoro para composições. O autor toma como ruídos tanto sons da natureza quanto sons de objetos criados pelo crescimento científico e tecnológico.

Entrando, segundo Rodrigues (2005), na década de 80, foi quando a evolução da tecnologia digital possibilitou o aparecimento de muitos produtores musicais. Nesse mesmo período DJs⁶ que tocavam as músicas dos produtores, começaram a levar músicas eletrônicas para as *nightclubs* - ambientes fechados onde as pessoas se reuniam para dançar. Aqui no Brasil, chamados Discotecas. O movimento se consolidou com o surgimento de vários estilos de música eletrônica como: *House*, *Garage* (com bastante vocal Gospel), e o *Deep House*, (com linhas melódicas, melancólicas e

minimalistas acima das batidas), o *Jazz House* (batidas com um instrumento solo, quase sempre um sax virtuoso), dentre outros (*Acid House*, *Disco House*, *Tribal Hous*, *French House*). Na mesma época, em Detroit (EUA), nascia o *Techno*, gerando uma versão mais robótica do som. É um tipo de som que utiliza batidas secas, repetitivas e, eventualmente, vocais masculinos e femininos.

No final da década de 80, com a chegada do *Techno* e do *House* na Europa, surge na Inglaterra o *Acid House*, normalmente mais pesado que o *House* original com uma base mais forte. É um tipo de som mais psicodélico do que o *House*. A partir desses estilos, no começo dos anos 90, aparecem outras vertentes como o *Drum'n' bass*, *Trip Hop*, *Ambient*, *Breakbeat*, e o *Trance*.

2.2 Psychedelic Trance

Até o final deste tópico, considerar-se-á o que diz o autor Santos (1998) sobre o psychedelic Trance.

Trance é uma palavra inglesa que significa transe ou êxtase, definido por “momento onde o indivíduo se encontra em estados alterados/elevados de consciência, induzido por meditação ou por estimulação dos órgãos sensoriais do corpo”. *Psychedelic* (psicodélico) vem das palavras gregas *psiké* (mente) e *deloun* (sensorial). Refere-se a uma manifestação da mente que produz efeitos profundos sobre a experiência consciente. (SANTOS, 1998)

Ainda de acordo com Santos (1998), o *Psychedelic Trance* ou simplesmente *Trance*, é um estilo de música eletrônica que possui características bem marcantes que a distingue dos outros gêneros, tanto em sua composição musical, quanto nos elementos que formam todo o movimento como decoração, ideologias, etc.

Essa vertente surgiu na Alemanha, no início da década de 90, quando artistas como Paul Van Dyk, Dr. Motte, Mark Reeder e Torsten Stenzel, inspirados pelo *Techno* de Detroit e pelo *Acid Music* e, influenciados pelo momento histórico,⁷ criaram um novo tipo de música eletrônica que refletia a atmosfera da época, um som eufórico, energético e elevatório. Mas foi em Goa, na Índia, onde o movimento se intensificou.

Já no início da década de 60, Goa era um lugar onde se reuniam hippies e viajantes do mundo todo para celebrar festas psicodélicas, ao som de bandas de rock como Led Zeppelin, Pink Floyd, Janis Joplin e de bandas de reggae. O estilo psicodélico caracterizava-se pela intensidade de cores, formas fractais e mandalas, aplicadas em vestimentas e produções artísticas que eram inspiradas por experiências com drogas alucinógenas como o LSD. Esses grupos tinham a mesma filosofia de paz e amor pregada no Festival de Woodstock, protestavam contra o sistema e os valores que dominavam a sociedade capitalista tais como a propriedade privada, o trabalho, dinheiro, burocracia, preconceito racial, repressão, etc. Entre 1987 e 1988, um DJ francês chamado Laurent Garnier começou a inserir música eletrônica em festas em Goa.

Em meio a esse cenário, no começo dos anos 90, alguns produtores ingleses, como Johann Bley, levaram equipamentos eletrônicos para Goa e começaram a inserir elementos indianos em suas músicas. Nasce o Goa *Trance*, um som carregado de mantras, sons de instrumentos das religiões e cultura indiana, tudo com muitos efeitos de distorções e melodias psicodélicas que estimulam a audição.

A estrutura musical que antes era apenas a repetição de sons, com a troca e sobreposição de outros, na sua maioria sons urbanos e industriais como no *Techno*, tornou-se um som melódico dando uma idéia de evolução, percurso durante a execução da música, não apenas troca de sons repetitivos. Hoje o *Trance* é carregado de sons tribais do mundo inteiro, desde africanos, americanos e australianos, cantos gregorianos, vocais mencionando frases, elementos espaciais. Tudo com efeitos diversos de

distorções, modificações de características dos timbres que em conjunto brincam com a audição e alteram a percepção.

Parte dessa cultura vem do próprio local onde o *Trance* se tornou popular, em Goa. Enquanto o DJ Johann Bley inseria elementos da cultura local em suas músicas, como mantras, orações e sons de instrumentos da religião hindu, o DJ Goa Gil, tido como um dos principais personagens do movimento *Trance* até hoje, criava conexões entre as batidas eletrônicas e espiritualidade, pregando que, através da música, alcançava-se um estado elevado de consciência. No início, todos os ícones giravam em torno do Hinduísmo. As decorações e vestimentas seguiam essa tendência, frases na língua indiana e formas como mandalas. Hoje, esses elementos se estenderam, agregando outros de várias culturas tribais do mundo inteiro como dos Maias, Incas, Astecas, indígenas, etc.

2.3 A Música Eletrônica como Ambiente

Holmes (2002) é claro ao afirmar que a música que conhecemos na atualidade não existiria sem a tecnologia. O seu uso na música modificou não somente o fazer musical como também o modo de pensar dos compositores, e ainda a maneira de ouvir do público. Quer a música decorra da criação de ondas sonoras por meios elétricos – o que podemos chamar de música eletrônica pura, aquela que é feita pela construção de sons sintetizados através de meios eletrônicos – quer ela advenha da manipulação eletrônica para a modificação dos sons provenientes do meio natural – o que resulta na chamada música eletroacústica, o que temos é algo diferente da música instrumental. E ainda, de acordo com Holmes (2002) as diferenças mais significativas são:

- Os recursos sonoros disponíveis para a música eletrônica são ilimitados e podem ser construídos. Ou seja, o compositor agora, pode não apenas criar música como compor os próprios sons.

- Qualquer som imaginável pode ser criado; significa que o compositor pode inventar sons inexistentes ou modificar os que existem na natureza em algo totalmente distinto.

- A música eletrônica modifica nossa percepção de tonalidades sonoras, o que significa que é possível criar, eletronicamente, instrumentos capazes de alcançar as mais sutis nuances microtonais, bem como seu exato oposto, ou seja, a produção dos sons mais brutos e sem coloração possíveis, levando até mesmo a uma sonoridade em que tudo se reduz a um ruído unívoco.

- A música eletrônica só existe em sua atualidade. Isso quer dizer que, ao contrário da música instrumental, ela não existe em estado potencial, como notação e idéia, mas apenas quando executada.

- O som se torna, por si só, o tema da composição. É possível penetrar na materialidade do som e manipular suas características, de modo que essa manipulação consista no fazer musical. O som torna-se concreto, uma materialidade a ser dissecada e transformada. E cada som, em sua concretude, é igual ao outro.

- Não há respiração na música eletrônica. Ela não guarda relação com o fôlego, o sopro, os movimentos das mãos. Isso significa que os sons podem ser extremamente longos, de execução altamente complexa, demandando mais do que a execução humana poderia abarcar.

- Como a música eletrônica está dissociada do mundo natural, sua escuta remete o ouvinte a um mundo extremamente subjetivo.

Ou seja, encontramos-nos, através da música eletrônica, em um campo ilimitado de possibilidades de criação e interpretação do material sonoro, no qual os padrões, valores e modos anteriores trazem pouco substrato para a compreensão do que ali acontece. Não há mais notas, harmonias, melodias, mas sons, timbres, texturas. A música se reveste de materialidade, concretude. Ela se torna aquilo que do som pode ser manipulado e apalpado. Existe na atualidade de sua execução, se esvaece com seu término. Uma

música da máquina, de densidades, de experimentação muito mais do que de escuta.

Holmes (2002) ainda diz que o som, como material, convida a uma escuta que é percepção, experiência tátil, espacial, orgânica. O som da música eletrônica suscita os vãos da imaginação que o decodifica, bem como as palpitações do corporal que o experimenta. Uma música com a marca da contemporaneidade: maquinal, sensorial, deslocada dos ritmos e tempos naturais, experimental e ambígua. A ambiguidade está em sua distância, sua aparente inacessibilidade em contraponto à convocação que faz dos sentidos, de uma imersão em suas texturas para que se faça possível acessá-la; o indiferente aceno da máquina *versus* o convite de imersão em um ambiente sonoro. Não causa espanto que seja exatamente esse tipo de música o que será apropriado pela cultura de massas como ator principal na criação de um meio onde a experiência acústica norteará as relações: o ambiente da música eletrônica (as *raves*, clubes e danceterias).

Frente à perda das referências que a cultura trazia para a civilização ocidental, Steiner (1991) diz que a linguagem, a palavra falada ou escrita são percebidas com desconfiança por uma geração que já não pode mais alcançar os sentidos daquilo que antes circulava pelos livros, músicas e obras de arte. Dada essa situação, é possível se perguntar que códigos de comunicação podem estar sendo criados e através de quais meios?

O som é global, atingindo igualmente pessoas em qualquer lugar, independente de língua, credo ou cor. A música, incessante, participa de todos os momentos da vida e é moldura para todos os encontros. Cada situação tem sua “trilha sonora”. A cultura do som força a velha autoridade da ordem verbal a recuar, diz Steiner. “Quais as conseqüências desse ruído constante que nos acompanha?” Algo importante acerca da música eletrônica é que ela leva ao limite a idéia de música ambiente, criada no momento em que a música, através da dispersão facilitada pela tecnologia, pode servir como pano de fundo para as atividades cotidianas, tornando-se o ruído de base, a trilha sonora do dia-a-dia. Não que não houvesse música ambiente antes, já que muita música erudita foi criada para ser ambiente,

para servir de cenário. No entanto, o fato de vivermos em um contexto tão amplamente pautado pelo som que nos acompanha é coisa recente, dependente do rádio, do toca-discos, do *cd player* e, hoje em dia, dos *i-pods* e afins. A música eletrônica é feita, em sua maioria, ambiente, para compor um contorno para uma experiência. Ou seja, ela faz sentido na medida em que está acompanhada do contexto que a origina e possibilita: a *rave*. É por isso que, para pensar acerca das festas *raves*, neste texto, fez-se necessário esse longo percurso sobre um de seus personagens: a música eletrônica. E, uma vez falando de música, far-se-á agora um esforço para integrá-la aos outros itens componentes desse ambiente das *raves*: as pessoas, as imagens e as drogas.

Simon Reynolds (1999) jornalista e editor de revistas de música na Inglaterra, bem como de diversas publicações da área do que denomina cultura “*raver*”, mostra como a música eletrônica e seu ambiente são difíceis de serem documentados.

A música eletrônica, apesar de ser uma música destinada à pista de dança desde seu princípio, carregou consigo, certa filosofia de vida marcada pelas mazelas existenciais que seus jovens fundadores experimentavam. Trata-se de uma espécie de convocação à revolução pela música, que traz a idéia da música eletrônica não apenas como sonoridade, mas como portadora de determinada mensagem, de certa proposta intimamente ligada à idéia de *underground*, bem como à constituição de uma subcultura partilhadora dos mesmos ideais subsumidos nessa palavra. A música eletrônica cria, portanto, não apenas um ambiente, mas um contingente de códigos e significações próprios, dos quais depende para sua existência e manutenção como algo potencialmente transformador (RODRIGUES, 2005). Rodrigues (2005) comenta ainda que a música eletrônica é uma promotora de experimentações pessoais e coletivas, bem como de valores e ideologias, uma oposição política e o anseio de uma potencialidade revolucionária. Isso tudo podendo ser pensado coletivamente ou enquanto experiência individual libertadora, contrastando com outro projeto que acompanha o desenvolvimento do ambiente do eletrônico e que podemos entender, paradoxalmente, como o mais condizente com a cultura vigente: o

hedonismo, a diversão alienada, o perder-se na música, o deixar-se levar, o distanciamento de qualquer possibilidade de crítica e de mudança em prol de uma experimentação da felicidade, a realização do projeto da cultura de massas em seu mais alto grau. Esse paradoxo apresentar-se-á entremeando todo o ambiente eletrônico, do projeto à sua realização, da música à festa, das intenções às experiências vividas.

Até o presente momento tentou-se elucidar neste texto o que é a música eletrônica e qual o seu ambiente. O ambiente que se pretende trabalhar como comentado no primeiro capítulo é o ambiente da *rave*, deixando para outra oportunidade outros ambientes que a música eletrônica domina, como clubes e outras festas, pois acredita-se que para um trabalho de mestrado, recortar apenas um dos ambientes possíveis já é suficiente. E para responder às questões que surgiram até aqui e as que ainda estão por vir, ater-se-ão às festas *raves*, que é o objetivo principal deste trabalho - a partir de uma análise das *raves* e de entrevistas com seus frequentadores, respondendo com base na psicanálise às questões clínicas e sociais que envolvem essas festas.

3. A RAVE

Jogos de computador não afetam crianças; Se Pac-man tivesse nos afetado quando éramos crianças, hoje em dia estaríamos todos badalando por salas escuras, engolindo pílulas mágicas e escutando música eletrônica repetitiva (KRISTIAN, Wilson. Nintendo, Inc. 1989. (E - ar n° 22, de 01/02/2002).

Desde o final da década de 80, tornou-se prática de muitos jovens moradores das principais capitais européias e outras metrópoles ao redor do mundo, festejar por mais de 14 horas ao som de música eletrônica e sob efeito de psicoativos, especialmente um, identificado como "*ecstasy*".⁸ São festas chamadas de *raves*⁹, realizadas em locais criteriosamente escolhidos,

equipados e decorados para a ocasião, geralmente em áreas verdes marginais de grandes cidades, ou em áreas ainda mais isoladas da ocupação urbana, como praias e campos.

Rave significa delirar, extasiar. Realizar-se ao ar livre, embalado, música eletrônica e *ecstasy* são as três condições que caracterizam uma festa *rave* em qualquer localidade do planeta. Acontecer em diversos e diferentes lugares ao redor do mundo também pode ser considerado outra peculiaridade do modo de festejar *rave*. Embora as festas sejam realizadas geralmente em áreas rurais, são frequentadas exclusivamente por jovens urbanos, que, então, escolhem locais distantes da ocupação ou da atividade cotidiana.

As festividades, qualquer que seja o seu tipo, realizam-se em lugares bem demarcados no tempo e no espaço. Tal como outras atividades lúdicas da cultura, a festa processa-se e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea (Huizinga, 2004). No caso do modo de festejar *rave*, a peculiaridade do local onde se realiza caracteriza-a e a diferencia de outros eventos de música eletrônica que acontecem na cidade. A procura por espaços que não participam das atividades cotidianas da vida metropolitana colabora para construir um mundo temporário dentro do mundo habitual, dedicado à prática de uma atividade especial, extraordinária, ainda que possa ser regular. A peculiaridade da festa é que sua prática marca como um intervalo em nossa vida cotidiana.

As *raves* são caracterizadas por festas regadas com música eletrônica de alguns gêneros como o *Techno*, *Acid House* e *Trance*, porém tratar-se-ão aqui apenas de festas que são embaladas ao som da música eletrônica *Trance*, que tem características únicas que as diferenciam das outras *raves*. Em torno do *Trance*, configura-se uma ideologia e uma cultura com códigos e manifestações próprias que vão além da própria música, presentes, por exemplo, na decoração, vestuário, formas de socialização, etc.

Lara (2002) diz que a cultura *rave* faz uso de mantras indianos misturados a ritmos eletrônicos e, juntamente com canhões de luzes, domina a consciência do público de forma inesperada, levando-o ao transe ou à dança compulsiva, que podem durar muitas horas, chegando a atingir seu ápice ao amanhecer. Utilizam técnicas sofisticadas de mixagem sonora e visual, e é consumido pelo público grande quantidade de energéticos e/ou entorpecentes (consumo de energéticos, *ecstasy*, *special K*¹⁰, hidratação com água). Os “*ravers*¹¹”, portanto, possuem um referencial comum, o gosto pela música eletrônica, que resulta em ações associadas a esta música, como formas de se vestir, culto ao DJ e a busca do prazer coletivo por meio da música, do uso de drogas e do prazer aqui e agora (SOUZA, 2002).

O uso de psicoativos nas *raves* colabora para a construção da experimentação do lúdico e atende à prerrogativa de a festa ser um espaço de liberdade (especialmente quanto à orientação e controle médico-jurídicos), mas principalmente serve à confraternização social. No contexto das *raves*, observa-se o uso de certas e determinadas substâncias, de maneiras e quantidades bastante reguladas culturalmente no sentido da celebração grupal. Nesses termos, a forma de festejar *rave* pode ou não ser caracterizada pelo uso indiscriminado de psicoativos por seus participantes.

De acordo com Souza (2002), o conceito *rave* surge no fim dos anos 80 início dos anos 90, numa época em que os grupos tinham como preocupação promover manifestações que levam ao êxtase coletivo. Ao som da música eletrônica tocada por DJs, “os *ravers*”, assim chamados os frequentadores dessas festas, são envolvidos em danças por muitas horas consecutivas, em uma espécie de celebração tribal e liberdade e êxtase. Têm como ideologia o dogma P.L.U.R (Peace, Love, Unity and Respect). Em festivais, existem ciclos de palestras ligados à ecologia, pacifismo e espiritualidade. Em um festival que acontece no réveillon, durante 05 dias na Bahia, chamado Universo Paralelo, por exemplo, há oficinas de artes plásticas, atividades de expressão corporal, ambulatório de Reike, workshops variados, educação ambiental, entre outras atividades. Durante o

festival, também há grupos que apresentam performances teatrais e circenses.

A cultura *rave* e a cena de música eletrônica/*e-music* aparecem como formas que buscam celebrar a alegria, o hedonismo, a diversão, o escape e o prazer advindos do ato de dançar, associados a um discurso de que “todos são bem-vindos” se estão interessados nessa celebração e se respeitam à ideologia do P.L.U.R. Esses discursos são fundamentais para a construção de uma identidade à cena e para sua diferenciação de outras cenas culturais. Estão presentes tanto nas metrópoles como em cidades menores desenvolvidas e até subdesenvolvidas, apontando um caminho de crescimento globalizante. O público alvo é jovem de classe média, e aumenta a cada ano, pois a *rave* é um fenômeno da contemporaneidade que possui características da juventude de outros tempos, o movimento da contracultura dos anos 60 e 70 é um deles. Mas não se irá nesta pesquisa fazer um estudo aprofundado do movimento da contracultura; neste momento, falar-se-á apenas de algumas possíveis semelhanças entre os dois grupos de épocas tão distintas. Deixa-se aqui essa questão para ser estudada num outro momento.

O ápice do movimento da contracultura ocorreu no Festival de *Woodstock*, em agosto de 1969, quando 300 a 500 mil jovens reuniram-se em um encontro de massas para celebrar o *rock* e manifestar-se pela paz. A contracultura nascida nos anos 60 já não existe. Ventura (1968) ressalta que “Paz e amor”, flores e motivos psicodélicos não são mais sinônimos de oposição e rebeldia. Os *hippies* e os líderes dos movimentos contra as sociedades hipócritas ficaram para trás. Os jovens estão alienados e não se interessam mais pela política como os que conspiraram contra a ditadura de 68 no Brasil. Os jovens de todo o mundo estão cada vez mais parecidos, numa busca pelo inusitado, seja ele o que for. A constante da nova contracultura parece ser a desestruturação do que existe. Não é uma questão de mudar o estilo de roupa e arrepiar os cabelos como os *punks* fizeram no início dos anos 90. O *rock*, símbolo da rebeldia dos anos 60, hoje é um mosaico de tendências musicais.

Os *ravers* baseiam-se em modelos subjetivos com características próprias que representam uma nova forma de viver esse período histórico. Essa cultura é universal, mundialmente conhecida pela sua música, que induz ao transe, possui formas alternativas de informações, uma música sem caráter comercial que produz novas formas de sociedade e difusão artística, e essas formas culturais utilizam-se da música para que possam se constituir, gerando uma conexão entre tecnologia, comportamento, arte e informação.

Se até meados dos anos 90 as festas *raves* aconteciam como eventos esporádicos, improvisados e ilegais, desenhando um circuito que tinha como referências principais às ilhas de Ibiza (Espanha), Goa (Índia) e as cidades de Londres e Paris, já no ano de 1997, aconteciam com regularidade num circuito mundial muito mais amplo que incluía locais específicos de países como a Tailândia, a Austrália, Israel, os EUA, o Japão, a Hungria, a Grécia, a Argentina, o Brasil e o México. A ampliação desta prática acompanhou um movimento de popularização da música eletrônica em centros urbanos globais.

No Brasil, as festas *raves* acontecem desde o final da década de 80, em Trancoso, sul da Bahia, reduto hippie dos anos 60 e 70; já na década seguinte, apareciam as primeiras *raves* no estado de São Paulo, com frequência e público crescentes. A primeira edição da festa Xxxperience (nome da *rave* que identifica o grupo organizador da festa, chamado algumas vezes de núcleo), realizada em 1996, juntou 650 pessoas; mas logo no ano de 1998, as *raves* paulistanas reuniam semanalmente uma média de 2.000 participantes. Nessa mesma época, também começavam a acontecer as mega *raves*, reunindo até oito mil pessoas. No ano de 2000, esses eventos já recebiam espaço específico de divulgação no caderno semanal Guia da Folha, de um dos principais jornais brasileiros: a Folha de São Paulo. Mega *raves*, reunindo 15.000 participantes, aconteciam a cada 4 ou 6 meses. O modo de festejar *rave* tornou-se comum também em outros estados como o Paraná, Santa Catarina, Brasília, Goiás, Minas Gerais. Indício desta expansão foi a realização da Ecosystem, a “*rave* da Amazônia”, que reuniu

em 2001 mais de 10 mil festeiros em Manaus, com apoio do Greenpeace e patrocínio do governo do Estado do Amazonas.

A partir de 2004, o cenário da música eletrônica já não apresentava mais crescimento com o mesmo fôlego visto anteriormente, mas, por outro lado, as *raves* continuavam a reunir cada vez mais pessoas. Para a festa de comemoração de quatro anos do núcleo Tribe, realizada em dezembro de 2004, numa pedreira de Pirapora do Bom Jesus, com ingresso médio de R\$ 45,00, apareceram doze mil pessoas, mas cinco mil ficaram do lado de fora, pois excediam a capacidade planejada pelos organizadores. A festa do mesmo núcleo Tribe e Psycogarden, de 19 de julho de 2008, realizada em Itu, reuniu 20 mil participantes.

O fenômeno das *raves* revela-se digno de estudo não apenas pela mobilização que opera, mas especialmente pela dinâmica social que o caracteriza. O auge dessas festas acontece depois de mais de 10 horas de dança coletiva, num certo momento em que os participantes já não sentem mais a obrigação de manter a pista “bombando” (ou seja, dançando freneticamente todos juntos), mas espalham-se pela paisagem, sentam-se junto aos amigos mais próximos, muitas vezes abraçam-se, trocam pequenas histórias e declarações de amizade, doam cigarros, chicletes, goles de água a outros presentes, compartilham certo conforto gerado pela sensação de fazerem parte de um mesmo grupo. Esse estado de emoções e sensações é, inclusive, identificado pelos próprios *ravers* através da noção de “*vibe*”¹².

Anotar as especificidades dos eventos diversos que se desdobraram sob o mesmo tema, ou seja, sob a denominação de *rave*, é um dos propósitos da dissertação. Nem tanto para delinear um modelo final, uma estrutura recorrente, mas muito mais para observar os processos de significação e ressignificação operados diante de situações que se apresentaram.

3.1 Festas e o Sacrifício

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso.[...] Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital, etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento, [...] não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados (DURKHEIN, 1968:547/8).

Para Durkheim (1968), as principais características de todo tipo de festa são: a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de "efervescência coletiva" e a transgressão das normas coletivas. A idéia de "objeto sério" ou "finalidade grave" foi totalmente abandonada. No divertimento em grupo, assim como na religião, o indivíduo "desaparece" no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo. Nesses momentos, apesar ou por causa das transgressões, são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em sociedade.

"O grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais" (DURKHEIN, 1968:536).

Durkheim afirma isso, pois, em sua opinião, com o passar do tempo, a consciência coletiva tende a se enfraquecer. Portanto, são imprescindíveis

tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os "laços sociais" que se desfizeram. Assim, quanto mais festas um dado grupo realiza, maiores são as forças para vencer o rompimento social (AMARAL, 1998).

Amaral (1998) coloca que a festa põe em cena o conflito entre as exigências da "vida séria" e a própria natureza humana. Durante as festas, por alguns momentos, os indivíduos têm acesso a uma vida "menos tensa", a um mundo onde "sua imaginação está mais livre". Aqui, não se trata de generalizar o "mal-estar na civilização", da cultura ocidental contemporânea, para todas as sociedades, pois não podemos afirmar que todas levam uma vida "tensa" e pouco "livre". No entanto devemos considerar que a noção de "vida séria" e divertimento reaparecem de diferentes formas e nomes sempre que se tratam do significado "festas", conferindo-lhe assim, alguma legitimidade. Contudo, divertimento é coisa séria e pode ser visto como a segunda finalidade do trabalho, vindo em seguida da necessidade de sobrevivência.

Amaral (1998) ainda afirma que o divertimento (pressuposto da festa) é uma fuga da monotonia da vida cotidiana. Porém, a civilização precisa da "vida séria", pois tem noção que sem isto a vida em sociedade tornar-se-ia impossível. Portanto a festa tem um papel fundamental, pois ao fim de cada cerimônia, de cada festa, os indivíduos retornam à "vida séria" com mais disposição, e assim como no ritual reabastece o indivíduo de "energia", de disposição para continuar. Ou pela renúncia, ao notar que o caos se instauraria sem as regras sociais, ou pela esperança de que um dia o mundo será livre como a festa, pretende ser, durante seu tempo de duração, livre das regras que a sociedade impõe aos indivíduos.

De acordo com Durkheim (1968:603), a energia do coletivo durante a festa atinge o seu ápice no momento de maior "efervescência" dos festeiros. Esta efervescência "altera as condições da atividade psíquica. As energias vitais são superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes". A garantia para manter este estado alterado de consciência são os elementos presentes em todas as festas: a música, bebidas, comidas

específicas, comportamentos ritualizados, danças, sensualidade, drogas, etc. Neste estado, o homem não se reconhece como tal; ele se reintegra à natureza de que teria se separado ao fundar a sociedade.

“A reunião de muitas pessoas, que se movimentam, dançam, cantam, gritam etc., contribui para a produção de grande quantidade de ‘energia’, que é redistribuída para todos os participantes” (AMARAL, 1998).

Esta confirmação remete ao “sacrifício”, o qual, para a autora Amaral, (1998) implica uma consagração, a transformação de um objeto profano em sagrado. A vítima do sacrifício, por sua transformação em objeto sagrado, entra em contato com forças religiosas que representam as forças vitais que mantêm vivo o tecido social. Mesmo quando não havendo um ser vivo que dá sua vida ao sagrado através da imolação, pode-se entender a importância da noção de sacrifício para a compreensão da festa, pois até nas mais urbanas e atuais é possível perceber o “sacrifício” de bens simbólicos e materiais em favor delas.

Conforme sabemos, na Escola Francesa de Sociologia, M. Mauss (1872-1950) escreveu com H. Hubert (1872-1927) um dos seus primeiros ensaios, “Sobre o Sacrifício”, originalmente publicado em 1899. Neste, eles tomam, por exemplo privilegiado, os modelos dos sacrifícios hindu e hebraico. Concordando parcialmente com Tylor¹³, eles entendiam que os sacrifícios naqueles modelos constituíam uma forma de dádiva (alimento) do fiel ao seu deus, conferindo àquele algum direito sobre este. Além disso, que o sacrifício era uma forma de consagração – passagem do domínio comum ao domínio religioso. Mais que uma oferenda, o objeto do sacrifício devia ser total ou parcialmente destruído ou consumido.

A prática do sacrifício, embora comumente associada ao passado, permanece bastante presente na experiência religiosa de povos contemporâneos, e isso ocorre nas formas mais diversas. Ato de tornar sagrado, o sacrifício aproxima os homens de esferas desconhecidas, não raro concebidas como divinas, por meio da destruição, própria ou figurada, de um animal, planta, objeto ou mesmo ser humano.

Segundo Mauss e Hubert, todo sistema sacrificial pode ser reduzido a quatro elementos: sacrificante, vítima, divindade e sacrificador. O sacrificante é, antes de tudo, aquele que se submete aos efeitos e colhe os benefícios do sacrifício. Ele pode ser um só indivíduo, toda uma coletividade ou mesmo um objeto. Tudo pode ser vítima: um objeto, uma planta, um animal, um ser humano ou mesmo a comida e a bebida.

Isso se deve, segundo Claude Lévi-Strauss que volta a esse tema em “O pensamento selvagem” (1962), à possibilidade de substituição dos termos postulados pelos sistemas sacrificiais. A vítima, em suma, deve ser um intermediário, um elo de ligação entre o sacrificante e a divindade, que pode ou não coincidir com deuses personificados e referidos na mitologia. Já o sacrificador ou sacerdote é simplesmente aquele que propicia essa intermediação, podendo ou não revelar um estatuto especial dentro da comunidade.

Os sacrifícios, salientam Mauss e Hubert, podem se destinar a pessoas ou coisas. Uma cerimônia como o Kippur judaico tem como intento expiar, através da imolação de um animal, os pecados de uma coletividade humana e reafirmar o pacto desta com Deus. Já em certos rituais agrários, realizados por judeus e hindus, a finalidade passa a ser a própria fertilidade da terra, o que muitas vezes exige a oferenda dos produtos desta, tais como os primeiros frutos. Se os referidos sacrifícios possuem um caráter periódico, há outros que se revelam ocasionais, como aqueles relacionados à cura ou mesmo a assuntos sentimentais.

Nota-se que, para além dessas variações, no sacrifício, pessoas e coisas, sacrificante e vítima se emaranham, propriedades (sagradas e profanas) uns aos outros. Um exemplo bastante complexo destacado pelos autores é o das bufonias atenienses, nas quais um boi era sacrificado próximo ao altar de Zeus Polieus, na Acrópole.

Nesse altar, eram depositados bolos que se tornavam santificados. Os bois, ao comer esses bolos, adquiriam a sua santidade e, nesse exato momento, eram golpeados pelo sacrificador. Com a sua carne fazia-se um

banquete e com o seu couro, uma espécie de ídolo empalhado. O objetivo desse rito eminentemente agrário, elucidam Mauss e Hubert, era permitir o consumo de novos cereais e conceder aos cidadãos uma bênção especial nos seus futuros trabalhos agrícolas.

Em linhas gerais, Mauss e Hubert sugerem que todo sacrifício propicia a comunicação e a produção de uma continuidade entre os homens e o mundo divino. E isso ocorre mediante a presença da vítima -objeto ou ser vivente- que se submete a um processo de sacralização, ou seja, de contato com uma realidade separada ou sobre-humana. A destruição dessa vítima significa a liberação de uma espécie de substância sagrada, que é transferida ao sacrificante.

No ensaio sobre o sacrifício, Mauss e Hubert destacam também que o puro e o impuro não são contrários que se excluem, são dois aspectos da realidade religiosa. O sacrifício porta a ambiguidade das forças religiosas, sendo apto ao bem e ao mal, e a vítima representa tanto a morte quanto a vida, tanto a doença quanto a saúde¹⁴.

Mauss e Hubert sugerem que o sacrifício estabelece uma espécie de contrato entre humanos e deuses, pois se os últimos garantem existência dos primeiros, a recíproca é certamente verdadeira. Os deuses adquirem o seu alimento dos homens. Estamos, assim, diante de uma espécie de reciprocidade, na qual a generosidade e a abnegação flertam com o retorno egoísta, na qual “o desprendimento mistura-se ao interesse” (pág. 107). Algo muito próximo seria proposto por Mauss, anos depois, em seu “Ensaio sobre a dádiva”, desta vez versando não sobre a relação entre os homens e deuses através de vítimas cerimoniais, mas sobre a relação dos homens entre si através de objetos destinados à troca.

Mauss mostra que a dádiva está na base das grandes civilizações antigas presente também nas nossas sociedades, e que a coisa recebida não é inerte: ela quer voltar à fonte. Os deuses e os homens contraem necessidades, obrigações e graças. Esta dinâmica é alimentada por uma força que une humanidade e divindade, indivíduos entre si e indivíduos em

coletividade, tendo no elemento simbólico a sua força e a sua eficácia; e aqui encontramos no elemento simbólico a correspondência com a ação divina que, conforme argumenta Leloup (2008), vincula, unifica e restaura a inteireza vital.

Considera-se necessário comparar com o que frequentemente acontece nas *raves*. Como já é sabido, estas acontecem longe dos centros urbanos, em horário pouco convencional, por isso os participantes têm de enfrentar estradas durante a madrugada, ou precisam acordar cedo para não perder a atração principal da festa que, costumeiramente, aparece entre as 05h e as 08h da manhã. Muitas vezes enfrentam chuva, atolamentos, ou mesmo muito sol, dançam por horas a fio sem parar, pagam um valor alto pelo convite, pedágios, gasolina, bebida e muitas vezes em drogas.

Através do relato de duas pessoas que participaram do último Universo Paralelo (festival de música eletrônica que acontece no réveillon na Bahia, com duração de 7 dias), no final de 2009, pôde-se constatar que no local não havia banheiro suficiente para o número de participantes e com isso as pessoas defecavam e urinavam em qualquer lugar próximo a barracas de camping ou atrás de uma árvore, gerando um cheiro horrível de urina e fezes. Ainda relatam que o calor era insuportável e não tinha chuveiro para todos, o banho era no mar, por isso não aguentaram ficar os 7 dias e voltaram após a virada do ano, mas contam que milhares de pessoas continuaram por lá, naquelas condições precárias de sobrevivência.

Poder-se-ia perguntar se esta não seria uma forma de sacrifício que o *raver* faz para poder vivenciar o momento da festa? Acredita-se que enfrentar tanto as condições climáticas quanto às condições que a própria festa impõe, é uma das formas que o *raver* tem de já entrar no clima da festa; tanto sacrifício seria a forma de obter a sensação de satisfação que supostamente a *rave* proporciona.

Voltando à noção de sacrifício, podemos observar que esta é uma noção central para as teorias religiosas e da festa, como demonstra Bataille (1973). Para ele, a religião é a procura da intimidade com o divino, perdida com a

instauração da dicotomia sujeito/objeto, ou seja, a transcendência no mundo. Este raciocínio relaciona-se às noções de "mal-estar na civilização", "nostalgia da imanência", e "animalidade", não se aplicando, evidentemente, a todas as sociedades e, aceitar que a festa, como o sacrifício ritual, é uma mediação capaz de estabelecer o contato temporário entre o sagrado e a sociedade dos homens.

Nas *raves*, assim como no carnaval, os presentes são levados ao transe ajudados pela iluminação, pela decoração e por substâncias que alteram a percepção e a consciência. O principal elemento, entretanto, que caracteriza uma festa é a presença de música. Esta é comandada pelo DJ que, conseqüentemente, dita o andamento de toda a comemoração. O espaço da festa pode ser caracterizado, então, como um espaço sagrado na contemporaneidade. Ir a uma *rave* é fazer parte daquela celebração.

Conforme Manoel Cuenca, são três os valores dominantes no ânimo festivo: a alegria, a espontaneidade e a liberdade compartilhada – juntamente com duas características comunitárias inerentes ao espírito da festa: o excesso e a ruptura. “A vivência desses valores e sua manifestação são unidos a cada pessoa e a cada povo, em cada momento da História” (CUENCA, 2001: 58).

A *rave*, assim como qualquer festa, é antes de mais nada e acima de tudo, um ato coletivo extraordinário, extratemporal e extralógico (MAFFESOLI, 1998: 19). Ela reúne uma fusão coletiva em estado de exaltação, reunida em consagração a algo ou alguém e, dessa forma, desprende-se do estado linear e cotidiano da vida, “pois a festa é uma sucessão de estados fugidios, presididos pela lógica do excesso, do dispêndio, da exacerbação, da dilapidação”. Isto é, o estado da festa é o estado de um outro mundo, em que diferentes formas de se experimentar a vida social acontecem de maneira a exaltar os sentidos e as emoções. A *rave* representaria, então, um momento não formal, mas também não ordinário, de reinvenção do cotidiano.

Num festejo moderno, o DJ descortina o imaginário dos festeiros através da música (e, geralmente, conta com o auxílio de iluminação especial, projeções de imagens em telões, peças de decoração etc.), inserindo-os num ambiente de grandeza e delírio ultrapassadores.

Assim como um culto religioso, a experiência de uma festa nunca se repete – e nem a *set list* do DJ. Como condutor da noite, ele torna tudo especial e único, pois monta sua lista de músicas de acordo com inúmeras variantes (público, lugar, equipamento, inspiração, vontade, etc.) que jamais se combinam da mesma forma. “Assim, ver um *set* de um grande DJ numa noite especial é como a passagem de uma escola de samba, sabe? Perdeu, perdeu. Não viu, paciência. Nunca mais aquilo vai se repetir” (PALOMINO, 1999).

É essa e nessa atmosfera onde acontece uma das formas de produção cultural de nossos tempos, pois a festa está presente, em maior ou menor número e intensidade, em praticamente todos os povos – todos seduzidos pelo clima fascinante que ela nos apresenta, já que é uma produção cultural de eficácia simbólica. A festa trata de um fenômeno cultural bem demarcado, um tempo coletivo no qual diversas experiências acontecem.

Numa *rave*, assim como em qualquer festa, o tempo é o agora, não importando qualquer episódio que não esteja acontecendo durante aquele instante de ruptura com o cotidiano. A festa é um símbolo daquilo que não podemos tornar definitivo, por isso sua dimensão de catarse contemplativa. “Ninguém faria festa todo dia. A festa é o que interrompe o usual” (BARROS, 2002: 67).

O tempo da festa, portanto, não é histórico, é cósmico. “O tempo da festa não é tempo livre senão um parêntese de cotidianidade que nos remete a um tempo sagrado” (CUENCA, 2001: 59). As *raves*, subvertem inclusive o próprio tempo das festas, pois costumam começar em horários peculiares, muitas vezes em dia claro, e dificilmente têm uma hora exata marcada para terminar. “Uma festa acontece sempre em um tempo original. E

precisamente é essa integração do tempo original e sagrado o que diferencia o comportamento de antes ou depois” (ELIADE, 1992: 80).

Sabe-se, entretanto, que “todas as religiões ligam o culto à festa” (BARROS, 2002: 64). As religiões indígenas e negras fazem festas celebrativas em consagração aos seus deuses com os elementos da natureza, a música e a dança. “Nas religiões tradicionais, a festa é a irrupção do divino no mundo. (...) A festa é o momento de Deus invadindo o tempo dos humanos (...)”. (BARROS, 2002: 61).

Todos esses exemplos atestam que a festa sempre foi um momento de comunhão com os deuses, mesmo que exista diferença entre algumas motivações. “A música e a dança são elementos cruciais de ligação entre as pessoas, são os fios condutores dessa operação alquímica” (HERSCMANN, 1997: 73). Há quem festeje para ficar próximo de Deus, e há aqueles que festejam para que Deus fique próximo deles. Em sua eficácia simbólica, a festa aproxima-se da arte. “Os homens sempre fizeram arte preocupando-se com algo mais que seu valor pragmático; por exemplo, pelo prazer que proporciona, porque seduz ou comunica algo de nós” (CANCLINI, 2003: 113). O sagrado, contudo, é a causa maior que une a festa ao céu.

Um dos registros mais remotos das festas vem de cerca de 2400 a.C. As Bacantes, peça de Eurípedes, relatava os primeiros passos do culto a Dionísio, deus do vinho e da vindima. Os gregos atribuíam, inclusive, o nascimento da dança ao nascimento de Zeus, deus pai deles. Acompanhando esse ritual, havia substâncias, como álcool e ervas que alteravam o estado de consciência – tudo controlado por pajés ou xamãs. “Com a mudança para o contexto urbano e a desvalorização das culturas antigas, a sociedade atual perdeu o controle desses elementos” (BARROS, 2002: 66).

A geração *hippie*, nos anos 70, sintetiza bem essa relação festas/drogas. De mochila nas costas, eles andavam pelo mundo a fim de “tomar aquele velho navio”, encontrando-se sempre em festas e agrupamentos de pessoas (também *hippies*), onde todos ouviam, produziam e executavam música,

consumiam substâncias ilícitas (geralmente maconha e LSD) e transcendiam da realidade caótica que surgia nas grandes metrópoles. “Em qualquer centro urbano, havia um local onde esses remanescentes da contracultura se enturmavam para ‘trocar idéias’ e de onde lançavam todo tipo de moda” (CARMO, 2000: 119).

Nas festas do século XXI, o natural deu lugar ao sintético, inclusive nas substâncias consumidas; hoje, a droga que se usa nas *raves* não são as drogas vindas da natureza, e sim, as drogas feitas em laboratório. O *ecstasy* reina absoluto como a droga mais consumida entre os jovens (sem contar o álcool e o cigarro, ainda vistos de maneira muito branda pela sociedade). A presença desse tipo de substância em várias configurações de festas ao longo da História mostra que está acontecendo uma ressignificação do ritual original da festa religiosa.

Do vínculo *Rave/Religião*, é possível extrair o caráter efusivo que esses modelos de cerimônias infundem. “Em ambas observam-se as mesmas manifestações, como, por exemplo, cantos, música, danças, busca de excitantes que aumentem o nível vital” (PEREZ, 2002: 23).

Celebração da vida, as festas podem ser vistas como variadas formas de viver a experiência humana em sociedade. A festa instaura e se constitui num novo mundo, outra forma de vida social marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e emoções – de modo marcadamente hedonista – e, paradoxalmente, pelo não-social (VIANNA, 1988: 110). “A *rave* é uma espécie de parada na vida cotidiana, como um momento contemplativo no meio da ação diária” (BARROS, 2002: 67). Essa suspensão do dia a dia cria uma realidade utópica, possível apenas no tempo da festa.

Para o homem religioso, a festa é um meio de se chegar ao sagrado, de transcendência da realidade. “Na festa, reencontra-se plenamente a dimensão sagrada da vida, experimenta-se a santidade da existência humana como criação divina” (ELIADE, 1992: 80). Isso acontece porque o tempo da festa é um tempo sagrado. “Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar

ab origine e que é, ritualmente, tornado presente”. É como se os participantes da festa tornassem-se contemporâneos do acontecimento mítico que a originou.

3.2 Raves e Rituais (Ritual Tribal)

Seguir-se-á, neste tópico, o que diz Borges (2003) em seu artigo sobre Raves: Ritual Tribal contemporâneo no site Nova (2003).

Em rituais tribais diversos, há uma busca coletiva de um “estado alterado de consciência”, também chamado de êxtase, nirvana, transe, consciência cósmica, supra consciência, etc, que na verdade são nomes para a mesma manifestação. Para se chegar ao transe desejado, os xamãs adotam práticas que provocam um perfeito alinhamento entre o corpo, mente e alma, dessa forma atingindo uma, suposta, comunicação dos índios com os seus deuses. Durante essa comunicação, os índios adquirem ensinamentos necessários para a vivência no seu dia a dia. As características principais dos rituais são o uso de músicas, danças coletivas e plantas alucinógenas.

O uso de plantas é a forma mais poderosa de se chegar ao estado alterado de consciência. Chamadas pelos índios de “plantas sagradas”, “plantas de conhecimento” e “plantas de poder”, têm a finalidade de alterar a percepção, aumentando a acuidade visual e auditiva. As plantas são utilizadas para diversos fins, de acordo com cada ritual, como para terem visões devido a seus efeitos psicoativos, para conectarem-se com o plano divino e espiritual, para trabalho interior, expansão da consciência, para cura de diversas enfermidades físicas, emocionais e espirituais. Vários povos utilizam “plantas sagradas”, desde os astecas, celtas, incas, maias, nativos americanos, até os povos indígenas do extremo sul-americano.

A música também se torna um estímulo para se chegar ao transe, através de batidas rítmicas de tambores e chocalhos. Os tambores, com batidas

fortes, constantes e repetitivas, com batimentos entre 150 a 200 batidas por minuto, emitem sons em baixa frequência, que produzem modificações no sistema nervoso. Os nativos associam o toque do tambor às batidas do coração da Mãe Terra e também ao som do útero. Danças coletivas, exercícios de respiração, mantras e cânticos também ajudam nesse processo.

O Xamã concentra em si a atividade religiosa de guia espiritual das sociedades tribais. Ele tem o dever de conduzir seu povo a uma cura mental e espiritual através de um estado coletivo de transe. É ele quem recebe o poder e o conhecimento para ajudar e curar os outros; é também, quem dita o ritmo do transe, ao toque do tambor. A palavra xamã vem do *tungue* (*saman*), aparentado com o termo sânscrito *sramana*, aquele que é inspirado pelos espíritos.

Esses rituais fortalecem os laços de sociabilidade do grupo, pois seus membros experimentam e vivenciam a vida da mesma forma, gerando o sentido tribal de viver, diferentemente dos laços impostos por leis, por exemplo. Contudo, esse sentido tribal foi desaparecendo à medida que a sociedade foi se desenvolvendo através da formação de estados, industrialização, leis e das instituições religiosas e hierárquicas, que juntos foram domesticando, catequizando e impondo valores à sociedade, facilitando o controle do poder, levando rituais da hora tribal a dar lugar a celebrações religiosas institucionalizadas e dogmáticas.

A *rave* recupera esse sentido tribal de celebrar a vida, as batidas dos rituais tornam-se eletrônicas, e as drogas sintetizadas em laboratórios, com os mesmos efeitos de plantas alucinógenas. Em ambos ambientes, seja no ritual xamânico ou eletrônico, temos a dança que representa a busca por um estado coletivo de transcendência. Podemos até traçar uma relação entre os DJs e os Xamãs, pois ambos, tanto o primeiro nas *raves*, quanto o segundo nos rituais, controlam o ritmo, a frequência e a velocidade do som, proporcionando aos demais o estado de transe. O DJ Goa Gil dizia que o *Trance* “redefine o antigo ritual tribal para o século XXI”.

Porém, essa busca do transe não é particular apenas dos rituais tribais (ou dos frequentadores das *raves*). Encontramos formas parecidas em religiões orientais, afro-brasileiras e até mesmo nas religiões protestantes, quando o pastor entra em uma espécie de “êxtase profético” orando em voz alta e levando as pessoas também a entrarem em transe numa busca de uma experiência com Deus.

Souza (2002), em seu texto “A cibermúsica, djing, tribos e cibercultura”, traça as características principais do transe buscado na *rave* e o que a diferencia dos transes religiosos:

[...] um prazer hedonista, despolitizado e pagão. Hedonista porque imediato e em função do prazer; despolitizado, porque é uma cultura além-Estado, além-Governos, além-Instituições, globalizante e universal, sem bases em partidarismos; e pagão, na medida em que nenhuma religião é eleita como coletiva, nenhum deus é eleito como norteador (SOUZA, 2002, p.09).

Podemos pensar aqui que essa forma de encarar as *raves* seria mais um ideal do P.L.U.R., um lugar onde não há uma religião a ser seguida ou um partido político eleito, mas cada um é aceito na sua individualidade, com suas características de princípios próprios. Um lugar onde cada um tem suas próprias crenças e é aceito dessa maneira por todos do grupo.

4. DESCRIÇÃO ANALÍTICA DAS ENTREVISTAS

Será feita uma breve descrição das entrevistas, colocando as principais impressões sobre cada uma delas; posteriormente, encontram-se na íntegra nos anexos deste trabalho.

De acordo com as peculiaridades para se realizar uma entrevista psicanalítica, as pessoas escolhidas são frequentadores das *raves*, que possuem uma vivência com esse tipo de festa, considerando-se que estes indivíduos possam ajudar a encontrar respostas e até mesmo colaborar com alguns conceitos, e talvez, novas questões acerca do tema. E para encontrar esses entrevistados, procurou-se participar a algumas festas *raves* e também foram feitos alguns contatos com pessoas as quais sabia-se serem frequentadoras das *raves*.

A psicanálise trabalha especialmente com a escuta das repetições, e o fato de fazer mais de uma entrevista, levou à percepção de que algumas delas falavam mais alto, eram repetidas na grande maioria das entrevistas, sendo as produzidas no discurso dos entrevistados. Usar-se-ão nomes fictícios para não expor a identidade dos sujeitos.

Para a realização da primeira entrevista, foi necessário comparecer à uma festa *rave* em julho de 2008. Era uma festa considerada comercial pela grande maioria dos frequentadores pois contava com um público de 20 mil pessoas. Uma hora após chegar à festa, um rapaz aproximou-se para conversar com nosso grupo de amigos. Alguns minutos de conversa, e o rapaz começou a falar sobre sua vida, sem ao menos conhecer-nos, e por ter se mostrado tão disposto a falar, pensou-se que seria interessante realizar a primeira entrevista. Após a identificação da entrevistadora como psicóloga e mestranda de Psicologia Clínica, explicou-se qual o trabalho, o objetivo na festa e o tema da dissertação: as festas *raves*. Ao questionar sobre a entrevista e tendo esta sido concedida, usou-se do gravador registrando-se o nome e a idade do entrevistado.

Daniel é um rapaz de 29 anos e reside no interior de São Paulo, não trabalhava e não estudava à época da entrevista. Era gerente de loja e disse que no momento estava dando um tempo, revendo tudo e “zuando pra caralho”. Diz nunca ter imaginado que aos 29 anos sua vida chegaria a esse “pico” a ponto de conhecer todo mundo.

Ao perguntar o que o fazia ir até a *rave*, Daniel diz que é pelo contato com as pessoas, a energia do lugar e usar drogas. Acredita que as pessoas não devem ocultar as coisas; conta que o público que frequenta as festas, extravasa e quando sai de lá são outras pessoas; que as pessoas devem ser originais, “temos que ser a gente mesmo”.

Daniel ainda fala a respeito do povo brasileiro, que é um povo bacana, mas muito oprimido e sem voz, um povo muito carente de uma voz maior e percebe isso nas meninas: quando vai beijar uma menina e ela está acompanhada de outra amiga, esta pergunta para a amiga se pode beijar. Não tem vontade própria, precisa perguntar para alguém. Ainda completa afirmando que o mais importante para uma pessoa é manter um equilíbrio e ter sinceridade, pois quando você é sincero com você mesmo e com as pessoas você não teme nada, você não tem monstro nenhum dentro da sua cabeça, você fica livre, você cria um sorriso na mente e contagia todo mundo. Daniel diz que a sinceridade é a chave para a felicidade.

A conversa com Daniel durou em média 30 minutos. Ele falou sobre sua experiência com as drogas e pode-se considerar um dado surpreendente a quantidade e diversidade de drogas que disse consumir cotidianamente. Contou que frequenta as *raves* para estar com os amigos, mas, principalmente, para consumir drogas.

Ah! Eu uso drogas mesmo, porque eu tenho muitos neurônios, e quando acabar, ainda vão sobrar dois, o Tico e o Teco; o Teco é ciumento, mas o Tico nem liga! Eu sou bonzinho, mas eu sou desastrado, eu ajudo o velhinho atravessar a rua, mas eu tropeço! (DANIEL, 2008).

O que chamou a atenção nesta entrevista, além do alto consumo de drogas, foi o fato do entrevistado aos 29 anos não ter nenhuma perspectiva com relação ao seu próprio futuro, não falar em voltar a trabalhar ou estudar, em relacionamentos, apenas que usa muitas drogas e gosta muito das festas, parecendo estar satisfeito. Isso é evidente, pois no início da entrevista Daniel diz que não imaginava que aos 29 anos chegaria a um “pico” a ponto de conhecer todo mundo. Fala como se essa fosse sua meta na vida, e a *rave* é o lugar onde extrapola todos os seus limites.

Quando comenta a respeito do povo brasileiro, acredita-se que está falando dele mesmo, dos próprios sentimentos. É possível que este jovem rapaz sinta mesmo a falta de uma voz maior, uma carência que busca suprir na *rave* e com as drogas, como se nestas ele pudesse ser ele mesmo, livre de todos os monstros que habitam sua cabeça.

A segunda entrevista realizada na mesma festa em julho de 2008, feita com Flor, de 28 anos, realizada muitas horas após a primeira, pois foi difícil encontrar alguém com disposição para ser entrevistado. Ao reencontrar-se com uma conhecida e falar sobre este trabalho e sobre uma entrevista, esta aceitou imediatamente.

Flor é bióloga e também não trabalha na sua área, mas como assistente comercial. Frequenta *raves* há 10 anos e diz que infelizmente as festas de hoje são bem diferentes das quais frequentava. Ressalta que hoje, a maioria vai apenas para usar drogas, assim como disse o entrevistado anterior.

O que causou a atenção nesta entrevista, mas não se teve tempo suficiente para averiguar, é o fato de a entrevistada frequentar *raves* há 10 anos e dizer que as festas mudaram para pior. Ainda assim, continua frequentando, apesar de achar que a qualidade diminuiu não pensa em parar de frequentar. Baseando-se nesta entrevista, pode-se pensar que Flor identifica-se com o grupo que frequenta as *raves*, e embora vá também pela música, parece que estar na festa é estar em “casa”. O conhecimento de Flor deu-se durante uma festa realizada no interior de São Paulo no ano de 2006, percebendo-se que esta conhecia muitas outras pessoas há alguns anos,

considerando-se este um dos fatos pelo qual ela nunca deixou de freqüentá-las. Afinal, além da música, do consumo de drogas, Flor é muito conhecida e muitas vezes reconhecida nas festas, sempre rodeada por muitos amigos. Pôde-se notar que a droga para esta entrevistada não é o fator principal para ser uma *raver*. Ela ressalta que os motivos que a levam a frequentar as festas é por não ter brigas, ser um lugar de união entre as pessoas, todos se respeitam, um lugar para encontrar muitos amigos e conhecer novas pessoas.

Outra questão que chamou a atenção na entrevista com Flor é que, apesar de ter aceitado dar uma entrevista com certa facilidade, não queria perder muito tempo conversando sobre isso. Logo deu um jeito de ir embora. Isso leva a pensar que talvez ela não quisesse perder nenhum minuto daquela festa, que não queria deixar de dançar ou sequer correr o risco do efeito da droga passar, mas também não sabia quais eram os seus reais motivos para estar lá. Será que Flor sabe porque vai às festas? Será que alguma vez ela havia parado para pensar nisso? Talvez quando se viu diante dessa questão e não sabia exatamente o que dizer, achou melhor sair e não pensar.

Nessa entrevista há algumas coisas em comum com a primeira, pois, assim como Daniel, Flor também fala das drogas, não com a mesma intensidade, contudo, as drogas fazem parte dos seus motivos para frequentar uma festa. Os dois falam de estar perto dos amigos e conhecer novas pessoas, mas o que fica de mais marcante nos dois discursos é que na *rave* eles se sentem livres para fazer o que quiserem, e percebe-se mais uma vez, que a entrevistada gosta de ser conhecida e reconhecida, ter a admiração das pessoas.

As duas próximas entrevistas foram realizadas com pessoas que também já eram conhecidas fora das festas, podendo-se observar muitas semelhanças entre elas e os entrevistados.

Marcos, jornalista de 29 anos e Antunes, administrador de 27 anos, falam basicamente as mesmas coisas. Contam que começaram a frequentar as

raves por influência dos amigos e nunca haviam usado drogas até então. contam que no início tudo era motivação para ir à festa e usar drogas, dizem No início, tem-se a impressão de que as pessoas são felizes quando estão na *rave*.

Marcos conheceu as festas no ano 2000, mas começou a frequentá-las no fim de 2002 com um grupo de amigos de sua cidade. Afirma que a *rave* é um lugar onde as pessoas se amam, se respeitam e são educadas. Diz ainda que, no início das festas, a grande maioria dos frequentadores eram pessoas estudadas, pós-graduadas, pessoas cultas e que preservam a natureza. Assim como Daniel, Marcos também fala a respeito do Brasil, comentando que este é em um país onde se precisa pedir para um carro parar para não ser atropelado, um país de terceiro mundo, e a *rave* acaba parecendo ser um mundo melhor e civilizado, onde as pessoas se respeitam e se ajudam e podem contar umas com as outras.

Mas comenta que acredita que o universo da *rave* vai acabar. Já acabou, na verdade, o ideal de *rave* (a *rave* de Goa), ideologia religiosa, filosofia de vida. Conta que hoje virou comercial, um negócio para se ganhar dinheiro e que talvez acabe por causa da proibição das drogas. Marcos continua dizendo que no início você vai e é feliz, embalado pela música e por diversas drogas, com isso acaba esquecendo os problemas, como se o mundo fosse perfeito, mas quando volta para a casa há os mesmos problemas, mesma família, você percebe que o mundo não é perfeito e a *rave* é uma mera fuga da realidade.

Antunes conheceu as *raves* no ano de 2001 e começou a frequentá-las por influência dos amigos. No início ia apenas por causa das drogas e porque as pessoas são bacanas, as pessoas são bonitas, e, como Marcos, acha os frequentadores elitizados e intelectuais.

Ao longo do tempo, os dois relatam que alguns amigos começaram a vender drogas e alguns deles acabaram sendo presos, fato que os levou a repensar seus conceitos sobre as festas e parar por um tempo de frequentá-las.

Marcos relata uma de suas experiências que, após consumir um grande número de drogas, perdeu a consciência, foi encontrado caído com o rosto muito machucado, não se lembrando absolutamente de nada, porém, todos os dias ao se olhar no espelho lembra-se ao ver que, devido a uma fratura no maxilar, seu rosto nunca mais foi o mesmo.

Mas o que mais chamou a atenção nestas duas entrevistas é que ambos, após passarem por momentos difíceis e traumatizantes nas festas, após algum tempo, voltam a frequentar as festas, mas com outra visão e com um pouco mais de cautela. Isso é notável quando os dois falam que hoje não usam mais drogas e que vão às festas apenas para estar junto aos amigos, curtir um som que eles gostam e se divertir, pois dizem que o ambiente da *rave* é muito agradável por ser ao ar livre e ter apenas pessoas muito bonitas. Antunes termina a entrevista dizendo que hoje tem projetos de futuro. Esta fala de Antunes remete aos entrevistados anteriores, pois Daniel, em nenhum momento, fala de futuro, e Flor diz que, mesmo não estando feliz com seu emprego, não vê possibilidade de futuro em sua área. Seria esse mais um ponto em comum nesses *ravers*? A ausência de perspectivas no próprio futuro. Mais uma vez não se vê essas pessoas criando vínculos ou laços sociais, mas voltadas para a satisfação do prazer aqui e agora.

A próxima entrevista assim como a de Marcos e Antunes foi realizada com um amigo que frequenta as *raves*. Não uma entrevista programada, ocorreu durante uma conversa numa festa.

Ao conversar com Miras, pediu-se que contasse sobre sua experiência com as *raves*, como e quando foi que conheceu essas festas, porque começou a ir e com quem foi pela primeira vez. A partir daí, surgiram outras questões.

Miras tem 23 anos, é estudante de design gráfico, reside no mesmo lugar desde que nasceu, cresceu ao lado de um grupo de amigos que moram próximos à sua casa e junto a esses amigos vivenciou muitas experiências em sua vida, inclusive com as festas *raves*.

Miras e seu grupo de amigos sempre gostaram de música e, por volta do ano 2001, montaram uma banda de *pop rock*, participaram de alguns concursos e ganharam um deles. Em 2003, alguns amigos desse grupo foram pela primeira vez em uma festa *rave*, ficaram encantados com a festa, com o som da música eletrônica e convidaram o restante da turma para ir a uma próxima festa, iniciando-se assim a história de Miras com as *raves*.

Miras ficou curioso para conhecer uma *rave*, e pela primeira vez disse que foi com a idéia de que ia para ficar “muito louco”, porque achava que a *rave* seria um lugar legal para isso. Como já havia experimentado drogas em sua vida, ficar “muito louco” era poder usar drogas e ficar “louco” junto aos amigos num lugar legal, ficar “muito louco” era muito gostoso.

Questionado por que era gostoso ficar louco, respondeu que era porque sentia uma sensação de liberdade, esquecia os problemas por alguns momentos e se divertia muito com os amigos.

Após o primeiro contato com as *raves*, assim como os amigos que haviam ido anteriormente, Miras apaixonou-se pelas festas e pelo som da música eletrônica, continuou a frequentar, e com o passar do tempo, ele e seus amigos deixaram de lado a banda de *pop rock* e se tornaram DJs. Compraram aparelhagem de som necessária para tocar música eletrônica e logo promoveram uma festa *rave* que acontece ainda nos dias de hoje.

Miras comenta que gosta muito de ser DJ e que ver as pessoas curtindo e dançando ao som da música que ele está tocando alimenta o seu ego, que é uma sensação muito boa, uma sensação de satisfação. Ainda conta que, no início, frequentar *raves* era apenas para ficar “muito louco”, mas hoje em dia vai por causa do som e por ser mais um lugar legal para estar com seus amigos. Hoje consegue ir sem usar nenhum tipo de droga, nunca precisou ir às *raves* para usar drogas.

Aqui podemos pensar na *rave* com outra perspectiva: a de quem vê na festa uma possibilidade profissional e, ao mesmo tempo, uma forma de obter sensação de satisfação através do seu trabalho com a música eletrônica.

Acredita que a *rave* seria uma forma de esquecer os problemas e sentir-se livre, sem se preocupar, e que, quando está em uma *rave* sente-se protegido, porque lá ninguém vai julgá-lo, mas, ao contrário, vão ajudá-lo a ser uma pessoa melhor.

Também acho que na *rave* todos querem a mesma coisa, todos nós queremos liberdade, paz, respeito, união... na *rave* podemos ser nós mesmos, a música, a altura do som, a batida e os mantras misturados à música eletrônica nos levam a dançar livremente e nos levam a uma viagem única em cada festa.

Sobre esta entrevista pode-se afirmar que Miras seja uma pessoa com grande interesse por música de uma forma geral e sempre gostou de estar no palco, ocupando assim um lugar de destaque. Considera-se também que começou a frequentar *raves* por influência dos amigos, porém, não se coloca apenas no lugar de frequentador, pois, de alguma forma quis ocupar outro lugar onde pudesse ser reconhecido, tornando-se, assim, um DJ.

Parece que Miras busca sempre uma afirmação vinda do outro. Uma pessoa que precisa dessa afirmação para poder se reconhecer como um sujeito capaz de despertar bons sentimentos, mas que busca reconhecimento.

A cultura da música eletrônica leva o Dj à sublimação através da música. O artista tem a capacidade de transferir seus interesses para a fantasia, e neste caso, o Dj utiliza-se da música para representar essa fantasia, obtendo e proporcionando prazer e recebendo, também, admiração do outro. Desta forma, faz uso da sublimação para obter prazer e evitar os sofrimentos advindos da realidade. Pode-se contrapor esta idéia de sublimação do Dj com a idéia de narcisismo, pois tem algo que se repete sempre sem ser elaborado, e o Dj pode, então, não necessariamente sublimar, mas apresentar uma questão narcísica, falando-se de reconhecimento e valorização vindas do outro, o que faz com seu ego sinta-se reconhecido e valorizado.

O eu do homem é educado pouco a pouco para apreciar a realidade externa e para obedecer ao princípio de realidade por influência da pressão exterior. Nesse processo, tem que renunciar de maneira transitória ou permanente, a diversos objetos e metas para os quais está voltada a sua busca de prazer – não só sexual. Mas sempre é difícil para o homem a renúncia ao prazer; não a leva a cabo sem algum tipo de compensação. Por isso reservou uma atividade da alma em que concede a todas estas fontes de prazer e a estas vias abandonadas uma sobrevivência, uma forma de existência que as emancipa do requisito da realidade e do que chamamos 'exame de realidade' (FREUD, 1917/1996, p. 339).

Contudo, pode-se notar, tanto na fala de Miras como na dos outros entrevistados, que a *rave* é um lugar que lhes proporciona uma sensação de estar inserido em um grupo no qual a maioria dos participantes está em busca de algo em comum. Há aqui uma identificação com o grupo e as massas.

As duas próximas entrevistas foram realizadas com três organizadores de uma festa *rave*, e foram marcadas separadamente com o casal Diogo e Talita e com Renato, porém, são muito parecidas.

Diogo é fotógrafo, tem 29 anos; Talita, sua esposa, é professora de educação física e Vj¹⁵, tem 26 anos; Renato tem 31 anos, é publicitário. Todos são organizadores de uma festa *rave*.

Diogo, Talita e Renato falam da *rave* como um estilo de vida. Acreditam que através do *trance* pode existir um mundo melhor no qual as pessoas se respeitam, cultivam a natureza e compartilham experiências e, segundo eles, isso pode ser vivenciado em um festival de música eletrônica.

Para Diogo, a festa seria uma fuga da realidade onde ele vai para recarregar suas energias e voltar a viver no caos da cidade grande. Vê a *rave* como sendo um lugar ideal.

Talita completa dizendo que eles vão para as festas também por causa das amizades que existem lá; que a maioria de seus amigos são amigos de festas e lá é seu habitat, sente-se em casa.

Diogo lembra que ambos trabalham nas festas, ele como fotógrafo e ela como Vj, é também uma fonte de renda, mas, acima de tudo, um estilo de vida. Dizem, assim como Renato, que tentam viver a ideologia do P.L.U.R diariamente, seguem o calendário Maia e que a *rave* é o seu ambiente.

Renato afirma que sempre teve tudo o que quis, sempre estudou nas melhores escolas, nunca lhe faltou nada, mas nunca teve satisfação.

Segundo os três, estar na *rave* é poder entrar em contato com você mesmo e repensar suas atitudes, é poder ser você mesmo sem se preocupar com o que os outros irão pensar. É, acima de tudo, poder passar algum conhecimento para o outro e ajudar no crescimento de cada um.

Estes participantes, assim como Miras, veem na *rave* uma possibilidade de trabalho, cujo vínculo com a festa é outro, pois se sustentam com o trabalho realizado em festas; *raves* é uma forma de sobrevivência.

Diogo e Talita tiveram a oportunidade no ano de 2008 de participarem de 5 festivais na Europa e puderam observar algumas diferenças com as *raves* brasileiras, principalmente no que diz respeito à cultura. Relatam que na Europa os festivais de música eletrônica são frequentados por pessoas de todas as idades, muitos participantes entre 40 e 60 anos. As famílias vão juntas para os festivais, avô, pai e neto frequentam juntos. Mas o que há em comum em todos os lugares é a música, pois a mesma do Brasil é tocada em todos os cantos do mundo. Danilo e Talita, atualmente, não usam nenhum tipo de droga entorpecente e nem álcool. Já usaram muitas drogas, mas hoje preferem curtir a festa sem nada para alterar seu estado de consciência além da música, decoração e muita cultura.

Diogo vai para as *raves* há 12 anos, diz que a primeira vez caiu de paraquedas, foi em Maresias, litoral de São Paulo. Estava na praia quando viu uma movimentação, uns ônibus chegando com umas pessoas estranhas,

com roupas coloridas, ouviu um barulho de música, comprou um convite, entrou para ver o que era aquilo e diz que se apaixonou. “Era uma coisa fora da realidade que eu vivia”. Desde o jeito de se vestir até as pessoas se abraçando, dando risada, uma energia diferente; lá cada um tem seu estilo e ninguém está preocupado com a moda, relata Diogo.

O clima! Você chega num lugar e é diferente. Quando você chega num lugar e é bem recebido, as pessoas olham pra você no seu olho, ‘te’ cumprimentam, ‘te’ abraçam... ‘meu’, não tem como descrever, isso é muito... como eu vou falar? ... Isso me fez acreditar que a humanidade tem jeito, que as pessoas ‘te’ cumprimentam, olham no seu olho, abraçam, querem saber da sua vida. Não é em qualquer lugar que você encontra isso. Meus amigos são todos de festas hoje, não tenho amigos de prédio, de rua, os meus melhores amigos são amigos de festa, amigos que eu considero de coração mesmo.

Talita acrescenta que a experiência de conhecer os festivais na Europa foi mágica, que não falavam nenhum idioma e quando estavam no festival se sentiam em casa, estar num país diferente é o tempo todo tenso, não se sabe para onde ir, mas é só chegar ao festival que pode relaxar. “Ninguém consegue falar nada, mas não precisa falar, só pelo olhar você entende tudo”.

Diogo e Talita dizem que não vão às festas por causa da música, e sim, para estar com os amigos, trabalhar e fugir da realidade. Diogo comenta que quando chega a uma festa, ele se desliga de tudo e Talita complementa que é uma forma de recarregar suas energias.

Renato começou a frequentar as *raves* no ano 2000, aos 22 anos, e a primeira vez, assim como Diogo, caiu de paraquedas; foi com sua cunhada sem saber o que era e também se apaixonou. Apaixonou-se por todo o conjunto, estar num lugar no meio da natureza, ouvindo música agradável e com pessoas bacanas; relata ter sentido a sensação de estar no lugar certo com as pessoas certas.

Se encontrar, e pensar: “pô, aqui é o lugar, eu quero ser dessa galera, eu quero estar no meio e quero saber porque eu estou me sentindo bem aqui. É isso, sentir que está no lugar certo!

Para Renato, o objetivo da *rave* é tirar as pessoas do convencional, e diz que quando você está lá, começa a ter outros pensamentos que vão além da rotina e sempre acaba tirando algum aprendizado que leva para a vida toda.

Com base nas entrevistas de Diogo, Talita e Renato pôde-se perceber que a maneira pela qual essas três pessoas vivenciam a *rave* é um pouco diferente de como o observado em outras entrevistas, porém com muitas coisas em comum!

Um fator que se pôde notar nestas entrevistas é de que a *rave* seria uma interrupção na vida cotidiana, tal como o entrevistado Diogo fala que ir à *rave* num final de semana lhe dá forças para voltar para o “caos” da vida real. Ou quando o Renato diz que a decoração da festa tem o objetivo de tirar as pessoas do convencional do dia a dia.

Aqui se encontra exatamente o que foi citado no capítulo anterior sobre o divertimento, quando Amaral (1998) afirma que o divertimento (pressuposto da festa), é uma fuga da monotonia da vida cotidiana. Porém, a civilização precisa da “vida séria”, pois tem noção de que sem isto a vida em sociedade tornar-se-ia impossível. Portanto, a festa tem um papel fundamental, pois ao fim de cada cerimônia, de cada festa, os indivíduos retornam à “vida séria” com mais disposição. Vida séria aqui podemos entender como cotidiano, a pessoa vai para festa para fugir da rotina.

Pode-se concluir, através destas entrevistas, que a *rave* desempenha um papel fundamental na vida destes participantes, pois funciona como uma pausa na vida cotidiana. Parece que, muito além de formar laços sociais, a *rave* tem o papel de dar ânimo aos participantes, ânimo para viver o dia a

dia, porém deixa sempre um gosto de “quero mais”, não é uma satisfação plena, pois, no próximo final de semana, tem que voltar à *rave* para reanimar os ânimos.

Esta é apenas uma das interpretações que se pode apresentar com base nestas entrevistas.

A próxima entrevista foi realizada com a prima de um amigo, quando ao conversar com este sobre o trabalho, disse que acredita conhecer a pessoa certa para falar sobre o assunto, e que, na sua opinião, sua prima de 22 anos, estudante de relações públicas, tem uma intensa vivência com as festas *raves*, apesar do pouco tempo de frequentadora. Após conversar com Karina por telefone, a entrevista foi marcada.

A entrevista com Karina chamou a atenção desde o início de sua fala, pois pôde-se perceber que diferente de todos os outros entrevistados: estava totalmente disposta a falar sobre sua experiência e sua vida particular ao relatar suas histórias. Notou-se que, muito além de conceder uma entrevista para o trabalho do mestrado, a entrevistada queria conversar e falar de sua experiência com alguém que ela imaginava que pudesse entendê-la, talvez pelo fato de estar realizando uma pesquisa sobre o assunto. Karina estava à vontade e parecia que falava com prazer de suas experiências, apesar de algumas vezes estas não terem sido tão boas assim, mas o fato é que parecia que queria, de alguma forma, passar adiante sua experiência na intenção de que outras pessoas pudessem aprender com ela e tirar algumas lições com o que ela já havia vivenciado.

Karina, embora frequente as festas apenas há 4 anos, tem a mesma opinião de Flor, considerando que as festas mudaram muito e que o público decaiu, pois o que frequentava há 4 anos era de uma classe social melhor, que hoje as festas são banalizadas e a maioria vai apenas para usar drogas, para fugir da depressão.

Ela ainda conta que quando começou a frequentar nem sabia o que era *rave* a primeira vez foi com um primo e se assustou quando ao meio dia

estava indo embora, muitas pessoas estavam chegando. Continuou a ir de “perdida”, para saber como era e acabou gostando. Começou a frequentar todos os finais de semana, e conta que as *raves* começaram a ser uma fuga da realidade, onde ela conseguia estar 100% se divertindo, 100% feliz e 100% livre para ser quem ela era, que não se importava em pegar trânsito ou mesmo chuva para estar na festa.

Karina revela que sua relação com seus pais nunca foi muito boa, e que na *rave* sentia-se aceita e respeitada por todos, não precisando fingir ser alguém que não era. Mas no meio destas festas, ela acabou conhecendo alguns traficantes com quem manteve uma amizade por um tempo, até que em uma tarde em que estava na casa de um desses, houve uma batida policial e todos que estavam ali foram presos, por tráfico internacional de drogas, porte ilegal de armas, formação de quadrilha e crime organizado. Seu pai, ao chegar à delegacia do Denarc, pagou uma quantia grande para tirar Karina da prisão. Então sua vida virou de ponta cabeça e seus pais proibiram-na de sair de casa, usar telefone e frequentar *raves*.

Com o passar o tempo, e com a reconquista da confiança de seus pais, Karina volta a frequentar *raves*, e hoje fala que as festas são um “a mais”, uma diversão a mais que ela pode ter, e que vai continuar indo de vez em quando e usando drogas também.

Karina conta a sensação que tem ao usar drogas:

Olha! Não vou falar que é felicidade porque eu acho assim, quando você toma a primeira vez a bala, ai sim, é felicidade, mas depois que você se acostuma com a droga não é mais a mesma coisa, não é mais felicidade, você consegue controlar muito bem ela, não é mais a mesma coisa, a droga no começo nunca é a mesma coisa. Hoje você precisa tomar muito mais, não é nem pra sentir a mesma coisa, porque você não vai sentir a mesma coisa. Você nunca mais vai sentir a mesma coisa, você nunca vai sentir igual à primeira vez que você tomou alguma coisa na sua vida, mas é uma sensação que você sabe que vai sentir só naquele momento e é lá e vai acabar lá e você vai viver aquele momento e vai ser bom. Depois você vai voltar pra sua vida normal e tranquilo e não

vai afetar em alguma coisa na sua vida normal, só vai ter um “a mais” na sua vida. Vai ser um “a mais” naquele momento, que você tá lá, curtindo com seus amigos, a festa, eu acho que é um “a mais” mesmo, porque eu podia estar muito bem sem nada, normal, bebendo só tranquilo, nada de mais e eu estaria bem, mas eu poderia estar melhor, por isso que eu uso. Tô bem, mas se tiver de repente oportunidade, tanto que eu nem procuro nem nada mais.

Na entrevista com Karina, logo no início de sua fala, pôde-se notar uma semelhança muito significativa com relação às entrevistas anteriores: o fato de se sentirem livres e aceitos dentro do ambiente da *rave*.

Diogo, Talita e Renato vivenciam a *rave* como sendo um estilo de vida, e percebe-se que, em busca de alguma coisa que eles acreditam não ser possível encontrar se não for dentro de uma festa, quando eles falam que lá eles podem ser eles mesmos, assim como o Renato diz que ele tinha tudo, mas não tinha satisfação. Questiona-se, pois, por que seria tão difícil serem eles mesmos aqui fora?

O mesmo pôde-se notar na entrevista com Karina quando ela, desde o início de sua fala, diz que é uma garota “depressiva” e que a festa é o único lugar onde ela se sente aceita pelo o que ela é e pelo o que ela fala. Isso fica muito claro quando conta que apesar de ter sido presa e passado por momentos difíceis em sua relação com seus pais, ainda assim, a garota queria voltar para ambiente das *raves* e ter notícias dos amigos os quais ela acreditava que a aceitavam da maneira como ela acredita ser. Mesmo correndo o risco de abalar ainda mais sua relação com os pais, ela queria e voltou a frequentar as *raves* e a consumir drogas.

Parece que dentro das festas, eles se sentem acolhidos, e percebe-se nas falas que a *rave* é como se fosse “uma mãe protetora” que eles confiam, sentem-se seguros e acolhidos, como se fossem realmente unos com a mãe, não havendo separação e distinção, uma sensação de realização e satisfação intensa que fora das festas eles não vivenciam.

Como se do lado de fora fosse tudo muito ameaçador, viver na sociedade seria uma ameaça aos seus desejos mais primitivos. Poder-se-ia pensar que a *rave* proporciona um retorno a um estado regredido do sujeito, um estado de alienação, de desamparo.

5. APROFUNDANDO A ANÁLISE DAS ENTREVISTA

Nesta etapa do trabalho, far-se-á uma análise das entrevistas, primeiro falando um pouco mais a respeito das impressões como pesquisadora e, em um segundo momento, utilizando-se da psicanálise para lançar luz a estas entrevistas. No início, a análise apresentou-se de modo fácil, pois dividiram-se as entrevistas em grupos, como se fossem muito diferentes uma das outras; mas após ler e reler cada uma delas, chegou-se à conclusão que não é possível separá-las. E, embora, haja algumas diferenças entre elas, o elemento em comum é muito forte e faz com que todas estejam ocupando o mesmo lugar.

O que mais se repete é o fato de que todos os entrevistados enxergam nas *raves* um lugar liberado para o consumo de drogas, relatam que muitos participantes, como podemos observar na entrevista com Tico, não estão interessados em fazer novas amizades ou tampouco ouvir a música. Parece que o único intuito ao ir às festas é exclusivamente o de consumir drogas, alcançar, assim, uma satisfação através das sensações corporais.

Nota-se também, em todas as entrevistas, que há um ciclo semelhante na produção discursiva dos sujeitos, o qual se apresenta em três momentos.

No primeiro momento pode-se perceber que:

- Há uma entrega maior do indivíduo, uma empolgação com as festas.
- Há uma perda de limites, especialmente com as drogas.
- O prazer das drogas fáceis.
- O prazer de estar com os amigos.
- Ocorre uma idealização das pessoas, da qualidade das relações, da beleza física, dos sentimentos, do ambiente e do desenvolvimento intelectual dos frequentadores.

- Além disso, também, observa-se que há promessas de um mundo melhor e mais respeitoso.

Já no segundo momento, pode-se observar que:

- Há uma decepção com o ideal anterior, pois os indivíduos descobrem que a *rave* não é apenas um lugar de celebração, união entre as pessoas, mas também, um lugar para se ganhar dinheiro fácil.

- Decepcionam-se com a qualidade das pessoas, começam a pensar que as estas não são realmente felizes nem são tão intelectuais.

-Ocorre, neste segundo momento, uma perda de limites, especialmente em relação ao uso das drogas. É o que se observa no relato dos entrevistados, onde falam de experiências ruins e irreversíveis. Começam a olhar para os riscos que corriam em decorrência desta falta de limites.

- Finalmente, ocorre uma decepção com a fuga da realidade. Notam que muitas vezes vão às festas para fugir de sua própria realidade, e percebem que isso não é possível, pois, ao final de cada festa, o indivíduo volta para sua realidade tal como ela é.

- No terceiro momento, há uma experiência de transgressão que se realiza e se transforma num limite reorganizador, estabelecendo uma nova relação com as *raves*. Isso ocorre quando os entrevistados relatam que, após um momento de decepção e reflexão sobre a forma como estavam vivenciando as *raves*, conscientizam-se de que estavam vivendo uma situação de limites e de riscos, portanto, estabelecem um novo vínculo e uma nova forma de vivenciar as *raves*. Hoje, frequentam as festas usando menos ou sem uso de drogas; vão para estar ao lado dos amigos, em lugar bonito e conseguem aproveitar a festa de uma maneira saudável - da qual dizem gostar muito.

Neste momento, pode-se notar que há um caráter transformador, ocorre nestas pessoas uma transformação na forma de ver e vivenciar as festas e

isso pode ser saudável. Acredito-se que seja a pulsão de vida falando mais alto.

Contudo, há também os participantes que se caracterizam quanto à ideologia e ao trabalho. Esses participantes vivenciam as *raves* como um estilo de vida e como fonte de renda, acreditando que através das festas sejam pessoas melhores, que podem passar alguns ensinamentos para os outros participantes. Como os outros, também tiveram contato com as drogas, que neste momento ocupam um segundo plano. Gostam realmente da música, do ambiente e vão para a festa na tentativa de fugir de sua realidade.

Baseado no que Freud (1921:1996) fala em seu texto “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, a psicologia individual explora os caminhos pelo qual o homem busca satisfazer seus impulsos instintuais. Já a Psicologia de grupo vê o indivíduo como membro de um grupo de pessoas que se organizam para um mesmo objetivo. Qualquer que seja o indivíduo, seu modo de vida ou caráter, o fato de fazer parte de um grupo coloca todos os membros num mesmo patamar, numa mesma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira diferente daquela como pensaria, sentiria e agiria de forma individual. O grupo forma um ser com características diferentes daquelas que possui cada participante individualmente.

De acordo com Freud (1930:1996), o grupo proporciona uma sensação contagiante que faz com que o indivíduo queira participar disso também. Ao perceber que mais pessoas lutam pelos mesmos objetivos e desejam a mesma coisa, o homem sente-se seguro e essa sensação faz com que ele abra mão *de* seus interesses pelo grupo. Assim, pode-se dizer que o grupo adquire capacidade de exercer influência sobre seus membros através de sugestão, de contágio e de sensação de poder ter liberdade que ele propicia. Esse contágio dá-se através da excitação exacerbada existente nos grupos. O grupo torna-se válvula de escape contra a autoridade exercida pela sociedade sobre o indivíduo.

Freud (1930:1996) ainda diz que o indivíduo, quando membro de um grupo, está sob a influência deste. Ele é controlado por suas emoções, tem sua capacidade intelectual reduzida a níveis inferiores e suas inibições removidas. Tudo isso dá-se pela sugestão e, se o indivíduo deixa-se levar pelo grupo, é porque necessita dele e, talvez, por amor a ele.

Diante disto e dos dados obtidos nestas entrevistas, pôde-se pensar que a *rave* é um tipo de grupo onde muitas pessoas estão reunidas em um mesmo local, música em alto volume, dança e transe. A necessidade do coletivo permite comparar as *raves* a ritual de tribos antigas, com a diferença de que os rituais eram direcionados à ancestralidade das tribos. Já as *raves*, neste caso, celebram o aqui e agora. A música eletrônica recupera o sentido tribal e transcendental de dançar, por muitas horas consecutivas; as batidas da música repetem-se e, de certa forma, mistura mantras que tinham sentido antropológico nos ritos.

Os *ravers* experimentam uma maneira comum de viver e sentir o que Maffessoli (1995) caracteriza como sendo um “estilo estético”. Este estilo possui características idênticas e partilhadas em diferentes partes do mundo, valorizando a noção de tribalidade e desterritorialização dessa cultura.

O estilo estético, ao se tornar atento à globalização das coisas, à reversibilidade dos diversos elementos dessa globalidade e à conjunção do material com o imaterial, tende a favorecer um estar - junto que não busca um objetivo a ser atingido, mas empenha-se, simplesmente, em usufruir dos bens deste mundo, em cultivar o cuidado de si ou o uso dos prazeres, em buscar, no quadro reduzido dos grupos, encontrar o outro e partilhar com o outro algumas emoções e sentimentos comuns (MAFFESSOLI, 1995, p. 54).

O grupo proporciona ao homem uma sensação de poder que lhe possibilita a libertação dos instintos. Sentindo-se livre, sem precisar controlar-se o tempo todo ou ter responsabilidade, ele se desprende da

consciência e se entrega aos seus impulsos e vontades inconscientes, que no dia a dia são reprimidos.

O indivíduo que participa de um grupo sofre alteração mental que o diferencia de um indivíduo isolado. Essas diferenças desempenham papel na vida orgânica e também na inteligência. A vida consciente tem maior importância comparada com a vida inconsciente, pois nossos atos conscientes são resultados de algo inconsciente criado na mente. Por trás das causas que assumimos existem causas secretas inconscientes. A natureza dessa alteração no indivíduo é inconsciente, pois um grupo é a união de indivíduos pela coletividade visando a um interesse comum e dá ao indivíduo um sentimento de poder que lhe permite a libertação dos instintos. O indivíduo sente-se livre, sem a necessidade de controlar-se o tempo todo ou de ter responsabilidade. Ele desprende-se da consciência e se entrega aos seus impulsos inconscientes (FREUD, 1921:1996).

Nas festas *raves*, cria-se o senso de estar inserido numa comunidade; estes são ambientes que propiciam a sensação de estar inserido num todo, de que as ações possuem reações reais. Portanto, as *raves* constituem uma possibilidade de viver e celebrar a vida, sem rótulos que a sociedade e a vida cotidiana obrigam o homem a utilizar, dando assim a liberdade para fugir às regras e realizar suas vontades que no ambiente do dia a dia jamais realizaria.

Não podemos deixar de pensar que o indivíduo e os grupos sociais da sociedade moderna vivem numa condição de ausência de respeito às normas sociais por haver divergências entre elas, ocasionando uma falta de vida social significativa e estruturada, que faz com que o indivíduo tenha um objetivo de vida sem critério de valor, projetando sempre a felicidade no futuro e não no presente, A ambição do homem torna-se ilimitada e faz com que ele se decepcione com a “futilidade da busca interminável”. Como pode-se observar nas entrevistas, essa decepção ocorre nas *raves*, com a qualidade das pessoas que frequentam, com o ideal visualizado num primeiro momento e até mesmo a com a falta de limites. Isto revela que desapareceu uma ordem social autêntica e o estado político é a única

organização coletiva de caráter social. A mudança dos valores morais talvez fosse à única solução para a crise desta sociedade. A *rave* aparece como uma forma de mudar estes valores morais, pois o grupo, marcado pela própria cultura da música eletrônica, possibilita a vivência de um prazer coletivo no presente.

Vale lembrar que, na psicanálise, cada caso é um caso, em sua especificidade e subjetividade, mas a favor de fazer o uso das entrevistas, devemos levar em consideração que o tema abordado trata-se de um fenômeno cultural - prioridade nesta pesquisa. O que se faz com as repetições nos discursos dos diversos depoentes equivale ao que fazem as ciências empíricas na detecção das regularidades; a partir delas, tentar-se-á elaborar uma compreensão psicanalítica, sem que a escuta seja em si mesma uma escuta psicanalítica. Contudo, o uso deste material é de grande valia para esta pesquisa.

Em todas as entrevistas, pôde-se notar a situação do desamparo¹⁶ bem visível na fala dos entrevistados, argumentando que na festa *rave* eles se sentem acolhidos, bem recebidos e aceitos da maneira como eles são, e ficam alienados. Essa questão fica clara quando Flor, Marcos, Diogo, Talita, Renato e Karina falam que na festa eles são eles mesmos. Na fala de Miras, ainda encontramos a questão da identificação com grupo, onde ele diz que na *rave* todas as pessoas desejam a mesma coisa e todos querem ser livres e felizes. Daniel, Antunes e Karina, sem dispensar os outros entrevistados, pode-se notar com maior intensificação a questão do uso das drogas. Isto ocorre ao falar de suas motivações para estar na festa, ou quando Karina diz que na festa ela pode experimentar uma sensação de felicidade, facilitada pelo uso da droga, e busca essa experiência a cada festa, na esperança de alcançá-la novamente. Mas essa sensação de felicidade plena a qual diz ter sentido na primeira vez que usou drogas, Karina afirma que nunca mais será alcançada, nunca mais será vivida da mesma maneira, sempre haverá uma falta.

Todas estas semelhanças encontradas nas entrevistas realizadas até o momento levam a pensar além da questão do desamparo no processo de individuação do sujeito.

A história social do homem iniciou-se quando este saiu do estado de unicidade com o mundo natural e passou a se perceber como algo separado do outro e da natureza que o cerca, dando-se assim a sua individuação (FROMM, 1964).

O homem, segundo Slavustzky (1983), tende a uma identificação desde sua infância - o pai, a mãe, os tios, etc., são gigantes e perfeitos. A idealização provoca deslumbre, a paixão cega. Ama-se o objeto, para o próprio ego.

Supondo que o indivíduo ainda não se desligou daquilo que o prende ao mundo exterior, ele não é totalmente livre; contudo, estes vínculos dão-lhe segurança e sensação de satisfação e de pertencer a algum lugar no qual está enraizado. E, à medida que se desvincula, vivencia um sentimento de solidão crescente, pois se dá conta de estar só e separado, e então se depara com o novo objetivo de orientar-se, enraizar-se no mundo e encontrar segurança (FROMM, 1964).

O processo crescente de individuação, de acordo com Fromm (1964), é o aumento do vigor do 'eu', posto que o homem se desprende dos vínculos primários, ficando mais forte física, emocional e mentalmente e, com isso, a intensidade e a atividade vão se tornando cada vez mais integradas. Este processo acontece automaticamente e o crescimento do 'eu' é causado por razões individuais e essencialmente sociais, o que acaba causando no homem um sentimento de isolamento e impotência, pois quando se percebe como um ser separado e perde o que lhe dava segurança, ele vê-se sozinho diante de um mundo de ameaças por todos os lados, no qual tem que criar novos vínculos que lhe dêem a sensação de estar inserido em algum lugar.

Freud (1930:1996) em “Mal estar da civilização”, mostra como o desamparo no qual o ser humano chega à vida é decisivo para a construção do seu psiquismo:

Ao homem não resta alternativa a não ser se alienar no desejo do outro do qual depende completamente. Em sua insuportável fragilidade e dependência, o pequeno homem se vê como uma unidade com a poderosa mãe. Não há separação, não há falta. Ele está completo, vivendo o narcisismo primário¹⁷ e se poupando da visão de própria finitude e limitações. Por isso quando o homem se separa destes vínculos, depara-se novamente com o desamparo e tem de encontrar novas formas que lhe proporcionem sentimento de segurança e completude.

Estes vínculos narcísicos impossibilitam o total desenvolvimento humano, eles permitem apenas reconhecer-se e aos outros por meio de sua participação em uma comunidade social ou religiosa, em um clã e não como seres humanos. Esta identificação com a natureza, com o clã e a religião, dá segurança ao sujeito, pois ele pertence a algo, está inserido em um conjunto e tem um lugar inquestionável.

E aqui a *rave* parece propiciar um lugar de identificação que dá ao sujeito segurança de pertencer a algum lugar e um lugar que passa a ser inquestionável, pois proporciona-lhe uma sensação de completude. Tem-se a impressão de que na *rave* os indivíduos vivenciam um sentimento oceânico, sentimento este que Freud cita em “Mal estar na civilização” de 1930, um sentimento oceânico separado do mundo externo e da realidade, onde, num primeiro momento, como se vê nas entrevistas, o indivíduo tem a ilusão de que o mundo pode ser perfeito. Fica claro também a necessidade que o homem tem de criar vínculos com os quais ele se identifica, possibilitando um sentimento de unicidade que lhe dê a sensação de pertencer a um lugar no mundo, após ter se desprendido dos vínculos narcísicos que lhe davam a sensação de segurança.

6. TEORIA DO NARCISISMO

A análise das entrevistas remete-se ao conceito de narcisismo de Freud, o qual diz que a libido está investida no próprio eu. E, observando o que os entrevistados falam, pode-se pensar que estes vão para as festas *raves* com sua libido toda voltada para si mesmos, com a intenção de obter prazer, agora, prazer que pode ser sentido no próprio corpo, através da música alta e do consumo de drogas, o que faz com o sujeito volte para si e por algum tempo prefira ficar “na sua”, sem se socializar com o outro. Este narcisismo também pode ser notado quando alguns entrevistados dizem que na *rave* eles são conhecidos e reconhecidos. Para melhor falar sobre este assunto, recorre-se aos textos freudianos sobre a teoria do narcisismo, levando-se à pergunta: Os ravers vão em busca de um encontro com o outro ou um momento para ficar concentrado apenas em si mesmos?

A construção do conceito de narcisismo subverteu a primeira teoria freudiana das pulsões na medida em que o ‘eu’, até então postulado como uma instância deslibidinizada, passou a ser um objeto de investimento libidinal. Se, antes, o conflito psíquico era caracterizado pela oposição das pulsões sexuais, inconscientes e o ‘eu’, consciente, a partir de 1910, em nota acrescentada ao artigo de 1905, “Três Ensaaios sobre a Teoria da Sexualidade”, essa concepção passou a ser reformulada. Segundo Jones (ano???), é provável que esta tenha sido a primeira menção escrita sobre o narcisismo, embora Freud já tivesse feito uma declaração sobre o tema na Sociedade Psicanalítica de Viena, no dia 10 de novembro de 1909, tomando o narcisismo como uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetal. (Falta o ano do livro de Jones, não há na Bibliografia))

É neste trabalho que, pela primeira vez, Freud estabelece uma relação entre as pulsões sexuais e as ‘necessidades’, através da noção de apoio. Esta articulação implica em considerar que as pulsões sexuais derivam daquilo que ele irá chamar, em 1910, no estudo sobre os distúrbios psicogênicos da visão, de pulsão de autoconservação. Ainda neste artigo, o

conceito de pulsão do 'eu' é formulado para designar as forças do 'eu' que se opõem à sexualidade no conflito psíquico. Sendo assim, o conflito passaria, então, a estabelecer-se entre as pulsões sexuais e as pulsões do 'eu', energias distintas localizadas em diferentes espaços psíquicos.

Paralelamente à elaboração de sua primeira teoria pulsional, Freud começa a constituir o conceito de narcisismo. No mesmo ano da nota, em seu artigo sobre Leonardo da Vinci (1910), aparece uma referência mais extensa ao conceito de narcisismo. Freud relaciona o homossexualismo a um tipo de escolha narcísica de objeto, simultaneamente a um retorno da libido ao autoerotismo. Desta forma, o menino teria como destino identificar-se com a figura materna e escolher parceiros que representariam o seu duplo. Contudo, é no estudo sobre Schreber que a formulação acerca do narcisismo ganha sua devida proporção, a de protagonista na cena da teoria pulsional. O narcisismo deixa de ser equivalente ao autoerotismo e passa a ocupar um lugar fundamental na história libidinal do sujeito, entre o autoerotismo e o amor objetal:

Investigações recentes chamaram nossa atenção para um estágio na história evolutiva da libido, que se cruza com o caminho que vai do autoerotismo ao amor objetal. Este estágio foi designado como narcisismo. Consiste no momento do desenvolvimento do indivíduo em que ele reúne suas pulsões sexuais de atividade autoerótica, para ganhar um objeto de amor. Toma a si próprio e o seu próprio corpo antes de passar para a escolha de um objeto que seja outra pessoa (FREUD, 1911: 1996).

Dois anos mais tarde, em "Totem e Tabu", um novo avanço é realizado na formalização do conceito, quando Freud afirma que, diferentemente do que se pode afirmar anteriormente, o narcisismo não é uma fase evolutiva, um estágio passageiro na história libidinal do sujeito, e sim, uma estrutura permanente que continua a existir, apesar das reestruturações libidinais posteriores.

O narcisismo está envolvido na estruturação do 'eu', unificando as pulsões parciais e autoeróticas. O que permite essa relativa unificação da

fragmentação pulsional é o investimento libidinal da imagem do sujeito, como objeto privilegiado. Desta maneira, existiria um momento mítico, posterior ao autoerotismo, que precederia o investimento do objeto como diferente do sujeito, que seria o narcisismo: embora ainda não nos seja possível traçar com exatidão suficiente uma característica deste estágio narcisista, no qual as pulsões sexuais, até então dissociadas, reúnem-se numa unidade, investindo o 'eu' como objeto, vislumbra-se desde agora que a organização narcisista nunca é totalmente abandonada: "Um ser humano permanece narcisista em certa medida mesmo depois de ter encontrado objetos externos para sua libido" (FREUD, 1913:1996). (Falta a página desta citação)

O investimento libidinal do 'eu' é fundamental para sua preservação. No ano seguinte, no célebre artigo "Uma introdução ao narcisismo" (1914), Freud aprofunda esta perspectiva e introduz o narcisismo como um conceito que é, sem dúvida, um dos pilares de sua teoria.

A grande novidade é a formulação que admite a existência simultânea de uma libido do 'eu' e uma libido do objeto. Esta formulação acarretou problemas para a teoria até então vigente - uma vez que o 'eu' também passou a ser objeto de investimento libidinal, isto é, ele deixou de ser uma instância libidinalmente neutra no conflito psíquico, os pólos de tensão do conflito, que haviam sido bem distintos - pulsões do 'eu', forças recalcantes, princípio de realidade e processos secundários *versus* pulsões sexuais, representações recalcadas, princípio do prazer e processos primários - deixam de funcionar em oposição. Com a introdução do conceito de narcisismo, estas referências confundiram-se e a dinâmica do conflito complicou-se, uma vez que Freud postulou a relação erótica com o 'eu', afastando-se de uma concepção biológico-adaptativa representada pelas pulsões de autoconservação.

Freud desenvolve o conceito de narcisismo tomando como referência as observações sobre a esquizofrenia, a vida mental das crianças e dos povos primitivos. Segundo ele, a atitude narcisista nos neuróticos implica numa resistência transferencial intensa. Enquanto na esquizofrenia há retirada da libido do mundo externo para o 'eu', na neurose a libido que foi retirada dos

objetos vai investir os objetos da fantasia. Embora o retraimento narcísico possa ocorrer em qualquer momento da vida, há um narcisismo primário localizado no seu início. Este se estrutura mediante as relações que estabelece com aqueles que circulam em volta do bebê, que são normalmente as figuras parentais que contribuem para a instauração da onipotência primária. O narcisismo primário é uma herança do ideal narcísico dos pais. A criança viria a ocupar o lugar daquilo que ficou perdido na vida dos pais. Cabe a ela recuperar para eles todos os privilégios que estes foram obrigados a renunciar e a realizar os sonhos e projetos nos quais eles fracassaram. Este lugar, no qual os pais costumam colocar o filho, Freud chamou de “Sua Majestade, o Bebê”.

Como consequência desta relação, os primeiros objetos sexuais eleitos pela criança são derivados de suas primeiras experiências de satisfação, em geral, vividas com as pessoas que cuidam dela, sua mãe ou substituta. Este tipo de fonte e escolha objetal Freud denominou de anaclítica ou, melhor dizendo, “de apoio”. Entretanto, ele também observou casos em que houve alguma perturbação no desenvolvimento libidinal e, como resultado, ao invés de o sujeito escolher os objetos amorosos de sua vida tomando como modelo sua mãe, ele toma a si mesmo como um objeto amoroso: trata-se da escolha objetal narcisista.

É o que se observa na rave, pois a libido é retirada do mundo externo e volta para o ‘eu’, o sujeito está o tempo todo preocupado com seu corpo, com sua roupa e, por mais que se sinta aceito pelos outros, ele busca o tempo todo um reconhecimento vindo do outro, uma aceitação e uma identificação. Nota-se nas entrevistas com Flor e Miras.

Essa distinção, tomada de forma pouco cuidadosa, pode resultar na concepção de que um tipo de escolha exclui a outra. Contudo, Freud afirma que uma escolha objetal narcisista está sempre presente, idéia que assim se confirma:

Dizemos que os seres humanos têm originalmente dois objetos sexuais - ele próprio e a mulher que o criou. Pressupomos, então, em todo ser humano o narcisismo primário que, eventualmente, pode se expressar de forma dominante em sua escolha objetal (FREUD, 1914:1996).

Esta escolha objetal pode ser claramente observada na *rave* onde se usam muitas cores, ursinhos de pelúcia, brinquedos de parque de diversão, artes de circo, o que remete o frequentador às cenas da infância e aos sentimentos vivenciados quando criança ao lado da mãe. As pessoas na *rave*, embora estejam preocupadas em maior grau consigo mesmas também possuem um senso de solidariedade pelo outro, o amigo está sempre de olho no outro que consumiu uma quantidade maior de droga, está sempre disposto a dividir seus pirulitos e sua água, isso dá ao sujeito a sensação de não estar sozinho e que há sempre alguém olhando por ele e cuidando dele.

Já o narcisismo secundário, para Freud, estaria referido ao refluxo da libido dos objetos para o próprio 'eu', por ele observado nos casos de esquizofrenia. A partir daí, pergunta-se: qual é o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia? Freud responde:

O delírio de grandeza, próprio a esses estados, nos indica o caminho. Sem dúvida, nasceu às expensas da libido de objeto. A libido retirada do mundo externo foi conduzida para o eu e assim surgiu uma atitude que podemos chamar narcisismo. Mas o delírio de grandeza não é uma criação nova, como sabemos, é a ampliação e o desdobramento de um estado que já existia antes. Isso nos leva a conceber o narcisismo que nasce da retirada dos investimentos objetais como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base do outro, primário (FREUD, 1914:1996).

Apesar de a noção de narcisismo secundário ser proveniente da observação de Freud acerca das esquizofrenias, ele não a limitou aos casos de psicose; ao contrário, estendeu sua observação a todos os seres

humanos. Em função disto, o narcisismo secundário resulta no retorno ao 'eu' dos investimentos feitos sobre objetos externos:

Atribuimos ao indivíduo um progresso quando passa do narcisismo ao amor objetal. Mas não acreditamos que toda a libido do eu passe para os objetos. Determinada quantidade de libido permanece sempre junto ao eu, certa medida de narcisismo persiste mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido. O eu é um grande reservatório do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual ela retorna, proveniente dos objetos. A libido objetal foi inicialmente libido do eu e pode ser outra vez convertida em tal. (...) Como ilustração desta situação podemos pensar em uma ameba, cuja substância viscosa desprende pseudópodes, prolongamentos pelos quais se estende a substância do corpo, os quais, contudo, podem retrair-se a qualquer momento, de modo que a massa protoplásmica seja restaurada (FREUD, 1917:1996)

Freud fala, claramente, da mobilidade da libido, opondo-se à idéia de etapas a serem superadas. Entretanto, não podemos deixar de considerar que essa nova distinção - narcisismo primário e narcisismo secundário - trouxe problemas para a construção freudiana, não só porque opõe a libido do 'eu' à libido objetal, admitindo uma antítese entre as pulsões do 'eu' e as pulsões sexuais; mas também, porque abriu espaço para que estes modos de investimento fossem entendidos como fases ou etapas a serem substituídas umas pelas outras.

Acompanhando sua exposição, ainda em 1914, percebe-se que, desta vez, a partir da observação de adultos normais, cujas manifestações da megalomania relacionada ao narcisismo infantil perderam sua força, Freud se pergunta: "O que aconteceu à libido do eu? Devemos supor que toda ela converteu-se em investimentos objetais?" (FREUD, 1914:1996). Sem hesitação, ele responde que não e, para justificar-se, lança mão da "psicologia do recalque", empregando as noções de 'eu' ideal e ideal do 'eu', apesar de conceituá-las apenas de forma implícita:

E sobre este eu ideal recai agora o amor de si mesmo que na infância gozou o eu real. O narcisismo aparece deslocado em direção a esse novo eu ideal que, como o infantil, encontra-se possuído de toda perfeição e valor. Aqui, como sempre ocorre no âmbito da libido, o homem mostrou-se incapaz de renunciar a satisfação de que gozou uma vez. (...) O que ele projeta diante de si mesmo como o seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu (FREUD,1914:1996).

Aqui podemos pensar na cena da *rave*, pois tudo remete a uma cena da infância, pessoas com bichinhos de pelúcia na mão, pirulitos, até mesmo a droga utilizada em forma de bala com desenhos de bichinhos e personagens de desenho animado, tudo isto com o objetivo de proporcionar uma intensa sensação de prazer, onde os sujeitos não se preocupam com nada além deles mesmos. Na *rave*, tem-se a impressão de que tudo é permitido, se for para obter prazer. Esse exemplo podemos notar na entrevista com Karina, quando conta que ao chegar à *rave*, viu que tinha brinquedos com os quais podia brincar, isso chamou sua atenção e foi um dos motivos que a fez gostar tanto das festas. Ela projeta para si cenas da infância na qual ela era o próprio ideal.

A noção de 'eu' ideal, neste momento, designa o estado narcísico de onipotência na infância, ao passo que a noção de ideal do 'eu' refere-se a uma instância diferenciada do 'eu' que dita um modelo ao qual o sujeito procura conformar-se. Esta foi a maneira que Freud encontrou para conciliar a antiga função do 'eu' - agente do recalque - com sua nova característica: objeto de investimento libidinal. Aqui também é importante lembrar que o 'eu' ideal não é uma fase a ser superada e substituída por outra que seria o ideal do 'eu'. Como indicou no parágrafo transcrito anteriormente, o 'eu' ideal permanece transformado no adulto quando ele consegue aproximar-se do seu ideal do 'eu' que, por sua vez, diz respeito às exigências que veiculam, o lugar da lei.

No artigo, "Pulsões e destinos da pulsão" (1915), Freud avança em sua construção teórica, trazendo uma grande contribuição: a agressividade - o

ódio - como anterior ao amor. Neste trabalho, ele postula que as pulsões podem sofrer quatro vicissitudes: (1) reversão ao seu oposto; (2) retorno em direção ao próprio eu do indivíduo; (3) repressão e (4) sublimação. Para este trabalho, determinou-se o segundo ponto estabelecido por Freud. A fim de desenvolvê-lo, Freud lança mão de dois pares de opostos: o sadismo x masoquismo e o exibicionismo x voyerismo; descrevendo a pulsão escopofílica como uma formação narcisista e a transformação do sadismo em masoquismo como um indicador do retorno ao objeto narcisista.

Mais adiante no texto, Freud estabelece três polaridades da mente: (1) sujeito (eu) - objeto (mundo externo); (2) prazer-desprazer; (3) atividade - passividade. Em seguida, afirma que existe uma situação psíquica originária em que duas delas coincidem:

O eu encontra-se originariamente, no começo da vida psíquica, investido por pulsões e é em parte capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos este estado de 'narcisismo', e essa forma de obter satisfação de autoerótica. Nesta época, o mundo externo não é investido com interesse e é indiferente à satisfação. Portanto, durante este período o eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo com o que é indiferente" (FREUD, 1915:1996).

É interessante notar que, apesar de Freud ter se deparado com a dificuldade de manter a oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do 'eu', em seu artigo de 1914 e nas Conferências de 1916-17, esta distinção ainda permanece mais ou menos da mesma forma. Talvez uma justificativa para tal fato seja a sua determinação em preservar o lugar do não sexual, ainda que, ao longo de seu trabalho, ele tenha se defrontado com importantes obstáculos. Afinal, ele precisava defender sua concepção dualista em oposição ao monismo de Jung. A resolução deste impasse, contudo, será apresentada em 1920, no texto "Além do princípio do prazer", com a introdução do conceito de pulsão de morte:

Nossa concepção foi, desde o início, dualista e o é ainda mais hoje, que deixamos de chamar a oposição entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais para dar-lhes o nome de pulsões de vida e pulsões de morte. (...) Suspeitamos que no interior do eu atuam pulsões diferentes das de autoconservação, só que deveríamos poder indicá-las. Infelizmente, é difícil fazê-lo, em função do atraso no qual se encontra a análise do eu. Talvez as pulsões libidinais do eu estejam vinculadas de maneira particular com essas outras pulsões do eu que ainda desconhecemos (FREUD, 1920:1996).

“É que sem dúvida grande parte do eu é inconsciente: justamente o que se pode chamar o ‘núcleo do eu’ abrange apenas uma pequena parte dele sobre o nome de pré-consciente” (Freud 1920:1996).

Isso significa dizer que, além de uma parte do ‘eu’ à qual se acha ligada a consciência, existe outra que é inconsciente, não só no sentido descritivo, como no sentido dinâmico. Essas idéias ainda esperarão três anos para serem desenvolvidas. Logo nas primeiras páginas de “O eu e o isso” (1923), Freud reafirma a tese de que a distinção entre o consciente e o inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise, apesar de afirmar também, que essa distinção tornou-se insuficiente para fins práticos. A partir da necessidade de dar conta, por exemplo, das questões suscitadas pelo tratamento da melancolia, que se impunha há dois anos, Freud propõe outra tríade para o aparelho psíquico – ‘eu’, ‘isso’ e ‘supereu’ -, que não substitui a primeira - consciente, inconsciente e pré-consciente.

Essa nova tópica, não resolveu o impasse que gira em torno da noção de narcisismo primário. Ela continuou sendo uma questão espinhosa para os psicanalistas.

6.1 Narcisismo Primário

Desde que o conceito de narcisismo primário foi postulado, no artigo “Introdução ao narcisismo” (1914), ele não parou de causar polêmica. Primeiro porque o próprio texto não é claro a respeito, segundo porque, no decorrer da obra freudiana, podem-se encontrar posições distintas sobre o tema, como as postulações posteriores a 1920 em que Freud toma o narcisismo primário como o momento em que a satisfação pulsional é autoerótica, estabelecendo estreita relação entre narcisismo e autoerotismo.

De acordo com Laplanche e Pontalis, “o narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao eu da libido retirada dos seus investimentos objetais” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992: 290). Apesar de apresentarem uma definição para as duas noções, elas não são satisfatórias. Inclusive, eles próprios admitem que esses termos têm diferentes acepções, impossibilitando a obtenção de uma concepção unívoca.

De um autor para o outro, a noção de narcisismo primário pode variar muito. Trata-se de definir um estado hipotético da libido infantil e, nesse ponto, há divergências fundamentais. Além disso, eles chamam atenção para o fato de a expressão narcisismo secundário ser menos problemática que a de narcisismo primário.

Abordando outro estudioso da metapsicologia freudiana, Luiz Alfredo Garcia-Roza, a fim de ajudar neste *impasse*, apesar da confusão, alguns pontos podem ser tomados como indiscutíveis. Em 1914, Freud dá a entender claramente a existência de dois narcisismos, um narcisismo primário e um narcisismo secundário. Além disso, é possível perceber a existência de três modos distintos do funcionamento libidinal: autoerotismo, narcisismo e escolha de objeto.

Em Freud, o narcisismo primário designa, de um modo geral, o primeiro narcisismo, ou seja, o narcisismo da criança que toma a si mesmo como

objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores. Apesar disso, não é fácil concretizar o momento da constituição desse estado. Nos textos entre 1910-1915, esta fase é localizada entre o autoerotismo e o amor de objeto, possivelmente contemporânea ao aparecimento de uma primeira unificação do 'eu'. Mais tarde, com a elaboração da segunda tópica, os termos mudam de figura.

Seguindo o texto de 1914, pode-se afirmar que Freud postula o 'eu' como sendo o grande reservatório da libido, a partir do qual esta se distribuiria pelos objetos externos, com a condição de voltar ao lugar de origem, caso eles não lhe proporcionassem satisfação. Contudo, quase dez anos depois, no texto "O eu e o isso" (1923), o mestre parece mudar de idéia, brindando-nos, assim, com mais algumas dúvidas.

Ele propõe que o "isso" deteria toda a libido, em razão da excessiva fragilidade do 'eu' no início da organização psíquica. O 'isso' emitiria, assim, investimentos pulsionais sobre os objetos externos, ao passo que o 'eu', adquirindo cada vez mais força e amplitude, logo tomaria o lugar dos objetos, retomando, destes, parte da libido que retinham. Essa última hipótese faria do narcisismo do 'eu' um narcisismo secundário, tirado dos objetos.

No início, toda a libido está acumulada no 'isso', enquanto o 'eu' encontra-se ainda em processo de formação ou é fraco. O 'isso' envia uma parte dessa libido para investimentos objetais eróticos; em consequência, o 'eu' fortalecido tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao 'isso' como objeto amoroso. Portanto, o narcisismo do 'eu' é um narcisismo secundário, subtraído dos objetos (FREUD, 1923:1996).

Com a mudança, Freud parece designar pelo termo narcisismo primário um primeiro estado da vida anterior à constituição do 'eu', suprimindo, assim, a distinção entre narcisismo e autoerotismo. De acordo com Laplanche e Pontalis, esta última acepção do narcisismo primário prevalece atualmente no pensamento psicanalítico.

A partir da teoria do narcisismo e do conceito de narcisismo primário, pode-se conceber que o sujeito que frequenta a *rave* tem o narcisismo primário exacerbado, pois sua libido está toda investida nele mesmo. A *rave* proporciona esse retorno ao 'eu', o sujeito está voltado para si com o objetivo de obter satisfação; sujeito volta para si e entra muito pouco em contato com o outro.

Podemos notar esse narcisismo a partir de todas as entrevistas, porque os entrevistados falam que quando estão na *rave* sentem-se acolhidos, não se preocupam com o que os outros pensam a seu respeito e apenas querem vivenciar aquele momento. A libido é toda voltada para o 'eu'.

6.2 A Concepção de Narcisismo segundo André Green

O fim último do narcisismo é o apagamento dos traços do Outro no Desejo do Um. É portanto, a abolição da diferença primeira, a do Um e do Outro. Mas o que significa esta abolição no retorno ao regaço materno? O que o narcisismo primário visa pela abolição das tensões ao nível zero é, ou a Morte, ou a Imortalidade, o que dá na mesma. (...) A completude narcisista não é signo de saúde, mas miragem da morte. Ninguém é sem objeto. Ninguém é o que é sem objeto (GREEN, 1988, p.220).

André Green apresenta observações enriquecedoras acerca do destino do conceito de narcisismo após a formulação da segunda teoria pulsional. No artigo "Narcisismo primário: estado ou estrutura?" (1966-1967), ele examina a noção de narcisismo primário, concebendo-o como uma estrutura e não como um estado. Além disso, ele constrói uma hipótese bastante interessante: propõe um narcisismo negativo/ narcisismo de morte, em oposição ao que ele irá chamar de narcisismo positivo ou narcisismo de vida.

André Green, no livro "Narcisismo de Vida – Narcisismo de morte" (1988), defende a idéia de que o conceito de narcisismo constituiu-se como

um parênteses no pensamento freudiano. Entre a sexualidade, que reinou soberana desde o início e durante muitos anos, e a criação de sua segunda tópica, o narcisismo teve o seu lugar. Segundo ele, Freud abandonou as suas investigações acerca do narcisismo após 1920 - simplesmente incluindo-o como parte das pulsões de vida -, deixando em aberto a possibilidade de uma associação entre o narcisismo e as pulsões de morte, de destruição. O narcisismo, a partir de então, passou a ser cada vez menos mencionado, sobrevivendo através do conceito de ideal do 'eu', formulado no artigo "Introdução ao narcisismo" (1914).

A proposta de Green é repensar as questões acerca do narcisismo a partir da última teoria pulsional de Freud, mais precisamente, àquela contemplada em "O eu e o isso" (1923), postulando, assim, um narcisismo positivo, de vida em contraposição a um narcisismo negativo, de morte. Esta idéia é apresentada de forma bastante clara no artigo "*A Dual conception of narcissism*" (2002), ocasião em que o autor, novamente, declara que o narcisismo, após 1920, tornou-se um mistério e lembra um dos últimos comentários de Freud a respeito: o narcisismo deveria ser simplesmente incluído na síntese final das pulsões de vida (1940). Green propõe as suas idéias a partir da clínica e da investigação da obra freudiana. Segundo ele, Freud teria falhado em elaborar outras possibilidades para o narcisismo, na medida em que algumas de suas características poderiam ter sido vistas como parte daquilo que ele, mais tarde, descreveu como a pulsão de morte.

Green desenvolve o seu argumento a partir da abertura encontrada no texto freudiano de 1923, "O eu e o isso", particularmente, no quarto capítulo intitulado "As duas classes de pulsões", momento em que Freud fala sobre a fusão e a des fusão das pulsões, bem como a respeito da possibilidade de dessexualização das mesmas. Freud insiste na impossibilidade de pensar nas pulsões de vida e morte de forma desarticulada. Apesar de não esclarecer como estas pulsões se ligam e se fundem, essa idéia é indispensável à sua concepção. Uma vez admitido tal postulado, o movimento contrário também precisa ser levado em consideração, ou seja, a hipótese da des fusão, sempre relativa.

A primeira passagem que Green destaca do texto freudiano afirma que “a transformação da libido de objeto em libido narcísica obviamente implica um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto” (FREUD, [1923] 2006: 44). Green valoriza o fato de que a dessexualização observada por Freud na sublimação é um processo que segue a mesma linha da pulsão de morte:

A menção explícita sobre a libido narcísica nos abre o caminho para considerar que pelo menos alguns aspectos do narcisismo podem seguir a mesma linha do antierotismo envolvido na pulsão de destruição, mesmo que não acompanhada por uma manifestação aberta de destruição (GREEN, 2002: 634).

Além disso, ele sublinha um momento posterior no mesmo texto, no qual Freud explica porque algumas situações clínicas - por exemplo, a transformação do amor em ódio e vice-versa -, poderiam invalidar as suas hipóteses: concebendo a transformação de uma pulsão em outra, cai por terra a distinção fundamental entre as pulsões eróticas e as destrutivas. Diante disso, Freud postula – sem especificar onde, se no ‘eu’ ou no ‘isso’ -, a existência de uma energia deslocável, neutra, que poderia ser adicionada tanto a uma moção erótica como a uma destrutiva, aumentando sua intensidade. A questão passa a ser de onde provém tal energia. Uma nova hipótese: essa energia deslocável e indiferente seria proveniente do estoque narcísico de libido, ou seja, ela seria Eros dessexualizado. Com isso, ele dá o pulo no qual Green irá deter-se para desenvolver a sua teoria: “Parece verossímil que essa energia indiferente e deslocável, ativa tanto no eu quanto no isso, provenha do estoque narcísico de libido e seja Eros dessexualizado” (FREUD,[1923] 2006: 45).

Mais adiante:

Se essa energia deslocável é libido dessexualizada, é lícito chamá-la também sublimada, pois continua mantendo a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar - na medida

em que serve à produção da unidade pela qual o eu distingue-se (FREUD, [1923] 2006: 46).

Green sugere que é possível encontrar na dessexualização observada por Freud no processo de sublimação uma mistura das funções de Eros – união e ligação - e dessexualização, que é um objetivo da pulsão de morte. Segundo ele, desde que Freud concluiu que a sublimação ocorre por intermédio do ‘eu’, pode-se deduzir que a dessexualização envolvida na sublimação e o processo de desligamento também ocorrem, pelo menos em parte, no ‘eu’. Inclusive, ele destaca outra passagem de Freud que corrobora a sua hipótese: “O eu trabalha em oposição aos objetivos de Eros, colocando-se a serviço de moções pulsionais opostas” (FREUD, [1923] 2006: 46). Isto autoriza Green a tomar o ‘eu’ como o lugar da fusão e da desfusão das pulsões.

Através deste percurso, o autor chega à hipótese de que, desde a última teoria das pulsões, há que se levar em consideração a possibilidade de um duplo narcisismo: um narcisismo positivo, cujo objetivo é alcançar a unidade; e um narcisismo negativo, que caminha em direção à morte psíquica. Ele faz uma ressalva: esta distinção – narcisismo positivo e narcisismo negativo -, não deve ser tomada em termos de um narcisismo saudável e outro patológico. De acordo com ele, as “desordens de personalidade narcísicas” não dão conta de todas as consequências clínicas do narcisismo. Algumas depressões - às quais, Green denomina “narcisismo moral” -, baseadas no ascetismo, nos estados de futilidade, vazio, anorexia e idealização extrema são exemplos de desinvestimento pulsional. Na introdução de seu livro “A loucura pessoal” (1988), ele esclarece:

Minha hipótese é de que essa tendência à unidade encontra reação da parte de um narcisismo negativo oriundo das pulsões destrutivas, o qual atua na direção inversa e está manifesto na tendência para reduzir os investimentos do eu ao nada. Clinicamente isto está evidente em toda patologia narcísica que nos confronta

com um estado de vácuo psíquico e desinvestimento do eu (GREEN, 1988: 18-19).

Ele fala em um duplo ataque sobre a libido do 'eu' e sobre os investimentos objetais, na medida em que o narcisismo positivo favorece a libido do 'eu' em detrimento dos objetos, e o narcisismo negativo desinveste a libido do 'eu' sem repassá-la para os objetos. Em muitos casos, parece que o 'eu' fica desinteressado tanto por si próprio como pelo objeto, ansiando apenas por desaparecer. Para André Green, esta é a verdadeira expressão da pulsão de morte que, de forma alguma, pode ser comparada à agressividade ou ao masoquismo primário.

Em um trabalho posterior (1990), que reúne três conferências proferidas por Green na ocasião de sua visita ao Rio de Janeiro, em agosto de 1986, cujo tema é a "Metapsicologia dos limites", são encontrados outros elementos que ajudam a rastrear o percurso construído por ele. Em um determinado momento da terceira conferência, intitulada "O trabalho do negativo", ele esclarece a sua posição em relação à discussão sobre a teoria da pulsão e a teoria do objeto: "meu ponto de vista é de que o objeto é o revelador da pulsão. É através da existência do objeto e, em particular, da falta de objeto, que a pulsão se faz sentir" (GREEN, [1986] 1990: 71). A partir desse pressuposto, ele propõe pensar sobre o que seja o objeto. Lembra que, de acordo com Freud, o objeto da psicanálise é um objeto substituível, podendo, inclusive, ser o próprio 'eu' Ele vai além, sugerindo que o próprio investimento pode tornar-se objeto. Para sustentar essa idéia recorre, novamente, à sublimação. Como exemplo, a seguinte situação: se na infância o indivíduo era *voyeur*, ele torna-se um fotógrafo. Nesse caso, o seu interesse não é a coleção das fotos tiradas, e sim a fotografia. A fotografia é um investimento. Sendo assim, é o interesse pela fotografia que se torna o objeto. Essa proposição lhe permite falar em uma "função objetalizante". Para explicá-la, resgata um dos últimos textos freudianos, "Esboço de psicanálise" (1940), lembrando que Freud não fala mais em pulsão sexual, mas em função sexual, como o melhor meio para conhecer Eros. Isso autoriza Green a pensar que as pulsões de vida são um conjunto

mais amplo do que o da sexualidade. Em função disso, pode-se pensar a ligação como o grande mecanismo para definir a pulsão de vida. “O seu papel é assegurar uma função objetalizante, ou seja, ligar a pulsão de amor ao objeto” (GREEN, [1986] 1990: 75).

Inversamente, do lado da pulsão de morte, há o desligamento como o grande mecanismo descrito por Freud. Isso dá a possibilidade de Green postular a existência de uma “função desobjetalizante” para a pulsão de morte. O que é isso? “Significa que a pulsão entra em ação cada vez que o sujeito realiza, diante do objeto, uma desqualificação de sua própria singularidade e de seus próprios atributos” (GREEN, [1986] 1990: 76). A forma extrema da “função desobjetalizante” é o narcisismo negativo no qual se manifesta a aspiração ao nada, à diminuição das tensões.

Pelo que se expôs, pode-se considerar os ravers divididos em dois grupos: os que vão apenas consumir drogas e os que veem na *rave* uma possibilidade de trabalho e encontro com o outro.

O primeiro grupo age de acordo com o que diz Green, quando fala em narcisismo negativo, há uma desqualificação da singularidade, há uma “função desobjetalizante” onde predomina o narcisismo negativo ou narcisismo de morte e se manifesta a aspiração ao nada, à diminuição das tensões. Ao usar drogas, o sujeito está tentando aliviar suas tensões e nada mais, ele desinveste a libido do objeto e isso pode levá-lo à morte.

Já o segundo grupo, enxerga nas festas uma possibilidade de trabalho, de sustento e de prazer, há o reconhecimento do outro e vínculo.

Mesmo Narciso precisa do outro, o narcisista precisa encontrar outras pessoas. Não se considera que a *rave* leve à individualidade. Ela leva, sim, a uma singularidade. Leva a um sujeito multifacetado, complexo, pronto a diversas circunstâncias. A flexibilidade é um dos grandes termos do mundo moderno. Como não se tem um padrão - como se tinha em outros tempos e no qual a pessoa se adequava ou não - as pessoas acabam tendo que criar

e inventar sua própria vida ou se adequar àqueles que inventam a vida por ela.

Isso causa Angústia. As pessoas não sabem o que estão fazendo, questionam-se, e acabam se tornando consumidoras de drogas, livros de autoajuda ou pagadoras de dízimo em igrejas, ou suporta a angústia dessa criação da própria vida sem padrões pré-estabelecidos. Mas essa angústia da criação faz com que aquilo que a pessoa pensa e aquilo que quer sejam sempre diferentes. É neste momento que ela precisa do outro, aquele que pode não acabar com sua solidão, mas suportar a solidão juntos. Solidão é palavra parecida com 'solidário'. Entende-se o outro como alguém que não necessariamente sente o mundo da mesma forma, mas aceita que o amigo o sinta da forma que lhe convier. É necessário, para as pessoas não enlouquecerem, esta presença do outro.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. **Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério"**. Disponível em publicação eletrônica na Internet, via WWW. URL: <http://www.aquaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>
Capturado em 23/08/2008.

BARROS, Marcelo. **O divino segredo da festa** IN: PASSOS, Mauro (org.). 2002. *A Festa na Vida – Significado e Imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BATAILLE, Georges. **Theorie de la religion**. Paris, Gallimard, 1973.

BORGES, Carolina. **Rave: Ritual tribal contemporâneo**. Disponível em publicação eletrônica na internet, via WWW. URL: <http://www.novae.inf.br/site/modules.php?name=Conteudo&pid=445>

Capturado em: 04/08/08.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 4^a ed., 2003.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebelião: a juventude em questão**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2^a ed., 2003.

CUENCA, Manoel. **Ocio y Desarrollo: potencialidades del ocio para el desarrollo humano**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2001.

DURKHEIM, Emile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris, PUF, 1968.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREUD, S. _____ (1920) **Além do Princípio do Prazer Psicologia de grupo e outros trabalhos**. IN: *Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1917) **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. IN: *Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1911) **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (EDITORA ELOCAL????)** IN: *Obras Psicológicas Completas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1923) **O id e o ego**. IN: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1930) **O Mal estar na civilização**. IN: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1915) **Os Instintos e Suas Vicissitudes**. IN: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1913) **Totem e Tabú**. IN: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. IN: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. IN: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

_____ (1910) **Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci**. IN: Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago; Vol. XVIII 1996.

FROMM, E. **O Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

GEERTZ, C. **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GREEN, A. **Narcisismo de Vida – Narcisismo de Morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

GREEN, A. **Introdução**. In: **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.

_____. (1977) **Concepções de afeto**. IN: **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.

_____. (1980) **As paixões e suas vicissitudes**. In: **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.

_____. **Conferências brasileiras de André Green – metapsicologia dos limites**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

_____. **A dual conception of narcissism**. *Psychoanalytic Quarterly*. 71: 631-649, 2002.

HERSCHMANN, Micael (org.). **Abalando os Anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HOLMES T. **Electronic and experimental music**. New York & London: Routledge, 2002.

HUIZINGA, J. **Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural e O elemento lúdico da cultura contemporânea** IN: Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LARA, A. H. **Tribos Urbanas**. Tese de Doutorado, Depto. de Comunicações e Artes. Orientadora Prof^a. Dr^a. Solange M Gouceiro de Lima, ECA USP, 2002.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos. Um antropologia essencial**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, M. **A Contemplação do Mundo**. Tradução: Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora Ltda, 1995.

_____. **O Tempo nas Tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAUSS, M. (2003) **Ensaio sobre a dádiva**". IN: MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. S. Paulo: Cosac & Naify

MAUSS, M. & HUBERT, H. (2005) *Sobre o sacrifício*. S. Paulo: Cosac Naify

PALOMINO, Érika. **Babado Forte – moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarim, 1999.

PEREZ, Léa Freitas. **Antropologia das efervescências coletivas** IN: PASSOS, Mauro (org.). A Festa na Vida – Significado e Imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

REYNOLDS S. **Generation ecstasy – into the world of techno and rave Culture**. New York: Routledge, 1999.

RODRIGUES R. F. **Música eletrônica – a textura da máquina**. São Paulo: Annablume/ Belo Horizonte: fumecc, 2005.

SANTOS, Sérgio Wladimir Cazé dos. **Percursos da Música Eletrônica**. UFBA,

1998. Disponível em: < <http://www.facom.ufba.br/pex/wladimir.doc>>. Capturado em: 02/12/05.

SLAVUTZKY, A. **Psicanálise e Cultura**. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOUZA, C. M. D. **A cibermúsica, djing, tribos e cibercultura**. 2002. [on line].

Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea, UFBA (Facom).
Disponível na Internet via WWW. URL:
http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_cla.htm.

STEINER G. (1991) **No castelo do Barba Azul – algumas notas para a redefinição da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras.

VENTURA, Z. 1968. **O ano que não acabou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIANNA, H. **O Mundo Funk Carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

7. Considerações Finais

Causa espanto que grandes especialistas, daqueles que discutem a juventude em crise, nunca tenham ouvido falar em *raves* ou tentado estudá-las. Algumas festas *raves* agregam dois milhões de pessoas, levando a pensar o que pode unir tanta gente em torno de uma música sem palavras e, por isso, sem bandeiras e que se diferencia pelo número de batidas.

A música eletrônica efetivamente agrega, é fator de união entre os jovens. Também percebe-se que eles não a ouvem como as gerações anteriores curtiam música, sentados em uma sala, tomando um drinque. Eles próprios não suportam ouvir música eletrônica nessas condições. Ela é feita para dançar, para a balada. Estas pessoas estão todas juntas, curtindo essa música, mas estão sozinhas; descobriram isso: o estar junto sozinho. É uma espécie de monólogo articulado. A sociedade, então, vai ter que criar espaços para que as pessoas estejam juntas, mas não necessariamente fazendo a mesma coisa ou se compreendendo mutuamente.

A *rave* pode ser pensada como um novo tipo de laço social, que não necessita da compreensão para se justificar. Tanto no mundo iluminista quanto no mundo moderno, estar junto era repartir uma forma de visão, era ver o mundo de forma semelhante. Quando falamos, por exemplo, sobre os torcedores de um time sabemos que são aqueles que se unem em torno do brasão do time. Hoje, precisamos descobrir que tipo de laço social vai servir dentro da quebra dos padrões. E quando se fala sobre os participantes de uma festa de música eletrônica, as *raves*, o que se pode dizer sobre o que os une? Eles repartem uma presença, não um sentido comum.

Na *rave* o que importa é se sentir bonito, bem vestido e admirado pelos outros. As pessoas estão lá para se divertirem, para fugirem da realidade que as atormenta, e fazer uso de drogas é acelerar essa fuga da realidade vivenciando um sentimento de estar inserido em um grupo em que todos buscam o mesmo ideal.

Quando a droga faz efeito, muitas vezes, a pessoa tende a se isolar por um certo tempo e repensar sua vida, volta-se para as suas próprias questões, o que resulta em lágrimas, dúvidas e questionamentos. Então, busca socializar-se com os companheiros de festa, resultando em longas conversas com um amigo, para falar mais e abertamente sobre si mesmo. Faz confissões, declarações e sente-se aceita pelo outro. Quando a droga tem um efeito contrário a este, sai pela festa conversando com todos e dançando em todas as rodas de amigos, ele sente a necessidade de se relacionar com o outro, deixando clara a sua total carência por atenção. Conclui-se, portanto, que independente do efeito que a droga irá causar, a pessoa precisa do olhar do outro, ele é o seu próprio objeto de desejo e sua libido está voltada para si, em um narcisismo exacerbado.

Na *rave*, a pessoa sente uma sensação de satisfação plena, advinda da junção da droga, da decoração e da música eletrônica, o que faz com que queira sempre vivenciar esta sensação, uma satisfação acompanhada de uma falta, pois a festa acaba e a satisfação também, fazendo com que ela queira voltar na próxima semana.

Todo desejo inclui uma satisfação, por outro lado, toda satisfação é marcada pela falta, não sendo jamais absoluta. Neste sentido, Freud retomará em seu texto sobre o mal-estar na civilização, as formas usuais de se lidar com esta balança, buscando fugir do mal-estar pela escolha de um de seus caminhos. A religião e o ascetismo como tentativa de se escapar do prazer e de se manter unicamente no desejo, a intoxicação como uma tentativa de acesso direto ao prazer. Finalmente, a sublimação, como via paradoxal de se contornar o prazer, obtendo, porém, neste processo, uma satisfação parcial que relança o desejo.

Assim, a *rave* é uma criação cultural, portanto, a institucionalização de um lugar para se pensar no mal-estar, na juventude, no conjunto com a civilização. no qual os indivíduos passam por processos de identificação, idealização e transgressão em grupo. Pode-se também observar a repetição que aparece nas entrevistas sobre o abuso das drogas que tem a função de

viabilizar o acesso direto ao prazer, o prazer aqui e agora. No entanto, a *rave* é um lugar para a despersonalização.

ANEXOS

1. Primeira entrevista: Daniel, 29 anos, de Jundiaí – SP.

Daniel: Meu nome é Daniel. Tenho 29 anos e sou de Jundiaí.

E: O que você faz? Você trabalha? Estuda?

Daniel: Eu era gerente de loja e atualmente eu “tô” parado, dando um tempo, revendo tudo, “meu”?! “zuando pra caralho”! Eu nunca imaginei que minha vida aos 29 anos fosse chegar nesse “pico” a ponto de eu me conhecer e conhecer todo mundo, assim, e ter uma coisa de uma troca muito gratificante. É muito importante!

E: O que faz você vir a uma festa *rave*?

Daniel: O que faz eu vir até aqui? Ah! Acho que o contato com as pessoas, a energia do lugar, a vibe que é positiva “pra caralho”, e sei lá, “meu”, usar as drogas né? (risos). A gente tem que ser leal, assim, não pode ocultar as coisas, a galera vem aqui... extravasa e sai daqui e é outra pessoa, entendeu? Acho que a gente tem que ser original, tem que ser a gente mesmo, expor o que a gente pensa.

O brasileiro é um povo muito bacana, mas ele é muito oprimido, assim, ele não tem voz própria, ele não age por impulso. Eu percebo isso nas meninas, quando eu vou beijar uma menina e ela “tá” acompanhada, ela pergunta pra amiga dela se ela pode beijar, ela não tem a vontade própria dela e a decisão dela, ela precisa perguntar pra alguém, entendeu? É um povo muito carente de uma voz maior, eu acho que o povo daqui tem que se libertar mais e encarar a vida como uma realidade. O mais importante é... pra uma pessoa manter um equilíbrio mesmo, assim, é a sinceridade, porque quando você é sincero consigo mesmo e com as pessoas, você não teme nada, você não tem nenhum monstro dentro da sua cabeça, você fica livre entendeu? Você cria um sorriso em mente e contagia todo mundo, é isso! A sinceridade é a chave da felicidade.

Eu uso drogas há quinze anos, eu comecei assim, por influência dos amigos mesmo, e eu vi que era uma coisa legal, mas eu sei que as drogas atrapalham muito a vida, eu perdi oportunidades maravilhosas de emprego,

perdi muito contato com a minha família também, e “tipo” eu, influenciei muitas pessoas também, é... incentivei muita gente a usar droga da minha família, isso é um peso assim pra mim. Eu uso maconha todo dia, fumo bastante haxixe também, e a cada dois, três meses assim, eu tomo bala e doce. Mas já usei tudo, já usei cola, usei lança, usei um colírio que você pinga no nariz que é pra dilatar a pupila dos olhos que deixa louco, usei quetamina que é um anestésico pra cavalo, nossa senhora! É tanta droga que “tipo”, a hora que eu penso assim na minha saúde, me, me estraga, eu fumo cigarro e bebo bastante álcool, bastante álcool, eu sou usuário pesado de drogas e eu sou consumista direto de álcool, praticamente três, quatro vezes por semana eu bebo.

Ah! Eu uso drogas mesmo, porque eu tenho muitos neurônios, e quando acabar, ainda vão sobrar dois, o Tico e o Teco. O Teco é ciumento, mas o Tico nem liga! Eu sou bonzinho, mas eu sou desastrado, eu ajudo o velhinho atravessar a rua, mas eu tropeço!

E: Qual a influência que a *rave* tem na sua vida com relação às drogas?

Daniel: Ah muita! Eu venho aqui eu uso tudo, uso tudo! Uso bala, doce, só não extrapolo porque eu conheço meus amigos, mas eu sei que eu fiquei mais tolerante às drogas, porque aqui o consumo é desenfreado, até quem não usava, não pensava em usar “tá “usando, é uma coisa que é oculto da família, e “tipo”, a galera que “tá’ aqui, “tá” aqui hoje precisando cada vez mais, assim... de um mundo que sem drogas com certeza é muito melhor.

E. Obrigada Daniel, obrigada por colaborar com meu trabalho.

2. Segunda Entrevista: Flor, 28 anos.

E. Entrevistador

A segunda entrevista foi realizada muitas horas após a primeira, já que foi difícil encontrar alguém com disposição para ser entrevistado. Ao reencontrar uma conhecida, falei sobre meu trabalho e pedi que me concedesse uma entrevista, a qual aceitou imediatamente.

Assim como na primeira, pedi que dissesse seu nome e sua idade para dar início.

Flor: Meu nome é Flor e tenho 28 anos.

E: Você trabalha? Estuda? O que você faz?

Flor: Sou bióloga, mas não estou atuando na área, estou trabalhando como assistente comercial.

E: Você poderia falar um pouco do porquê você vai a uma festa *rave*?

Flor: Eu vou porque aqui não tem briga, aqui é uma paz, é uma união da galera, dá pra fazer muitos amigos, aqui ninguém tem interesse em pegação e baixaria, a gente vem pra fazer amizade e conhecer pessoas, e abrir a cabeça para novas idéias, e a música, é lógico!

E: Qual a sua experiência com a *rave*?

Flor: Olha! Eu vou em *rave* já faz dez anos, eu fui quando essas grandes eram bem pequenininhas. As *raves* mudaram um pouquinho, infelizmente, o público alvo mudou, antes era tudo de bom, tinha um pessoal mais unido, agora “tá “dando muita gente, principalmente de fora, o que significa? O pessoal não vem pela música, não vem pela amizade, vem pelas drogas, isso é muito triste. É SÓ PRA USAR DROGAS!

Antes era diferente, antes tinha o sentido de união e agora está um povo estranho, pessoal que está entrando não conhece um pouquinho da simbologia, etc.

Ah, Cris me desculpa! Mas meus amigos estão me esperando, depois posso falar mais, se você quiser. Obrigada por me chamar para participar do seu trabalho.

3. Terceira entrevista: Marcos, 29 anos, de Minas Gerais.

E: Entrevistadora

Essa entrevista foi realizada com um amigo que frequenta as *raves*, não foi uma entrevista programada. Aconteceu durante uma conversa em seu local de trabalho.

Marcos é jornalista e dono de uma livraria em Minas Gerais.

Pedi a Marcos que me contasse qual era a sua experiência com as festas *raves*.

Marcos começa contando que conheceu as festas *raves* pela primeira vez no ano 2000, mas começou a frequentar no fim de 2002. Com um grupo de amigos de sua cidade.

Marcos: No início, as festas eram uma motivação. Vivia em função de ir para uma festa, o próprio trabalho gira em torno de ganhar dinheiro para ir para uma *rave*. Em casa, no trabalho e nas festas escuta-se só um tipo de som, que é a música eletrônica.

A *rave* é um lugar onde as pessoas se amam, se respeitam e são educadas. No início das festas, a grande maioria dos frequentadores eram

peças estudadas, pós-graduadas, pessoas cultas e que preservam a natureza. Num país onde se precisa pedir para um carro parar, para não ser atropelado, num país de terceiro mundo, a *rave* acaba parecendo ser um mundo melhor e civilizado.

Mas acredito que o universo *rave* vai acabar. Já acabou o ideal de *rave*, ideologia religiosa, filosofia de vida. Hoje virou comercial, um negócio para se ganhar dinheiro; não existe mais aquela coisa de preservar o lugar e a natureza como falei antes. Hoje, brigas acontecem como num show de Rock, virou popular, talvez também, as *raves* acabem por causa de uma proibição das leis.

No começo você vai e é feliz, embalado pela música e por diversas drogas, é claro! Você se esquece dos problemas, como se o mundo fosse perfeito. E quando você sai de uma *rave*, você acha que o mundo é belo e perfeito, mas logo você volta para a realidade, mesma família e mesmos problemas.

Ai, você percebe que o mundo não é perfeito e a *rave*, não resolve os seus problemas. É uma fuga da realidade, lá você sai da realidade e depois quando a festa acaba você volta para ela, e por isso, talvez, queria sempre voltar para a *rave*.

Marcos ainda diz:

Tem-se a impressão de que as pessoas são felizes e na verdade não sei se são, mas tem-se essa impressão. Já ouvi muitas pessoas que vão pela primeira vez ficarem encantadas como eu fiquei no começo, e falam: “Nossa! Aqui as pessoas não puxam o meu cabelo”. Mas as *raves* que frequentei no começo, aquela que me encantou não existe mais hoje. As pessoas parecem ser felizes, você sabe porquê!

Aqui fiz uma intervenção para melhor entender o que o entrevistado queria dizer: perguntei: “Porque”?

Marcos: “*Por causa das drogas*”. Já vi muitos amigos se viciarem em drogas lícitas e ilícitas depois que começaram a frequentar as *raves*, também vi amigos que acabaram sendo presos. Tive uma experiência nas *raves*, onde tomei muitas drogas, não sabia onde estava e me machuquei todo, não

me lembro de nada, não sei como aconteceu, mas sou obrigado a lembrar disso todos os dias quando me olho no espelho, pois meu rosto mudou, minha face mudou devido aos machucados e fratura no maxilar; foi aí, que percebi que “o buraco é mais embaixo”. Eu já fui muito feliz nas *raves*, mas hoje não vou mais com tanta frequência, prefiro tomar cerveja num bar com os amigos, usar o álcool a usar drogas ilícitas, não uso mais drogas desde quando achei que tinha morrido na *rave*.

Hoje mesmo, estou indo em uma *rave*, mas vou para estar com meus amigos, me divertir, vou sem drogas. Já fui a muitas *raves* sem usar drogas e senti o mesmo prazer, me diverti e divirto como antes. Mas a *rave* “te” coloca em uma outra realidade, sim! Quando você começa a ir à *rave* e não usa drogas, você passa a se divertir e gosta da festa e do som, mas quando você começa a tomar drogas você passa a gostar mais ainda. E quando você para de tomar, você começa a perceber que a droga atrapalhava até mesmo a ouvir o som; hoje, consigo ouvir a música, saber o que está tocando e dizendo, com as drogas eu só ouvia o barulho. Essa é a minha experiência com as *raves*, muito boa, mas tive momentos ruins, como falei, e aprendi a ir para uma *rave* sem usar drogas, aprendi que: “é muito melhor uma dura realidade que uma doce mentira”.

4- Quarta entrevista: Antunes, 27 anos.

E: Entrevistadora

Antunes é formado em administração.

A entrevista com Antunes aconteceu durante um encontro em uma visita à casa de um amigo em comum, em uma conversa informal comecei contando um pouco sobre o meu trabalho e pedi que me contasse sua experiência com as *raves*. Após a conversa, percebi que seria de grande ajuda para o trabalho.

E: Conte a sua experiência com as *raves*.

(Silêncio.)

Antunes: O que eu falo?

Neste momento eu disse para que ele falasse o que considerava importante sobre sua experiência com as *raves*.

Antunes começou dizendo que conheceu as festas *raves* no ano de 2001.

Antunes: No início, frequentava as festas apenas por causa das drogas. Sempre gostei de usar drogas mesmo antes de conhecer as *raves*, usava maconha, cocaína, já cheirei cola e usei ácido, mas o êxtase só usei quando comecei a frequentar as *raves*. Nunca fui ligado ao som. O som eletrônico assim como todo tipo de música nunca me chamou atenção, sempre gostei muito mais de televisão que de rádio.

Eu ia mesmo porque era uma coisa “legalize”, o lugar é bacana e nunca vi brigas em *raves* como vejo em outras baladas. As pessoas são bonitas, as pessoas que frequentam as *raves* são elitizadas, pois os convites são caros, as drogas são caras. Também gosto da *rave* porque sempre acontece aos finais de semana e durante o dia, gosto do dia porque posso ver melhor as pessoas.

Muitos dos meus amigos já iam em *raves*. Comecei a ir com eles e quando você começa a ir você começa a conhecer muitas pessoas, e conhece pessoas que “te” fornece drogas em grande quantidade. Aí você pode vender para alguns amigos e conhecidos, ganhando \$10,00 reais em

cada êxtase, e acaba usando o seu sem tirar do próprio bolso; aí começam a criar os traficantinhos.

Antunes continua dizendo:

Depois de algum tempo frequentando, eu vi muitas pessoas que começaram a fazer festas em São Paulo e que deram certo, por isso me juntei com alguns amigos para fazer uma festa em Minas Gerais, pois tenho amigos que são de lá. As primeiras festas foram legais e vi que também podia ganhar dinheiro com as *raves*.

Mas na mesma época, vi muita gente sendo presa, e alguns amigos também, uns por tráfico e outros porque faziam festas, e eram considerados facilitadores do tráfico, pensei também que se alguém morresse nas festas a responsabilidade cai em cima dos organizadores. Por esse motivo e também porque eu já havia passado por muitas outras coisas, já levei tiro, fui sequestrado, assinei o artigo 16 da “constituição” penal, não por causa de *rave*; mas com tudo isso comecei a pensar e perceber que fazer uma festa *rave* estava ficando arriscado, daí resolvi parar de fazer festas.

Continuei indo, mas apenas como frequentador, continuei pelos mesmos motivos que sempre fui antes de começar a fazer festas, por ser fácil o uso de drogas, para estar com meus amigos, porque tem muita mulher bonita e porque acho os lugares bacanas.

Hoje não uso mais droga nenhuma, percebi que tenho projetos de futuro, mas continuo indo às *raves*, pra estar com meus amigos, e porque gosto das festas.

Minha experiência com as *raves* é essa, não sou um experiente em *raves*, mas gosto muito e todos os meus amigos frequentam e gostam muito também.

5. Quinta entrevista :Miras, 23 anos

E. Entrevistadora

Essa entrevista, assim como a de Marcos e Antunes, foi realizada com um amigo que frequenta as *raves*, não foi uma entrevista programada. Ocorreu durante uma conversa informal em uma festa.

Conversando com Miras , pedi que me contasse sobre sua experiência com as *raves*, como e quando foi que conheceu essas festas, porque começou a ir e com quem foi pela primeira vez. A partir daí surgiram outras questões que serão relatadas posteriormente.

Miras: Tenho 23 anos, sou estudante de design gráfico, resido no mesmo lugar desde que nasci. Cresci ao lado de um grupo de amigos que moram próximos à minha casa e é junto a esses amigos que vivenciei muitas experiências em minha vida, inclusive com as festas *raves*.

Eu e meu grupo de amigos sempre gostamos de música e por volta do ano 2001 montamos uma banda de pop rock, participamos de alguns concursos e ganhamos um deles. Em 2003 uma parte desse grupo de amigos foi pela primeira vez em uma festa *rave* e ficaram encantados com a festa, com o som da música eletrônica e convidaram o restante da turma para ir a uma próxima festa, assim se inicia a minha história com as *raves*.

Fiquei curioso para conhecer uma *rave*, e quando foi pela primeira vez que fui, fui com a idéia de que ia para ficar “muito louco”, porque achava que a *rave* seria um lugar legal para isso. Já havia experimentado drogas em minha vida, e ficar “muito louco” era poder usar drogas e ficar “louco” junto aos amigos num lugar legal, ficar “muito louco” era muito gostoso.

Perguntei por que era gostoso ficar louco e ele respondeu dizendo que era gostoso porque sentia uma sensação de liberdade, esquecia dos problemas por alguns momentos e se divertia muito com os amigos.

Após o primeiro contato com as *raves*, assim como os amigos que haviam ido anteriormente, Miras também se apaixonou pelas festas e pelo som da música eletrônica.

Miras: Comecei a frequentar sempre, e com o passar do tempo eu e meus amigos deixamos de lado a banda de pop rock e tornamos Dj's. Compramos aparelhagem de som necessária para tocar música eletrônica e logo promovemos uma festa *rave* que acontece ainda nos dias de hoje.

Miras comenta:

Miras: Gosto muito de ser Dj e ver as pessoas curtindo e dançando ao som da música que está tocando alimenta o meu ego. É uma sensação muito boa, é uma sensação de satisfação. No início, quando comecei a frequentar *raves*, ia apenas para ficar “muito louco”, mas hoje em dia vou por causa do som e é mais um lugar legal para estar junto com meus amigos, hoje consigo ir sem usar nenhum tipo de droga, nunca precisei ir à *raves* para usar drogas.

Acredito que a *rave* seria uma forma de esquecer meus problemas e me sentir livre, sem me preocupar com nada; quando estou em uma *rave* sinto-

me protegido, porque lá ninguém vai me julgar, mas ao contrário vão me ajudár a ser uma pessoa melhor. Ainda continua:

Também acho que na rave todos querem a mesma coisa, todos nós queremos liberdade, paz, respeito, união... na rave podemos ser nós mesmos, a música, a altura do som, a batida e os mantras misturados à música eletrônica nos levam a dançar livremente e nos levam a uma viagem única em cada festa.

6. Sexta entrevista: Danilo, fotógrafo, 29 anos e Talita, professora, 26 anos.
E: Entrevistadora

Danilo é fotógrafo profissional e Talita é professora de Educação Física e Vj. Danilo e Talita são um casal, têm 29 e 26 anos, respectivamente, e com mais duas pessoas são organizadores da *rave* Respect.

Conheci Danilo em outubro de 2008, durante a festa Respect que aconteceu em Itu, interior de São Paulo. Já conhecia alguns de seus trabalhos como fotógrafo e sabia, devido à sua popularidade neste meio, que Danilo era uma pessoa que frequenta *raves* e festivais de música eletrônica no Brasil e alguns na Europa; ele e sua esposa acabaram de chegar de um *tour* que fizeram pelos festivais europeus; chegaram a ir a 5 festivais em países diferentes.

Após a Respect, marcamos um encontro no parque do Ibirapuera de São Paulo, local sugerido pelo próprio Danilo para que pudéssemos realizar a entrevista para o meu trabalho de mestrado. Ao chegar ao local combinado, encontrei-me com Danilo. Sua esposa Talita nos deixou a sós para que a entrevista fosse realizada apenas com Danilo, porém, após algumas horas, ela retornou ao local e participou da entrevista junto com ele. No início, pensei que talvez fosse necessário realizar uma entrevista com cada um deles separados, mas logo percebi que a entrevista com os dois também poderia ser muito rica para o meu trabalho, pois a maioria das experiências relatadas foi vivenciada pelos dois, e com isso, além de entrevistá-los como frequentadores e organizadores de uma festa *rave*, pude entrevistá-los

também como um casal que frequenta as *raves* e os festivais com assiduidade.

Comecei a entrevista com Danilo, pedindo que ele me contasse há quanto tempo ele frequenta as *raves*, quando e como foi pela primeira vez.

Danilo: Vou em *raves* há 12 anos, a primeira vez eu cai de paraquedas, foi em Maresias, estava na praia e vi uma movimentação, uns ônibus chegando com umas pessoas estranhas, com roupas coloridas, ouvi um barulho de música, comprei um convite e entrei para ver o que era aquilo. “Me” apaixonei!

Era uma coisa fora da realidade que eu vivia... (pausa, risos...)

E: Porque era diferente da realidade que você vivia? Por que você se apaixonou?

Danilo: Ah! Desde o jeito de se vestir até as pessoas se abraçando, dando risada, uma energia diferente, isso que era diferente da realidade, eu não vejo pessoas se abraçando em qualquer lugar, em qualquer festa. As roupas eram coloridas, muito alegres, diferentes do que estava acostumado a ver fora das *raves*, lá cada um tinha seu estilo, ninguém estava preocupado com a moda.

Ah! E eu era certinho, estudei em colégio de padre... lá, lá, lá... não tinha acesso a essas coisas. Por isso me apaixonei!

E: E como você descobriu que essa festa que você estava era uma *rave*?

Danilo: Conversei com um pessoal, a gente ficou até amigo, e aí quando cheguei em São Paulo comecei a procurar o que era aquilo que tinha vivido lá, aí comecei a procurar e comecei a seguir também. Todo final de semana, a gente ia, falava: “Ah! Essa vou”, comprava ingresso e ia, e isso foi até 2000, todo final de semana ia pra alguma festa.

E: Você disse “a gente ia todo final de semana”, você ia com quem para essas festas?

Danilo: Eu e um amigo, “tipo” um irmão. Nunca tive uma turma que eu ia para as *raves*, ia só eu e esse amigo, já fui várias festas sozinho também.

Mas com um monte de gente eu acho que nunca fui, nunca fui pra uma festa com mais de quatro pessoas, duas pessoas são o máximo.

E: Então você começou a ir todos os finais de semana desde 96, e o que faz você ir a uma festa? O que move você a estar lá?

Danilo: Há...há...há... o que move a estar lá...?.. É que hoje virou uma coisa mais profissional, vou pra trabalhar mesmo, não pra curtir.

E: Mas se você não tivesse conseguido essa maneira de trabalhar lá, você continuaria indo como frequentador apenas?

Danilo: É, mas eu escolheria melhor as festas, mas eu iria com certeza!

E: Então tem alguma coisa que o move para ir a esse lugar!

Danilo: É energia mesmo, é a energia! Você não encontra uma energia boa, gostosa em qualquer lugar, não dá pra ir num pagode, ou numa micareta.

E: O que é energia? De que energia você está falando?

Danilo: O clima! O clima! Você chega num lugar e é diferente, quando você chega num lugar e é bem recebido, as pessoas olham pra você no seu olho, “te” cumprimentam, “te” abraçam... “meu”, não tem como descrever, isso é muito... como eu vou falar? ... Isso me fez acreditar que a humanidade tem jeito, que as pessoas “te” cumprimentam, olham no seu olho, abraçam, querem saber da sua vida. Não é em qualquer lugar que você encontra isso.

Meus amigos são todos de festas hoje, não tenho amigos de prédio, de rua, os meus melhores amigos são amigos de festa, amigos que eu considero de coração mesmo.

E: E esses amigos você encontra só em festas ou encontra fora delas também?

Danilo: Eu encontro fora das festas, mas conheci dentro das festas! Não é uma amizade de festa, a maioria dos meus amigos são... “tipo”... o filho dele nasceu eu vou lá batizar o filho dele. É uma ligação bem forte mesmo. Amigos pra vida mesmo.

E: Então o que o move a ir às festas é poder estar com pessoas que olham nos seus olhos, pessoas que o cumprimentam, abraçam-no e querem

saber da sua vida? Por que fora das festas as pessoas não fazem isso com você?

Danilo: É por isso também, mas também por causa da música... Aqui fora as pessoas estão interessadas só em si mesmas, todo mundo correndo pra lá e pra cá, ninguém tem tempo de parar e conversar, trocar uma idéia.

É difícil explicar uma coisa que nem você entende!

Eu nunca tinha pensando porque eu vou a uma festa! Ha!ha!

É uma coisa maior assim, é uma coisa... é uma boa pergunta, não é uma pergunta pra responder em um dia não.

E: Nós podemos marcar um outro dia para conversar sobre isso novamente...

Danilo: Ah! Eu busco crescimento também, é mais fácil você crescer em todos os sentidos por dentro, estando numa festa do que na Babilônia, no caos. Porque lá você começa a se conhecer por dentro, não é só: "eu to aqui porque você quer mostrar para os outros que você tem status", lá você para um pouquinho e pensa em você mesmo, no que você está fazendo, se é certo e errado.

E: E você consegue pensar nisso quando você está lá? E você chega a alguma conclusão?

Danilo: Ah! Essa é uma pergunta difícil... eu agradeço pela oportunidade de ter conhecido esse Universo, eu agradeço mais do que eu penso na verdade, porque tem muita gente que não sabe o que está acontecendo, só vive no mundinho daqui de fora, televisão e lá, lá, lá... Sei lá, não expande o tanto de coisa que está rolando por aí.

E: E o que está rolando?

Danilo: "Meu", diversas palestras, ensinamentos, preservar a natureza, comida também, para você ter uma alimentação melhor, embora eu não seja vegetariano, vira e mexe aparece um lá e começa a falar na sua cabeça sobre isso. O calendário Maia, muita gente segue o calendário Maia por causa das festas.

Você aprende a se conhecer melhor!

E: Como é isso? Como que você aprende a se conhecer melhor?

Danilo: Você olha suas atitudes e se convence que você está errado ou que você está certo, por exemplo: Um negócio de cigarro no chão, o cara fuma e joga a bituca no chão, se ele faz isso umas, duas vezes, três vezes, alguém vai “te” dar um “tok” uma hora: “Pô cara! Isso tá errado!” Aí você vai perceber que está errado, sempre tem alguém que vai “te” dar um “tok” uma hora.

E quando eu organizo uma festa, eu quero tentar passar para as pessoas tudo o que eu já vi, já aprendi, o que eu vivi em outras festas, como se fosse de pai pra filho, ensinamentos. Ensinamentos não, porque eu não sou ninguém pra ensinar ninguém, “tipo” uma mensagem, de que está tudo errado e quero passar uma coisa positiva pra eles.

E: O que está tudo errado?

Danilo: A cena eletrônica!

E: A cena eletrônica está toda errada? Como é o certo?

Danilo: Não é que tem um certo e um errado, é que deixamos cair na parte comercial pra ganhar dinheiro, e deixamos de fazer uma coisa mais fechada e passar o verdadeiro *trance* para as pessoas.

E: Verdadeiro *Trance*?

Danilo: É o *Trance* nascido em Goa, você fica despreocupado com o que os outros vão pensar. Seja você mesmo!

E nas festas que visam o comercial não dá pra fechar o olho e dançar, porque você vai ser rotulado, vai ser julgado, você vai ser ridicularizado, porque a galera só “tá” lá pra fazer pose mesmo, pessoas que não têm referência nenhuma. Embora hoje em dia você encontre pessoas sem referenciais em todas as festas, mas o objetivo das festas menores que ainda tentam resgatar o verdadeiro *trance* é fazer a galera entender que ela pode dançar livremente, fazer o que ela quiser que ela não vai ser ridicularizada.

E: Você não acha que às vezes dar tanta liberdade assim pode ser um risco?

Danilo: Depende do ponto de vista, eu acho que as pessoas têm que conhecer todos os valores do *trance*.

E: Quais são esses valores?

Danilo: Não tem o que falar...são sensações, é viagem que a música te proporciona sem você falar nada, você não precisa estar drogado para você se soltar, é difícil falar do *trance* assim desse jeito, nunca tinha pensado sobre essas coisas.

E: Talvez seja a oportunidade de começar a pensar sobre essas coisas.

Danilo: Eu acho que a gente não tem o poder de chegar no “cara” na festa e começar a falar para ele o que é o *trance*, ele tem que olhar para os lados e se sentir bem, ele vai aprender ali só olhando, ninguém tem que chegar nele e falar: “você está errado, você jogou garrafa no chão!” Se ele jogar a garrafa no chão alguém vai lá vai pegar e jogar no lixo e começa a dançar, ele vai entender a mensagem, tem coisas que não precisa falar para o cara entender.

É com isso que a gente se preocupa, são várias mensagens. Só no visual ele vai entender a mensagem, tem gente que não vai estar aberta para entender, mas que no fundo, no fundo ficou na cabeça dele, isso ficou.

E: Então você acha que é uma coisa que marca?

Danilo: Acho que sim. É um exemplo do outro que ele vê e pode ser seguido; no trânsito, por exemplo, quando ele for jogar a latinha na rua, ele vai lembrar daquilo e não vai fazer, é um exemplo que obtêm dentro da festa, mas que é vivido aqui fora, isso é um exemplo básico, mas tem muitas mensagens que se obtêm lá dentro e você traz aqui pra fora.

E: E você pode me falar alguma ?

Danilo: É difícil pensar assim, mas tem muita coisa.

Talita se aproxima neste momento e Danilo pede que ela o ajude com na conversa, já que os dois conversam muito sobre isso em casa.

Talita começa dizendo que vai às festas há 10 anos, sempre ia com muitos amigos, diferentes de Danilo que ia apenas com um amigo. Diz que já tinha ouvido falar das raves quando foi pela primeira vez. Conta que ela e

Danilo conheceram-se em uma *rave* e sempre vão juntos para as festas e festivais.

Talita conta como foi que surgiu a idéia de fazer uma *rave*.

Talita: Tudo começou quando a gente começou a ficar muito injuriado, porque não tem mais graça sair de casa, ir a uma festa, porque não tem mais festa com a magia, com todo o conceito que estamos acostumados a ver há anos, o porque a gente se apaixonou, aí pensamos: “já que estamos reclamando tanto, por que não juntamos e fazemos uma festa?” Aí juntamos todos e começamos a fazer com o objetivo de salvar um pouco do que a gente ainda conhece.

A magia *trance* é o lance da galera saber se respeitar no geral. É o P.L.U.R.!

E: Então a ideologia do P.L.U.R existe?

Talita: Existe e é toda a base do mundo *trance*, é a razão, é por isso que a gente vive, aliás, é nossa filosofia de vida. A gente vive nessa ideologia, nessa filosofia mesmo fora das festas e dentro também.

E: E vocês acham que vocês conseguem alcançar ou chegar próximo a isso?

Talita: A gente vive isso na nossa vida, a gente tenta, a gente consegue!

Na nossa vida sim! Mas com relação a todo o resto, o mundo, com as pessoas que não fazem parte dessa filosofia a gente tenta ensinar algumas coisas, na medida do possível e, quando a gente acha que é impossível, a gente acaba não tendo aquela conexão de amizade com pessoas assim, que não tem essa mesma idéia, não que a gente não goste da pessoa. Simplesmente porque não dá aquela “química, saca”?

Danilo: É o que eu falei, a maioria dos nossos amigos são amigos de festas, que a gente fez dentro das festas e trouxemos pra fora.

Talita: Eu tenho vários amigos que são de fora de festa, que me adoram, me admiram pra caramba, que não vivem nesse mundo, mas me respeitam e me admiram muito por eu ter toda essa idéia de vida.

E: Então você tem isso como uma filosofia de vida?

Talita: Sim. Nós vivemos isso e por isso também que fizemos essa viagem para Europa, sempre tivemos vontade de conhecer os festivais de lá para saber como era.

E: E vocês foram para alguns festivais na Europa, como foi essa experiência?

Talita: Nossa! Foi mágico, a gente não fala nenhum idioma e quando entrava num festival a gente falava: “Ufa! Estamos em casa, agora está tudo bem, não tem nenhum problema, está tudo ótimo!”

Estar num país diferente é o tempo todo tenso, não sabe pra onde ir, como chegar, e a gente chegou no festival pôde relaxar.

Danilo: Ninguém consegue falar nada, mas não precisa falar, só pelo olhar você entende tudo.

E: Esses festivais que vocês foram duraram quantos dias?

Danilo: 4,5,7 dias cada um...

Lá nesses festivais a gente nem olha quem vai tocar, tanto que um desses festivais, a gente não gosta muito de progressivo, a gente gosta mais de músicas aceleradas, e nesse festival era só progressivo, mas a decoração foi a mais legal que a gente viu e o que a gente mais conseguiu dialogar com a galera, todo mundo já conhecia a gente porque foi o último festival que nós fomos, e aí eles falavam: “Oh! Os brasileiros!” Sentavam e tentavam conversar com a gente, alguma coisa ali saía, foi neste que fizemos mais amizades porque nós não íamos dançar.

E: Então vocês estão me dizendo que vocês não vão por causa da música?

Talita: Não, não vamos!

E: Vocês por causa do quê?

Danilo: Por causa de tudo, tem coisas que só existem lá.

Talita: É toda magia.

E: O que só existe lá?

Talita: Em primeiro lugar, são as amizades que fizemos, é um lugar onde encontramos nossos amigos.

Segundo lugar, hoje em dia a gente trabalha, é uma oportunidade de irmos trabalhar.

E: Por que você não dorme, vai pra uma festa no meio da madrugada, num sítio, muitas vezes debaixo chuva? O que faz você querer ir a uma festa e passar por tudo isso?

Talita: Porque é meu habitat natural, me sinto em casa.

Danilo: Pra mim é uma fuga da realidade.

E: E por que você quer fugir da realidade?

Danilo: Porque ninguém merece viver nesse caos, viver em São Paulo é o caos, ninguém merece, não só São Paulo, mas acho que São Paulo supera os outros lugares.

Eu quando estou lá dentro, eu desligo, quero nem saber se a minha tartaruga morreu, a gente se desliga do mundo, esquece problemas.

Talita: É igual uma pessoa que gosta de meditar, praticar yôga, fazer atividade física assim como eu, a gente gosta de ir pra festa, festival. É uma forma de recarregar suas energias pra voltar a viver no caos, numa sociedade que não tem como não viver nela.

E: Vocês disseram que vão para as festas para trabalhar também, vocês fazem o quê nas festas?

Talita: Eu sou Vj, comecei a fazer isso porque cansei de ir às festas e não poder ficar com o Danilo, porque ele sempre estava trabalhando. Aí um dia ele me mostrou um programa que faz projeção, aí fiquei olhando e olhando e acabei que me apaixonei. Aí comecei a fazer os vídeos, então a gente junta as fotos dele com os vídeos na nossa projeção, somos nós dois juntos.

Danilo: Aí a gente joga a *psycodelia* no meio e aí muita cor, imagens, de alguém dançando, fotos...

E: Como é colocar a *psycodelia* no meio?

Danilo: É... pegar um fractal, inverter ele e colocar ele na sua mente sem perceber.

E: O que é a *psycodelia*?

Danilo: *Psycodelia* é... um estado de consciência alterado...

Eu sempre falo: “viva a *psycodelia*” mas nunca parei pra pensar o que é a *psycodelia* pra poder argumentar assim.

Talita: *Psycodélico* normalmente a gente entende como algo que “te” leve ao transe, a começar daí, alguma coisa que “te” leva ao transe, então, por exemplo, nas nossas imagens a gente procura hipnotizar a galera com imagens que induzem ao transe, então por exemplo: um fractal, alguma coisa muito colorida, ou espirais, e quando você perceber você já vai entrando em transe, como se você tivesse entrando numa viagem, um sonho, fora de você, e a gente vai soltando algumas mensagens subliminares ali, ou alguma frase “tipo”: “Dance!” Alguma coisa assim. Alguma mensagem ela leva. E você nunca mais vai esquecer essa mensagem!

E: Por que vocês gostam de levar as pessoas ao transe?

Talita: Porque a gente acha esse lance muito gostoso.

Danilo: Ah, eu porque... Porque quando eu estava numa festa eu gostava de ver alguém me hipnotizando, olhar pra algum lugar e falar: “Nossa, o cara comeu meu cérebro ali”.

E: Como é pensar que alguém comeu seu cérebro?

Danilo: Ha! ha!ha!ha... Você está dançando, vendo imagens e quando você menos percebe já está captado por aquilo lá, se você fechar o olho você vai ver aquela mensagem lá.

A gente tenta passar para as pessoas nas nossas imagens tudo aquilo que nós já conhecemos, nos festivais que nós fomos. Na Europa, não tem pessoas novas, nós éramos os mais novos da festa, lá vai avô, pai, filho, tio, eles vão em família para as festas.

Essa é uma mensagem, lá eles vão com a família, ninguém vai para usar drogas ou pra se mostrar!

E: Quais diferenças vocês puderam perceber desses festivais para as festas no Brasil?

Talita: Ah! Fácil responder. Não tem *playboy* em festas, não tem gente nova, nós éramos os mais novos da festa, tirando que lá vai a família, todo mundo se joga nas pistas, é como eram os *hippies*, bem isso mesmo. Eles cultivam o movimento *hippie* e no Brasil não tem isso, lá tem o “vozinho” que viveu mesmo a cultura *hippie* e hoje passa para os filhos. Lá o pessoal não vai à pista pra ficar olhando a pessoa do lado, só vai pra pista pra dançar. Se não quer dançar, sai da pista e vai conversar em outro lugar, não fica na pista. Então você olha na pista está todo mundo, todo mundo mesmo de olhos fechados e dançando.

Danilo: Então as pessoas não se importam com o que vão pensar dele, não em torno “do que vão pensar de mim”, como acontece aqui no Brasil. O brasileiro se preocupa muito com o que vão pensar dele.

E: E vocês acham que vão continuar indo sempre em festas?

Danilo: Pra mim é minha vida, quero levar meus filhos pra lá.

Talita: É nosso ambiente, a gente se conheceu lá e quero morrer num festival.

E: Vocês usam algum tipo de droga?

Danilo: Hoje em dia não. Nada! Bem diferente do que acontece com a maioria da galera que vai hoje.

A gente vai com o intuito de dançar... não precisamos de drogas.

A música é a trilha sonora da festa, mas não vou à festa por causa da música, vamos por causa dos ensinamentos, da magia *trance*, do ritual.

E: Vocês consideram a *rave* um ritual?

Talita: Cada um vive o mundo e a vida de um jeito, é aí que entra o respeito do P.L.U.R. Aqui a gente entra no assunto religião; eu, particularmente, acho super legal os rituais, mas não é um lance que vou fazer porque eu acredito que eu consigo fazer isso sozinha, não preciso de um elemento, ao fogo, ao tambor, eu gosto... O meu ritual sou eu na pista dançando, se eu estiver passando e tiver rolando um ritual, se eu tiver a fim, eu participo, mas acho que eu posso chegar ao mesmo lugar da minha forma. Eu acho que somos guiados por nosso próprio eu, e não vem falar

que “graças à Deus eu consegui isso ou aquilo”, assim como muita gente fala: “passei na faculdade, graças à Deus!”. “Meu, graças a mim que estudei e paguei essa porra!” Não tem essa de mencionar uma força divina. A gente acredita na nossa mente e no poder da nossa mente.

Eu acho que o ser humano precisa no geral desses elementos, Deus... então assim, às vezes, que nem Ganesha que o Danilo gosta muito; eu gosto da Deusa Tara, mas não quer dizer que a deusa Tara faz tudo, mas os ensinamentos da deusa Tara que me ensinaram a correr atrás de alguma coisa que quero pra mim, então não é culpa da deusa Tara!

Danilo: Eu não preciso de nenhuma força alienígena pra conseguir alguma coisa.

E: Então vocês acham que a *rave* é um ritual onde cada um tem seus próprios conceitos e não precisa, necessariamente, de algum Deus ou alguma coisa espiritual?

Talita: A gente acha que cada *rave* tem um tema e cada festa tem ritual em volta do tema. A *Earthdance*, por exemplo, é uma festa que rola no mundo inteiro pela paz mundial, então a festa toda rola em torno desse tema, o ritual é sobre o tema paz. Eles tentam passar alguma mensagem sobre a paz para conscientizar quem está participando da festa.

Danilo: Teve uma festa que nós fomos, a festa onde nos conhecemos, que teve um ritual super forte. Tinha uma tribo indígena perto do festival e aí rolou uma fogueira e os índios fizeram o ritual deles dentro da festa, começaram a cantar uma música que foi linda, todo mundo chorou, foi muito louco. A batida faz você entrar em transe. Tinha um propósito a festa, era uma homenagem para a galera do Tsunami, então tinha um propósito a festa, não é como essas de hoje em dia que é só pra ganhar dinheiro.

Talita: Toda *rave* sempre vai ter um tema, seja a água, o fogo, na Respect, por exemplo, tentamos resgatar a cultura dos anos 60, resgatar a magia dos *hippies*. É isso que nos move ir a uma festa, tentar viver uma filosofia de vida que acreditamos que será melhor pra gente e para nossos filhos um dia, é querer viver sem nos preocupar com o que vão pensar de

nós. Queremos ser nós mesmos, do jeito que somos e acreditamos que conseguimos isso quando estamos dentro de uma *rave* ou um festival.

Danilo: Estar dentro da *rave* é poder entrar em contato com você mesmo, é poder repensar suas atitudes, não que não seja possível fazer isso em outro lugar, mas a festa proporciona um ambiente para isso acontecer de modo mais fácil. É um lugar de livre expressão dos seus sentimentos e pensamentos. Lá você pode ser você, coisa que aqui fora é muito difícil porque existem muitos preconceitos que a sociedade impõe. É isso, pra gente é um estilo de vida! Não sei se tudo o que falamos vai “te” ajudar em alguma coisa, mas fomos sinceros, “te” contamos a maneira que nós pensamos e se precisar de alguma coisa, algum contato, alguma foto ou vídeo para ajudar em seu trabalho, pode contar com a gente!

7. Sétima entrevista: Renato, 31 anos, publicitário.

E: Entrevistadora

Renato tem 31 anos, formado em publicidade, atualmente trabalha com produção de eventos. Conheci Renato há alguns meses quando mandei um

e-mail para a organização da festa Respect, citada anteriormente. Ele veio a um encontro comigo, para conhecer meu trabalho a fim de me ceder alguns convites para a festa que seria realizada em outubro de 2008.

Renato é organizador da festa juntamente com Danilo e Talita, e além de organizar a Respect, Renato também organiza outras festas, participa da organização de um festival e também é colaborador do site *e-music*.

Comecei a entrevista perguntando o que ele imaginava que eu queria saber dele.

Renato: Nossa, complicado isso aí...

Ah! Acho que você está querendo saber um pouco mais sobre o que estamos fazendo, por que a gente está fazendo isso? Qual é o significado desse movimento? Você está querendo saber o significado disso pra mim.

E: E por que você imagina que escolhi você para fazer a entrevista?

Renato: Ah! Porque eu "tô" dentro do movimento, "tô" fazendo um movimento dentro do movimento. Como você sabe, tem a Respect, tem as festas grandes, tem um movimento grande e a gente "tá" fazendo um movimento dentro desse movimento grande, estamos tentando resgatar a ideologia do *trance*

E: Qual é esse movimento grande?

Renato: O Comercial né?

Ah! São todas as vertentes dos *trance*, têm as festas comerciais, as festas pequenas, baladas, tudo movido ao *psytrance*, então esse é o movimento grande. A Respect é um movimento de arte, mais complexo ainda que apenas o *trance*, a gente quer mostrar que a coisa é bem complexa, não é uma balada, uma simples balada. Envolve estudar, envolve entender, envolve diversas religiões, uma cultura global, tem *trance* aqui, tem *trance* no Japão, você vai a uma festa aqui ou lá e você vai encontrar as pessoas dançando a mesma música, mesmo tipo de decoração, é uma cultura global.

E: Você disse que tem que estudar, o que você estuda?

Renato: Eu, particularmente, estudo bastante religião, já estudei muito psicologia também, quando eu comecei a entender que o *Trance* estava me ensinando alguma coisa, comecei a estudar psicologia, para tentar entender o que estava acontecendo comigo. Estou lendo bastante agora sobre dança, yôga, sobre os movimentos do corpo, são movimentos que eu gosto de fazer aleatórios e eu estou tentando entender porque esse movimento está me dando prazer. E também sobre a música, de onde ela veio, porque misturou diversas culturas nela, tem muita coisa embutida no meio. Por que um instrumento da Índia está sendo usado no meio? Ah! Porque ele dá um transe. Ah por que a batida repetitiva? Ah! Isso é uma coisa arcaica, eles foram buscar lá nas tribos que já usavam isso. E sobre as drogas também, como funciona, por que que elas “te” abrem certas coisas na cabeça? Por que você tomar uma coisa e não precisar tomar mais e já enxergar com outra visão? Por que ela te dá uma visão e você não precisa mais tomar “ela”, porque você já captou o que ela tinha pra “te” passar, li bastante sobre isso.

E: E o que você aprende com isso que você lê? Depois de tudo isso que você já leu, a que conclusão você pôde chegar até aqui?

Renato: Eu cheguei a um estado de desenvolvimento maior do que eu era antes de conhecer isso aí. Eu tinha problemas de ansiedade, eu tinha uns problemas de não compreender e achar que as coisas estavam todas erradas, que o mundo é todo errado. E hoje em dia, o *Trance* e tudo o que envolve, cheguei à conclusão que as coisas têm que partir da gente, tenho que ser mais positivista. Alcancei todo um desenvolvimento pessoal, hoje enxergo bem mais pra frente agora, não sou tão negativo quanto eu era, não sou tão ansioso quanto eu era, tudo tem uma evolução pessoal, melhoraram muito as coisas.

E: E essa evolução que você acredita ter acontecido com você, foi apenas por causa do *trance*?

Renato: Tenho certeza!

E: Mas o que o **trance** fez ou faz para você chegar a essa conclusão?

Renato: Ah! tem que enxergar, tem que estudar as religiões, no momento em que eu me vi sentindo bem ouvindo aquela música, eu quis saber porque

ela me deixou daquele jeito. E aí quando fui procurar saber disso, fui ler, livros e livros, internet, propaganda, isso aí foi me mostrando várias faces, várias filosofias de vida, várias coisas que já vêm do passado, o nosso DNA tem muita coisa que está registrado. Dançando de uma maneira ali, eu consigo resgatar uma coisa que vem lá do meu passado, uma coisa que o ser humano já viveu, porque está tudo registrado no nosso DNA. A gente tem os instintos e essas coisas então mostram que a gente vem evoluindo há muito tempo, então eu acho que o *trance* resgata, as festas são meio vagas, muito isso aí, algo que vem de muito tempo. O *trance* é minha filosofia de vida!

E: Como é essa filosofia de vida?

Renato: É tratar bem as pessoas, nunca ser negativo, tentar ser menos negativo, meditar bastante, o *trance* “te” dá um grau de meditação e apenas não sentar e meditar, mas meditar constantemente, no dia a dia, trazer essas coisas positivas e também cuidar do planeta. Essa parte que eu não ligava muito e que agora eu levo como filosofia de vida, de cuidar do planeta, sempre estar tentando melhorar alguma coisa.

E: Então você está me dizendo que, mesmo fora da *rave*, você tentar viver o *trance* no seu dia a dia? O quê a festa representa então para você?

Renato: Sim, é isso, no dia a dia. A festa é uma maneira de tentar mostrar para as pessoas o que a gente aprendeu. A gente sempre fala nos festivais, a gente lê bastante isso aí, porque muita gente vai e não conhece, não vê isso aí como uma filosofia. Eu conheço bastante gente que fala que isso não tem nada a ver, diz que é só uma música. E eu cheguei num ponto onde eu vi que não é só uma música e tem toda uma coisa por trás disso aí, e a gente tenta através da festa mostrar isso aí, que a pessoa pode evoluir mais com o *trance* e que não é só uma festa.

E: Isso que você está me dizendo é a intenção que você tem quando faz uma festa, mas e quando você vai como participante, o que você espera encontrar? O quê você vai buscar?

Renato: Agora eu não vou tanto em festas, vou mais em festivais, e vou pra tentar compartilhar o que está acontecendo na cena hoje, e a música

está ali. Vou buscar o transe ali na música, estar na pista com as pessoas, dividir a energia com as outras pessoas, e meditar através do *trance*.

E: E você chega ao transe? Como você chega ao transe?

Renato: Eu acho que o *trance*, as batidas repetitivas ali, os sons que ele tem por trás, são muitos barulhinhos, a música “te” leva a isso. Eu fico reparando muito na música, eu gosto de dançar com o olho fechado, focar na música ali, isso eu acho que me leva ao transe. Quando eu paro pra ouvir a música, eu não quero pensar em nada, não quero olhar pra ninguém dançando do meu lado, não quero conversar com ninguém, quero parar ali e ter uma conversa comigo mesmo pra tentar chegar a esse nível do transe. E dançando também, tem certos movimentos que você faz que “te” dão uma sensação legal e “te” levam pra um lugar mais elevado.

E: E o que é entrar em transe?

Renato: Isso pra mim é parar a mente ali um pouquinho e entrar num estado meditativo, estar você, seu corpo e o universo ali, estar compartilhando e se sentir parte deste universo, entender que você é parte dele e tudo é uma coisa só.

E: E quando você não está em transe você não se sente parte deste universo?

Renato: Eu penso, mas quando eu estou em transe eu sinto uma coisa maior, eu consigo sair e dar uma volta pelo espaço e voltar.

E: E como que é isso? Sair e dar uma volta pelo espaço?

Renato: (risos) Assim, na minha mente! Na minha mente eu consigo sair, viajar, dar uma volta. Eu começo a ver tudo o que eu aprendi ali sobre o espaço, o cosmo e tentar chegar nesses lugares dentro da minha mente mesmo, ali de olho fechado, sem pensar em nada, só pensar nessa viagem, acalantar a mente ali, a minha mente está passeando no universo. Quando eu comecei a ir em festas eu não conseguia chegar nesse grau do transe, foram alguns anos indo e estudando pra chegar até aqui.

E: Há quanto tempo você vai às festas?

Renato: Eu fui a primeira vez com 22 anos, foi em 2000.

E: Como você foi à primeira vez? O quê o levou até lá?

Renato: Eu não gostava de música eletrônica, já sabia que existiam as *raves*, mas eu não entendia porque as pessoas ficavam lá no meio do mato dançando e aí, eu namorava uma garota e a irmã dela trabalhava numa agência de modelos e ela sempre ganhava. Essa menina me conhecia bem e falava que eu tinha que ir, que eu ia gostar, que era a minha cara. E um dia ela me levou, me deu o ingresso, mas quando eu cheguei lá o lugar era muito bonito, tinha um lago, tinha muita árvore, o lugar era lindo. As pessoas que estavam comigo também eram muito bacanas, estava tudo dando muito certo, tanto que nessa primeira festa minha cunhada precisava vir embora pra trabalhar e eu fiquei lá com um amigo, nem quis vir embora.

E: E o quê você acha que fez com que você gostasse da *rave*?

Renato: Hoje eu sei que tem todo um conjunto, que era estar num lugar no meio da natureza, estar ouvindo uma música agradável, a festa é num lugar bacana, em contato com a natureza, aqui em São Paulo, principalmente, que nós temos pouco contato com a natureza e no meio de pessoas legais, onde há interação. Hoje eu sei que foi o conjunto, na época, eu não sabia, a primeira vez que eu estava indo, eu me senti bem! Eu tive uma sensação boa e depois de um tempo que eu senti isso mais vezes; eu quis me examinar pra ver o que estava me trazendo essa sensação e hoje eu sei que é o conjunto, né? A música, o lugar, as pessoas, a decoração e os artistas que estão lá fazendo suas performances.

E: Você disse que teve uma sensação boa, que sensação foi essa?

Renato: Ah! A gente está no lugar certo com as pessoas certas!

Se encontrar, e pensar: “pô, aqui é o lugar, eu quero ser dessa galera, eu quero estar no meio e quero saber por que eu estou me sentindo bem aqui.” É isso, se sentir que está no lugar certo! E também porque foram acontecendo várias coincidências: eu trabalhava num lugar e encontrei um cara que trabalhava comigo lá. Nessa primeira festa que eu fui, ele estava lá e ele já tirava fotos, já ia às festas, e nessa primeira festa com a minha cunhada, eu encontro esse cara lá, só que eu nem conversava com ele, sabia que ele trabalhava no mesmo prédio que eu, mas nunca conversamos.

Nós conversamos, e a partir disso, começamos a conversar no trabalho, ele já tinha o site, já conseguia convites para as festas, ele já tinha um conhecimento, aí comecei a ir mais com ele. Muitas vezes eu ia sozinho mesmo, mas ele que me indicava as festas, comecei a participar do site, comecei a escrever, dar os textos pra ele eu ia a uma festa, achava legal e escrevia um texto e dava pra ele publicar no site; até que ele me chamou pra participar do site *e-music*, em 2002. Aí eu fazia um *release* das festas e descrevia as festas e até hoje estou lá, até chegar a fazer a Respect.

E: E por que você resolveu fazer uma festa? E isso hoje é sua maior fonte de renda?

Renato: Sim, eu vivo disso hoje, é minha fonte de renda e minha filosofia de vida.

Mas fazer a festa foi o seguinte: Eu fui a um primeiro festival em 2004 e eu vi toda a riqueza que até então, é muito focada apenas na música e não tem outros tipos de arte que têm no festival. E no festival eu vi que tem muito mais coisas envolvidas, têm os espaços de cura, palestras, artistas, malabáris, pessoal de intervenção, teatro e eu senti que aquilo poderia ter numa festa, que ia ser legal de ter numa festa e aquilo era uma *rave*. A *rave* teria que ter todos os complementos para a pessoa sair com uma experiência completa, que ela ir só ouvir a música não é um negócio completo. E depois do festival, eu voltei e conversei com meus amigos. Nisso as festas já estavam caindo pra um lado comercial *master* aqui em São Paulo, algumas festas já nem tinha nem decoração quase, pouca coisa de arte, estava caindo o nível. E aí resolvemos montar uma festa com cara de festival, um dia de festa com todas as atividades de um festival, e também porque a gente já não ia mais em festas, íamos só em festival. Aí o Edu, o meu amigo do site, foi para o BOOM (o maior festival de música eletrônica do mundo, acontece em Portugal), e quando ele voltou do BOOM ele visualizou tudo lá, chegou falando das artes que o pessoal fazia durante o festival, e aí pensamos em fazer a respect com cara de festival, pra mostrar para as pessoas que a *rave* vai além da música apenas e que tem muitos aprendizados.

E: Do seu ponto de vista, qual a diferença das festas comerciais para as festas que vocês chamam de festival ou festas que tentam ser parecidas com os festivais?

Renato: Ah, então é a falta de conteúdo, as festas comerciais não têm conteúdo, elas são supérfluas! Já o festival, ele tem um conteúdo, ele agrega você, você nunca vai a um festival e sai sem aprender alguma coisa, pelo menos. A base é isso aí, o conteúdo.

E: E qual é o conteúdo que você agregou para você?

Renato: É o conjunto, de querer entender o porquê das coisas, porque as coisas aconteciam daquela maneira, eu queria na verdade entender porque eu sentia aquelas coisas e qual o efeito delas em mim. Aí fui estudar sobre religião, comportamento, artes, sobre as drogas. Fui querer entender porque meus pais falam uma coisa e eu quero outra... é isso, o conjunto que me levou a uma pesquisa bem complexa.

E: O quê você quer que é diferente das coisas que seus pais falam?

Renato: Na faculdade eu conversava muito com o meu professor de psicologia, eu tinha já esse lado de.... eu não estava me sentindo bem no sistema! Esse sistema de trabalhar, dormir, acordar e trabalhar, trabalhar das 8 às 6 da tarde e voltar pra casa e ir pra uma balada, me encher de bebida e no outro dia ter que trabalhar e enfrentar a rotina. E isso não estava me satisfazendo, eu sentia que as outras pessoas estavam bem ali, eu também estava bem ganhando meu dinheiro, eu tinha dinheiro, eu tinha tudo, mas eu não tinha satisfação. E isso era o que meus pais queriam, que eu tivesse essa rotina e estivesse ali, mas eu não estava me sentindo bem nisso aí.

E teve também o lado que meu irmão mais velho também fugiu disso aí, ele foi estudar teatro, antes ele trabalhava como eu. E aí ele foi estudar arte e se formou ator e caiu fora do sistema, aí isso me impulsionou também e falei : “pô! Não é só eu que estou querendo pular fora!” Então vou tentar buscar o meu também. Aí esse professor lá da faculdade me deu altos toques e me impulsionou bastante, eu contava tudo pra ele e ele me ajudava muito. Falava que meus pais são de outra geração e que eu tinha que ir atrás

do que eu gostava, porque não adiantava nada eu fazer o que eles queriam e não estar me sentindo bem. E agora meus pais entendem.

E: Como é essa relação com seus pais hoje?

Renato: Hoje é mais tranquilo, porque meu irmão se deu bem, tive até uma conversa com minha mãe a semana passada sobre isso e ela disse que não acreditava, e que era uma coisa nova pra eles, mas hoje ela se sente bem porque nós nos demos bem, estamos fazendo o que a gente gosta. Então hoje eles têm a cabeça bem mais aberta com respeito a isso aí. Hoje eles apoiam.

Um exemplo de que as coisas estão dando certo é que há uns anos atrás eu estava desiludido perguntando: será que é isso mesmo? Mas o que me move bastante é que depois que eu conheci o *trance*, eu vi que eu precisava fazer uma coisa boa pra mim e que seja boa para os outros, não quero trabalhar numa empresa que, "meu", degrada o meio ambiente. Eu sempre tive o sonho de abrir uma lanchonete ou restaurante, mas fico pensando que não quero vender comida que vai fazer mal para as pessoas, quero vender uma comida que seja natural, que seja saudável.

E hoje eu acho que estamos num caminho que não está prejudicando ninguém, ao contrário, estamos querendo evoluir as pessoas, querendo dar um grau de conhecimento a mais e tentando mostrar que a vida não é só acordar, trabalhar, dormir e aquela rotina, mas você tem mais coisas, você tem uma missão pra cumprir em sua vida e a gente tenta despertar isso nas pessoas. E de vez em quando, dá uma desilusão sim, mas aí você volta e vê tudo o que você fez, todas as pessoas que já chegaram e falaram que foram as nossas festas e falam que foi diferente, que se emocionaram e isso move a gente pra caramba,! Mostra que estamos fazendo a coisa certa. É "que nem" num festival, às vezes você está dançando e olha pra uma pessoa e vê que aquela pessoa está no mesmo nível de consciência que você, você nos olhos da pessoa, numa troca de olhar.

E: Como é esse nível de consciência?

Renato: Eu acredito que há um tempo atrás a gente tinha telepatia, teve uma época da nossa evolução que eu conseguia me comunicar com você

através do pensamento sem falar nada. Você podia estar lá do outro lado do mundo e eu saber que você estava bem. Isso ainda rola hoje num nível mais baixo, às vezes sua mãe liga e fala que sentiu alguma coisa ruim e realmente aconteceu. Eu acho que a gente tinha isso aí e que foi diminuindo conforme a violência foi crescendo e o egoísmo, aí não é legal saber o que o outro está pensando. E o *trance* chega numa fase que você começa a liberar isso de novo, então você olha pra uma pessoa e sente que ela está bem, que ela tem alguma coisa boa pra “te” passar, eu não consigo ler o que ela está pensando, mas aí você vai conversar com ela porque você sabe que ela tem alguma coisa pra “te” passar.

E isso aconteceu comigo no Universo Paralelo agora, eu estava dançando na pista, sozinho, e uma menina passou por mim e a gente se olhou e começamos a conversar, e ela me falou umas coisas que eu estava pensando ali, e ela me disse que eu também falei umas coisas que ela estava pensando também. É como se fosse sintonia de pensamento, telepatia mesmo, eu acho que a gente chega num nível ali que os pensamentos começam a andar juntos. É por isso que quando a gente faz uma festa, a gente tem o objetivo de misturar todos os tipos de públicos, porque é a mistura que vai agregar as outras pessoas, então não adianta fazer uma festa só pra galera que entende e deixar de fora quem não conhece. A idéia é misturar todo mundo e ver se um interage com o outro.

E: Nas festas que você faz, você pensa em misturar, e nas festas chamadas comerciais, você acha quem também tem essa mistura?

Renato: Eu acho que é uma mistura também, mas tem poucas pessoas que entendem mesmo, porque essas pessoas vão mais a festivais; e por isso as pessoas que não conhecem muito, acabam não agregando muitos valores porque nas festas comerciais não tem muitas pessoas pra ajudar “eles” a agregar. Isso é “foda” nas festas comerciais. Quem faz festa comercial, pensa apenas no dinheiro, e isso sobe pra cabeça fazendo com que esses caras percam a ideologia. Eles, muitas vezes, nem investem em decoração e a decoração é importante pra tirar as pessoas do cenário do dia a dia, é mais uma coisa que ajuda a agregar, “te” tira do convencional.

E: Então você acha que o objetivo de uma festa *rave* é tirar as pessoas do convencional?

Renato: Sim, tirar você do convencional porque na hora que você sai, você começa ter outros pensamentos e começa a ver além da rotina. Às vezes as pessoas estão tão cegas nessa rotina e estão se autodestruindo e não estão vendo, então quando você chega em outro plano, você percebe que a vida não é só isso. Porque você vê uma coisa que não está no seu dia a dia e é esse o objetivo, trazer algo que você não vê todos os dias pra tentar dar um “start” e mudar um pouquinho o pensamento daquela pessoa naquela hora, e se possível, que ela leve algum aprendizado para viver bem todos os dias.

8. Oitava entrevista: Karina, 22 anos.

E: Entrevistadora

Karina tem 22 anos e é estudante de Relações Públicas. Conheci Karina na primeira vez em que foi a uma festa *rave*, em 2005. Ela é prima de um amigo com o qual eu sempre ia para as festas. Portanto, o contato com Karina foi fácil.

E: Você já sabe que meu trabalho de pesquisa é sobre as festas *raves*, mas o quê você imagina que eu quero saber de você?

Karina: Well!?! (risos), O porquê eu vou a festas! O quê me motivou a ir às festas! Ah! Foi a primeira vez que eu ouvi que alguém ia fazer um trabalho

sobre esse assunto de festa e achei super interessante, uma coisa super diferente.

E: E por que você acha que escolhi você para fazer essa entrevista?

Karina: Porque eu sou frequentadora de festas há uns 4 ou 5 anos e você precisa de vários tipos de público, de várias idades, eu não sei como você faz isso, mas acho que pela idade, não sei se tem classe social, não sei se faz diferença no pensamento e na atitude de cada pessoa ou o motivo de cada pessoa para frequentar. Então um desses públicos poderia ser eu.

E: Você acha que faz diferença essas coisas que você me disse?

Karina: Eu acho que faz. Cada um tem um motivo pra ir, mas acho assim, cada época de festa assim... as festas hoje estão muito diferentes das festas de 4 anos atrás. O público... eu não posso falar que decaiu, porque é como se fosse uma balada que você vai muito, aí depois que você vai, depois de dois anos, você fala que está ruim. É outra época, você cresceu, então, sei lá, tudo vai evoluindo, ou não. Antes, o público de festa que eu enxergava, não sei se era o que frequentava, mas era um público de classe social melhor que hoje, hoje eu vejo que banalizou a festa, não que o público tenha regredido, mas é outro público. Então não sei, mas acho que pode mudar sim, dependendo da classe.

E: Que público você acha que vai hoje e que não ia há uns quatro anos atrás?

Karina: Eu acho que o público que ia antigamente é um público mais alternativo é...é...é...com uma cabeça aberta a novas coisas, novas idéias, e hoje é um público mais comercial, mais focado só para as drogas e não para toda cultura que tem por trás das festas, sei lá, pela própria música. Tem gente que... meu irmão foi a uma festa e ele só foi pra usar, ele não gosta da música, se colocar no som do carro, ele não ouve. E ele vai à festa, então não teria porque ele ir a uma festa se ele não gosta da música. Então eu acho que é um público que não consegue enxergar essa cultura, toda essa visão por trás da festa e vai simplesmente pela música, pelas drogas, por diversão assim... SÓ. E PONTO.

E: E você? Vai porque que motivo? O quê a motiva ir para a *rave*?

Karina: Olha! Eu mudei muito, antes eu ia por um motivo e hoje eu vou por outro. Na verdade eu comecei ir à festa eu nem sabia o que era *rave*, pra falar a verdade, quando eu fui com meu primo, meio dia quando eu fui embora da festa eu vi um monte de gente chegando (risos), eu falava: “Nossa! Mas como que rola? O povo “tá” chegando meio dia pra festa e eu “tô” indo embora!”. Eu achava que estava indo embora super tarde. Então eu comecei a ir de perda, pra saber como é que era e nem sabia direito como que era festa, acho que meu primo deve ter me convidado e falei: “ah, vamos!”

Aí acabei gostando, mas acho que nem usei nada naquela festa, não lembro, mas acho que não usei. Mas eu gostei, achei tudo muito diferente, tinha brinquedinhos que você podia brincar, tipo *playground*, gostei do clima da festa, da galera, dos Djs e acabei indo. Aí você acaba conhecendo gente e você acaba indo em outra, e outra e outra ... aí eu não sei o que aconteceu porque você acaba indo em uma e você vai em outra, e aí a minha vida era assim, todo final de semana é festa! Mas eu sempre usava droga, TODO FINAL DE SEMANA, TODO FINAL DE SEMANA. Não era bem pela droga, mas era um lugar de fuga assim... onde eu conseguia estar 100% me divertindo, 100% feliz. Eu estava muito bem quando eu estava na festa, independente se naquele momento eu estava ou não drogada, só de ir pra festa já me arrepiava no carro, sabe quando você “tá” na fila, naquele “puta” trânsito, tudo parado, eu estava meu arrepiada de estar entrando na festa. E era assim, era todo final de semana e cada vez você conhece mais gente, você acaba conhecendo gente de festa e acaba ajudando na festa, mas era assim, era muita diversão; pra mim não importava quem ia tocar, eu estava em todas as festas, estava nas festas que a galera que eu conhecia ia, então eu estava lá junto.

E hoje eu não vou tanto à festa, porque eu acho que é fase da vida, eu tive acho que dois anos que eu ia às festas todo final de semana, todo final de semana, e hoje eu tenho outras prioridades. Eu vou a uma festa que eu acho que realmente vai valer à pena, e hoje eu vejo que se tiver chovendo eu não vou a uma festa, e antes eu não estava nem aí, se vai estar chovendo ou não. Hoje eu tenho minhas preferências de Djs, de tipo de música, então

eu vou às que os Djs que eu gosto vão tocar, hoje eu vejo se vai valer a pena, se é festa que a galera vai. Então eu dei uma selecionada hoje, até porque eu estou ficando mais velha, não tenho o mesmo pique que eu tinha antes quando tinha 18 anos, quando eu fui à primeira festa eu ainda estava no 3º colegial. Eu falo: “Meu! Precoce, né?”

Então eu acho que antes era mais por diversão, por ser uma coisa nova. Eu lembro que na época, do meu grupo de amigas do colégio que eu frequentava eu era a única que ia à festa, a galera tinha uma visão muito ruim disso. Tinha gente que nem sabia o que era tanto que eu ia sozinha, eu não ia com as minhas amigas, as minhas amigas não iam, como eu conheci muita gente nesse meio, então eu comecei ir com a galera, ia sozinha porque eu sabia que eu ia encontrar lá, e não tava nem aí de ir sozinha, porque acabava encontrando e era desse jeito.

E: Você disse que ia por fuga. Do que você queria fugir?

Karina: É assim, é mais pessoal, da minha pessoa, mas eu sou meio depressiva, né? Ou eu “tô” muito feliz, eu não sei lidar com as coisas tristes, hummm... eu não sei como dizer... (pausa)... se eu “tô” muito triste, eu acabo me afundando mais, parece que eu gosto de ficar mal, sempre em brigas com meu pai. Eu sempre tive muitas brigas com meus pais, e se meus pais não deixavam eu ir a uma festa de 15 anos, eu ficava no quarto uma semana sem comer, chorando. E aí, nessas festas é como se você se libertasse, é como se você, meu, 100% de felicidade, não tem isso, lá na festa não tem isso de você estar mal, seus pais “te” cobrando, ter alguém reclamando. Então eu acho que foi uma fase meio perdida da minha vida, tanto que a minha vida inteira eu fiz psicólogo e psiquiatra; eu acho que foi uma maneira de, não é nem de chamar a atenção, não sei, mas uma maneira de... como é que eu posso falar? De... fugiu a palavra... não sei “te” falar... de... o pai fala “A” e você faz “B”... de rebeldia, é, de rebeldia.

E: Então ir às festas era por um momento poder fugir do olhar dos seus pais?

Karina: Eu acho que sim! Não só dos meus pais, mas de todo mundo.

E: Por que fugir do olhar de todo mundo?

Karina: Pra poder ser eu. Não era na verdade ser eu mesma, mas era uma coisa diferente, eu não sei. Era uma coisa diferente que me atraía e que não sei, mas lá na festa era muito mais fácil eu falar das coisas que eu queria, eu ser bem recebida pelo o que eu falava, pelo o que eu fazia, pela maneira como eu agia. E aqui na minha vida, na época, bom, até hoje, é bem mais difícil você agir do jeito que você quer, falar das coisas que você quer e ser bem recebida da maneira que você gostaria de ser. Isso é imposto pela sociedade, tem toda uma cultura, não sei se é cultura, mas tem toda uma imposição assim, e eu era também criança, eu tinha 18 anos eu estava na fase do “oba-oba”, então quanto mais “oba-oba”, mais festa pra mim era mais legal.

E: E o quê fez mudar sua maneira de ir às festas?

Karina: De festa... eu acho que além de tudo, tudo cansa, eu gastava muito dinheiro, e eu não trabalhava ,com 18 anos meus pais que me davam. Então, olha isso, eu pedia dinheiro pra comprar roupa e guardava pra ir à festa porque assim, meus pais sempre souberam que eu ia pra festa, e eu ia na sexta e voltava no domingo à noite; pra eles, tudo bem, porque eu falava que eu dormia nas festas. Então eu gastava muito dinheiro, e como eu comprava drogas meus pais me dava dinheiro pra festa e pra eu tomar alguma coisa, mas achando que era festa! Normal! Então eu acabava gastando muito mais dinheiro, mas eu sempre arrumava, mas depois eu comecei a trabalhar e não tinha mais coragem de gastar o meu dinheiro todo comigo assim.

Quando eu fui presa eu parei de ir.

E: Quando você foi presa? E por que você foi presa?

Karina: Foi em julho de 2006. Então, foi no meu auge de festas, todo final de semana, todo final de semana e eu conheci “mó” galera e comecei a ficar, meio que namorar um cara que era traficante, ele tinha uns 25 ou 26 anos, aí... Na verdade eu namorei uns 3 traficantes pesados, mas ele foi como aconteceu, aí eu comecei a conhecer a galera dele, ia pra festa todo final de semana tal, tal, tal... e aí eu conheci uma galera que era muito “pesada” ,que era a galera amigos dele que eu acabei conhecendo através dele. E aí eu

nem estava mais com ele, a gente terminou, mas eu continuei saindo com essa galera amiga, tal. E uma vez que eu fui pra um churrasco com um amigo dele, na verdade foi assim:

Eu combinei com o “X” que era meu amigo e era amigo de todo mundo, de ir pra um churrasco e eu fui pra casa do “Y” que era um traficante procurado pela polícia; e eu fui pra encontrar com o “X”, e aí a gente ficou lá, fumamos um haxixe, aí a gente foi dar uma volta porque um dos amigos nossos que estava lá na casa “tava” devendo dinheiro pra alguém, e a gente foi pegar e fomos deixar “ele” de volta na casa. Nisso que eu fui deixar “ele” de volta na casa, eu fui fazer xixi porque eu ia pro churrasco com o “X”, e eu “tava” com vontade de ir ao banheiro. Aí eu subi na casa e quando eu sai do banheiro tinha um Denarc, mas ele “tava” normal, de roupa normal, com uma arma e quando eu sai do banheiro ele falou pra eu colocar a mão pra cima e ir “pro” quarto. Quando eu entrei no quarto “tava” os 5 moleques que estavam na casa com as mãos na parede (nesse momento a entrevistada faz o gesto de colocar as mãos pra cima), e tinha um outro Denarc, e eu sentei na cama. Mas na verdade eles estavam procurando esse “Y”, mas ele estava no Rio, ele tem envolvimento com o PCC e com a linha vermelha, sei lá o que é. Então nem encontraram o cara, mas como tinha um monte de coisas na casa dele e o irmão dele estava lá, que é um desses moleques que eu conhecia, tanto que eu fiquei uma época com esse moleque, nisso “meu”, ele conhecia a casa porque era a casa do irmão dele e dele ai eles reviraram a casa inteira e encontraram duas armas raspadas, porque eram ilegais, tinha cocaína, doce, bala, tinha tudo. Aí foi todo mundo preso porque foi flagrante, fomos todos “pro” Denarc e fomos indiciados por tráfico de drogas, tráfico internacional de drogas, porte ilegal de armas, formação de quadrilha, crime organizado, bom “fudeu” né? Só sei que “fudeu”. Aí cada um tinha uma ligação pra fazer e pensei: “vou ligar para os meus pais”. Mas eu não conseguia ligar para os meus pais, eu não parava de chorar um minuto eu estava em choque, quem ligou foi o cara do Denarc, só que ele ligou para o meu pai e meu pai achou que era trote, nunca ia passar pela cabeça do meu pai. Ele sabia que eu ia à festa, tudo, mas que eu não usava droga nenhuma. Aí ele ligou de novo e meu pai desligou na cara dele e ele disse que ia fazer

mais uma tentativa e se não desse certo eu não ia ter nada, direito a advogado e nada. Aí eu pensei ligar pra minha tia porque ela é meio doida e ia acreditar. Ele ligou pra minha tia e minha tia acreditou, aí ela ligou, falou com meus pais, meu pai foi pra lá, minha mãe não foi e vieram dois advogados do meu pai e passamos a noite inteira tentando fazer acordo, e no final meu pai fez acordo com o policial, delegado, não sei, mas meu pai pagou cinquenta mil e conseguiu me tirar e eu não assinei nada. E os dois moleques ficaram lá ainda, fomos para o Denarc eu e mais 4 moleques, três também pagaram e ficou um lá, mas ele ficou uns dias e depois saiu, acho que pagou depois.

Karina continua seu relato.

Aí o que aconteceu? Aí eu tive que falar tudo para os meus pais né? Meu pai chegou no Denarc “tava” tudo em cima da mesa deles, arma, tudo aquilo que eles acharam, “tava” tudo em cima da mesa, e o cara, “meu”, começou a falar tudo “pro” meu pai: “ Isso aqui, que você “tá” vendo aqui, sua filha coloca na boca e fica louca na festa”. “Meu”, os caras botam o terror! Eu soluçava de tanto chorar, eles fazem você ficar muito mal, eles falam muita coisa.

E depois que aconteceu isso meus pais achavam que eu era totalmente viciada, drogada, tiraram meu celular, não podia mais sair de casa, eu fazia psiquiatra e eu comecei a ir aos narcóticos anônimos e eu ia em uma reunião minha e na reunião de pais dos viciados, até que uma hora eu falei: “Meu, eu tomava umas balinhas na festa ,meu”. E eu ouvia umas coisas do “tipo”: “Eu estou há uma hora e 10min sem injetar... sem fumar pedra...”. “Tipo”, “meu”, umas coisas muito mais pesadas” se eu falasse que estava há uma semana sem tomar uma bala eles iam rir da minha cara (risos). Aí conversamos e comecei a fazer psiquiatra, fiz um ano de psiquiatra.

Nisso eu me perdi mesmo na vida, eu não sabia o que eu queria, parei de fazer faculdade, eu fazia Economia na época e nessa faculdade de Economia era nesse tempo de festa eu fazia por fazer, não ia à aula, muito perdida. E eu tinha dois caras que gostavam muito de mim e eu saía com os dois, sério assim, meio que namorava os dois e mais a torcida do Corinthians, e eu não conseguia nem decidir. Eu lembro que eu ao ir ao

psiquiatra, eu falava de tudo com ela, falava dessa minha relação que eu tinha com esses dois e os dois me cobravam e eu não tinha nem cabeça pra decidir. Eu saía com um na segunda e outro na terça e assim por diante, eu namorava com os dois e os dois sem saber, mas eu não sabia nem decidir, eu “tava” tão confusa que ela me ajudou muito, fez eu colocar tudo na balança, eu contava tudo pra ela e ela dava opinião e ela fazia com que eu tentasse enxergar o que realmente eu queria. Aí eu escolhi e comecei a namorar, e quando eu comecei a namorar foi quando meus pais começaram a deixar eu sair; até então eles tiraram meu celular pra eu não falar com nenhum desses caras, mas pra você ter uma noção, o cara que a gente “tava” na casa que eles queriam pegar, tanto que eles deixaram a gente sair e entraram em acordo porque eu não era o que eles queriam, eu não era traficante lá, era o cara que eles estavam procurando e que estava no Rio que a imprensa já “tava” lá esperando pra pegarem, “tipo” já tinha imprensa perto da casa pra quando pegarem poder filmar; mas não teve nada disso porque não tinha mais o cara. Quer dizer, tinha assim mais dois caras que era traficantes que foram presos junto com a gente, mas não assim, tão “foda” (risos), Tão bom quanto ele.

E aí eu acabei não saindo mais pra festa, eu fui uma vez ou outra quando eu menti para os meus pais que ia viajar com meu namorado, mas meus pais ligavam muitos pra saber onde eu “tava” ainda depois do que aconteceu. Eles só foram parar depois que eu comecei a namorar com ele e, mesmo assim, foi mais difícil pra voltar a minha vida, minha rotina normal, pra eu poder passar o final de semana inteiro fora e meus pais não acharem que eu estava indo pra *rave* escondido. Então acabei indo pouco, uma vez ou outra escondido, tal e aí comecei a namorar fui muito pouco pra festa, muito pouco, muito pouco. Aí eu acabei dando uma acalmada quando comecei a namorar e a gente fazia programas devagar. E, e...e...e...e, aí, agora nos dias de hoje, meu primo é fornecedor de bebidas de uma festa e meu pai sabe, então eu fui às duas últimas festas que ele era o distribuidor, fui porque eu consegui convite e meu pai sabe porque foi ele que pegou o convite pra mim, mas até aí é maior confiança, ele sempre fala : “ Oh! Você está indo, mas não quero que volte tudo como era antes”. E fora que, como teve

acordo, meu pai já me contou, como ele pagou pra me tirar pra eu não assinar e tudo, os caras falaram que em dois anos, se me vissem em festas ou me vissem envolvida com esse tipo de cara, eles “meu”, iam dar um jeito de me pegar de novo. Então pra eu não envolver com esse tipo de pessoas e pra eu parar de ir às festas porque eles sabiam que eu não tinha nada a ver, mas eu fui pega em flagrante e eu ia ser presa e nem responder em liberdade eu tinha direito porque eu fui presa em flagrante, então eles queriam distância. E por isso meu pai morria de medo, meu pai trocou meu carro, porque aconteceu assim: Eu não sabia que eles estavam procurando, o meu telefone já tinha sido rastreado pela polícia porque eu falava por telefone com ele, eu comprava com eles, drogas tudo, então eu fiquei muito amiga deles como eram, então “meu”, acabou sendo e o meu carro, a placa do meu carro como eles foram muito pra festas comigo tinha gravado, no Denarc. Eles já estavam investigando esse cara, esse traficante há muito tempo e como eu tinha relação, ele já foi pra festa comigo, então teoricamente eu levei droga porque estava no meu carro, eu dirigindo e ele indo pra festa com tudo o que ele tinha. Então meu pai trocou meu carro, porque o cara falou pra trocar o carro porque meu carro já era muito visado na festa. Então eu dei uma parada, por isso que eu parei, acabei naturalmente parando.

E: Naturalmente?

Karina: É não naturalmente, é não naturalmente, mas ai como eu acabei começando a namorar meio que na fase, logo depois, um pouco menos de 6 meses que aconteceu isso ,eu dei uma acalmada, porque nesses 6 meses eu tive que dar, porque o que eu saía de casa era pra jantar com meus pais e ir pra casa. O telefone, eu não podia pegar no telefone da minha casa, eu não tinha celular e nem da casa eu podia, eu não podia nada, eu não podia ter ligação com ninguém, meus pais estavam morrendo de medo de qualquer outra coisa, qualquer outro envolvimento. Porque eu não tinha medo, realmente, eu queria falar com eles pra saber se eles estavam bem, eu não sabia se eles tinham sido presos, se eles tinham saído, porque eles eram meus amigos, afinal. Hoje eu tenho pouco contato com eles, apenas com o “Y” que eu ia para o churrasco; com ele, continuo sendo amiga dele, ele foi

para o Universo comigo, não comigo, mas encontrei “ele” lá e fiquei conversando bastante tempo, mas só também.

E eu dei uma acalmada porque eu tava morrendo de medo, mas meu namorado também era de festa, mas ele também tinha medo, eu estava muito assustada, eu estava muito visada, eu não podia falar com as pessoas, porque o cara falou muito sério com meu pai: “EU NÃO QUERO VER A SUA FILHA EM FESTA, EU NÃO QUERO VER SUA FILHA FALANDO COM ESSES CARAS AÍ, PORQUE DESSA VEZ PASSOU, MAS DA PRÓXIMA NÃO VAI, UMA VEZ QUE TEM ACORDO, SE ELA FOR PRESA DE NOVO ELA VAI SER PRESA E NÃO HÁ DINHEIRO QUE PAGUE A LIBERDADE DELA”. Então meu pai assustou, e eu estava assustada, mas eu queria falar, eu tinha medo, foi o pior dia da minha vida foi quando eu passei a noite inteira no Denarc já estava imaginando eu de uniforme, presidiária, nossa, foi horrível! Foi a pior noite da minha vida, a noite mais longa da minha vida eu passei lá, eu não conseguia respirar eu estava soluçando de tanto chorar, de desespero, de desgosto, meu pai chegando lá, vendo tudo aquilo, vendo os caras, vendo tudo, as drogas, arma, imagina eu e mais 4 homens, imagina o que meu pai não sentiu naquele momento. Foi o maior o desgosto de toda a vida dele, acho que fui eu, quando ele entrou lá naquela delegacia do Denarc. Então meu namorado na época, eu ia a várias festas com ele, mas ele era meu amigo antes, e depois que a gente começou a namorar, eu já tinha acalmado um pouco disso, desencanei, tipo “ah, não posso”, “meu”, fui uma vez ou outra, mas aí minha mãe, 3h da manhã já me ligava e eu estava na festa, aí eu tinha que voltar. Aí acabei desencantada porque eu não conseguia curtir, porque eu não podia ficar muito tempo fora de casa sem minha mãe me ligar pra saber onde eu “tava” e não podia não atender o celular, então acabei dando uma acalmada. E quando você namora, naturalmente, você acaba, não tem tanto pique de balada, não é pique de solteiro.

E: Por que você acha que começou a usar as drogas?

Karina: Eu acho que eu comecei a usar porque eu comecei a frequentar lugares que muita gente usava e, querendo ou não você acaba experimentando, querendo saber como que é que é, porque se todo mundo

“tá” usando, porque “tá” todo mundo usando e “tá” feliz e você também quer ficar assim. Acho que foi por isso, porque eu não tinha contato com isso, eu tinha 17 anos na época então eu não tinha contato com gente que usava droga assim desse jeito, era maconha, mas maconha era normal todo mundo usava e tudo bem, mas esse tipo de droga já não tinha tanto contato. Era difícil de repente se eu quisesse usar, nem tinha, tinha vontade de experimentar um dia, mas assim, não que eu quisesse, mas não tinha contato de ligar pra alguém e no outro dia conseguir pra mim. E nesse mundo, nesse mundo de festa é muito fácil o cara do seu lado, o cara que você conheceu hoje, ele já consegue “te” dar e, provavelmente, foi isso, provavelmente não, foi isso! Todo mundo usando vai experimentar uma vez pra ver como é que é, gosta, experimenta de novo e vai usando.

E aí, não é que eu queria droga toda semana, mas é porque eu ia pra festa. Mas quando eu ia pra balada de São Paulo que não era *rave* eu também usava. E eu acho que por eu não ter tido dificuldade pra parar de usar, talvez eu não era uma viciada.

E: Mas ter sido presa não foi um fator que ajudou você a parar de usar?

Karina: Não. Foi muito azar, claro que eu dei a brecha pro azar, por andar com esse tipo de pessoa, por saber que a casa dele era praticamente uma “boca”, que qualquer pessoa podia chegar lá e... é claro que eu não sabia da dimensão, que tinha arma e essas coisas, mas foi um acaso, querendo ou não.

E: Se esse acaso não tivesse acontecido, como você acha que você estaria hoje?

Karina: É então, eu já imaginei. Olha o que acontece, o que aconteceu comigo era assim: No começo eu comprava duas balas pra ir pra festa e “tava” de bom tamanho, “tava” ótimo! Aí você vai comprando pro seu amigo também, porque eu queria ficar louca, me divertir e curtir a festa e queria que meus amigos também curtissem, e no final assim, nesse auge que foi quando aconteceu isso, eu já comprava 100 balas pra dar para os meus amigos, então eu não comprava só pra mim, eu comprava, assim, se você era minha amiga eu comprava pra você e pra você e todo mundo já me

procurava também, meio que... NÃO! Não era nem um pouco traficante, não cheguei a tanto, mas assim vai tomando uma proporção que é fora de você, e quando você vê “meu”, você já “ta” comprando pra “mó” galera e não era mais só pra você. Talvez isso aumentasse, e não tinha medo nenhum, eu falava no telefone e isso foi depois ainda que aconteceu aquilo com meu primo, lembra o que aconteceu com meu primo numa Tribe? Então, eu não tinha medo nenhum, eu era completamente, assim, nessa Tribe, o meu primo me ligou porque, sabe o que eu tinha no meu carro? Eu tinha, acho que umas 200 balas e uns 100 doces, tanto que eu que ia dar pra ele, então meu primo tinha comprado de mim, olha que nível “tava”! “Tipo”, todo mundo fala que vai pra Tribe também e pergunta se você consegue pra eles, e são seus amigos, claro que você consegue. Eu cheguei a gastar uns 600,00 reais fácil numa festa, bebida, pedágio, convite, drogas, a festa tudo... mas assim, droga não é tão caro, é mais bebida. Então, mesmo meu primo tendo me ligado, é aquela história, eu nunca vou achar que vai acontecer comigo. E isso não me impediu de continuar fazendo o que eu fazia e chegar à Tribe com um saco de bala e sair distribuindo, mesmo depois do que aconteceu com meu primo e ele falando: “Não me liga, porque aconteceu isso e isso. “Tava” super tranquila e sei lá, foi só continuando e depois aconteceu comigo. Nesse dia que eu fui presa, olha só o que aconteceu, um dia antes eu ia pra Campos e eu comprei haxixe, bala e doce e eu ia com uma galera e todo mundo pediu e eu “tava” levando tudo. E quando eu passei lá na casa do “Y” “tava” tudo na minha bolsa, tanto que o cara revistou todo mundo, mas eles não me revistaram porque eu sou mulher e só tinha dois Denarc e eles não podem pôr a mão em mim, mas “tava” tudo na minha bolsa, e a bolsa, acho que eles podem revistar, mas o cara falou assim: “ Eu não preciso nem revistar sua bolsa, “né” mocinha? Não vai ter nada aí?”. E tinha tudo na minha bolsa porque eu ia viajar, então tinha tudo, mas eu falei, não, não, não tem nada. E na hora que eles foram levar a gente pra delegacia, assim que eu sai do carro, eu peguei tudo o que tinha na minha bolsa e joguei em mim, dentro da calça e aí na delegacia eu pedi pra ir ao banheiro e joguei tudo na privada e dei descarga. “Tipo”, muito sem noção! Eu tava muito sem noção. Ainda bem que, o meu pai fala que ainda bem que aconteceu comigo porque aconteceu isso, mas aconteceu de leve, porque

aconteceu isso, mas podia ser pior, meu pai fala, eu podia ter sido presa e podia estar presa até hoje.

Então se não tivesse acontecido de ser presa, eu talvez, eu estaria naquele pique de comprar pra todo mundo, é porque eu tenho em mim, eu sou toda prestativa, porque eu nunca vendi pra ganhar dinheiro, até porque eu não preciso disso, meus pais, graças a Deus, são de classe média bem alta, então eu não preciso disso pra ter dinheiro, mas como eu sou muito prestativa você vai vendo, quando você vê, você comprou pra todos os seus amigos e já era. E aí quando você não quer e eles acabam “te” ligando porque eles querem, e aí você acaba comprando pra você então, compra pra todo mundo. Então talvez eu estaria assim, e indo mais em festas, porque eu não teria porque parar ainda, só se eu começasse a namorar, mas eu continuaria indo; só se eu arrumasse um namorado que não gostasse, aí eu diminuiria o ritmo.

E: Se não era por causa do dinheiro que você vendia, porque motivo você fazia isso? Você disse um pouco antes que você queria ficar louca, divertir e curtir a festa, mas queria que seus amigos também curtissem, por que você acha que sem a droga você não curtia?

Karina: É porque na minha cabeça com a droga era muito mais legal, era muito mais divertido, “meu”, você conseguia se divertir e divertir mesmo, diversão total. Hoje eu consigo curtir uma festa totalmente sem drogas, só bebida, nessas últimas que eu fui foi só bebida, não preciso disso. Mas antes você acaba se acostumando a “tá” num nível de loucura e você não quer ir à próxima e estar menos, você quer estar daquele jeito pra mais. Então você acaba se acostumando a ir pra festa, ir tomar tanto, no mínimo tanto pra ficar daquele jeito que você ficou antes e você quer continuar ficando.

Hoje eu vou pouco à festa, o último foi o Universo, em janeiro eu ia à Mystic, só não fui porque eu trabalhei e eu ia tomar uma mescalina, só não fui porque eu trabalhei. Mescalina é uma estrelinha rosinha que “te” deixa alucinada. Parecida com o doce, só que mais forte. Eu lembro que no Universo eu tomei e “meu”, eu via cobras, aí eu ficava pulando de medo (risos), de medo não, mas eu “tava” alucinada. Mas assim, como eu vou pouco e agora eu vou muito pouco, quando eu vou, eu gosto de tomar

alguma coisa porque hoje em dia eu não tomo em balada em lugar nenhum, então como eu vou pouco em festa eu tomo quase nada, quase nunca tomo. Fui só em janeiro agora no Universo, e no Universo eu peguei pesado. Ah não pesado! No ano novo eu tomei 4 doces, duas balas, uma mescalina, bebi “muuuuito” na virada. Bom, eu nem lembro da minha virada, lembro que meio dia eu voltei a minha realidade, meio dia no dia 1°. Fiquei alucinada e nos outros dias também, tomei 2 doces, fiquei fumando e bebi muito, bala assim, gota, só (risos).

E: Você considera que usa pouca coisa quando vai, mas mesmo assim quando você vai, gosta de usar drogas, porque você ainda gosta?

Karina: Ah... porque eu não uso mais, e eu gosto de sentir aquela sensação que eu sei que eu não tenho, mas quando eu sei que eu posso ter eu quero. Hoje eu não tomo mais em balada, em lugar fechado então, na festa eu acho que é um lugar propício pra isso, tomar junto com a galera, escutando um som que eu gosto, num lugar aberto, aí eu gosto.

E: Que sensação que você sabe que não tem e quando vai a uma festa \você quer ter?

Karina: Olha! Não vou falar que é felicidade porque eu acho assim, quando você toma a primeira vez a bala, aí sim é felicidade, mas depois que você se acostuma com a droga, não é mais a mesma coisa, não é mais felicidade. Você consegue controlar muito bem ela, não é mais a mesma coisa, a droga no começo nunca é a mesma coisa, hoje você precisa tomar muito mais, não é nem pra sentir a mesma coisa, porque você não vai sentir a mesma coisa. Você nunca mais vai sentir a mesma coisa, você nunca vai sentir igual à primeira vez que você tomou alguma coisa na sua vida. Mas é uma sensação que você sabe que vai sentir só naquele momento, e é lá e vai acabar lá e você vai viver aquele momento e vai ser bom e depois você vai voltar pra sua vida normal e tranquilo e não vai afetar em alguma coisa na sua vida normal. Só vai ter um “a mais” na sua vida. Vai ser um “a mais” naquele momento, que você “tá” lá curtindo com seus amigos, a festa. Eu acho que é um “a mais” mesmo, porque eu podia estar muito bem sem nada, normal, bebendo só tranquilo, nada demais e eu estaria bem; mas eu poderia

estar melhor por isso que eu uso. “Tô” bem, mas se tiver de repente oportunidade, tanto que eu nem procuro nem nada mais.

E: Que sentido você acha que a *rave* teve, tem e ainda vai ter na sua vida?

Karina: Eu acho que antes foi uma fase muito boa da minha vida, foi uma fase meio perdida, mas uma fase que eu precisei passar, é tudo o que eu passei, eu acho que eu precisei passar pra ser hoje uma pessoa mais responsável, mais preocupada comigo mesma. Hoje eu dou muito mais valor pra mim, eu não penso tanto nos outros quanto eu pensava antes, penso muito mais em mim.

Hoje as festas pra mim são um “a mais”, uma diversão a mais que eu posso ter, que eu vou ter, eu gosto de ir, vou continuar indo de vez em quando, quando eu achar que vale a pena, quando eu achar que realmente vale a pena. Mas festival eu gostei muito do Universo, foi meu primeiro festival, há muito tempo que eu queria ir, mas os meus pais há muito tempo que eles não deixavam porque depois do que aconteceu eu não menti mais pra eles nesse nível, e quando eles começaram a deixar, aí eu comecei a ir às festas de novo e eu acho que um festival, acho que festa você pode se divertir no final de semana, acho que vale a pena ir em uma ou outra, mas o festival acho que é muito mais bacana, muito mais cultural e eu vou continuar indo, e eu levaria meus filhos a um festival, mas não levaria a uma festa comercial, mas levaria num festival fácil, fácil, porque não é pesado. Hoje o clima nas festas é muito pesado, pra mim é muito pesado, eu posso “tá” louca, mas eu sei que é muito pesado. Antes eu nem via, hoje, mesmo louca, eu consigo sentir o clima pesado, e num festival é diferente, as pessoas são, parece que as pessoas são loucas mas não de drogas, são pessoas diferentes, têm uma mente super aberta, super tranquilas, super sem preconceitos que todo mundo tem, então eu levaria meu filho tranquilamente.

ADENDO

NOTAS DE RODAPÉ

¹ Denarc: Departamento de Investigação sobre Narcóticos.

² Operação Dancing: A operação do Denarc, que durou um final de semana em 2005, visou também a prisão de proprietários de estabelecimentos, promotores e o objetivo maior da operação não foi fazer flagrantes dentro das casas noturnas e festas *raves*, mas sim, inibir o consumo de drogas nesses locais frequentados por jovens"

³ O conceito do Projeto Salamandra é gerado por um coletivo de profissionais do meio artístico e estudantes de artes e comunicação de várias universidades, sendo o foco principal a PUC-SP, onde são realizados trabalhos acadêmicos e apresentações em classe. O grupo apresenta-se em festivais de música eletrônica como TRIBE, RESPECT, EARTHDANCE, em casa noturna como THE WEEK e em espaços culturais como o *GAG (Grupo de Arte Global)*. "Alegria e entusiasmo, podem curar o corpo, porque nosso corpo é nossa alma."

⁴ Os *flyers* são impressos, geralmente, em ambos os lados e visam a atingir um público determinado, visto que são distribuídos com objetivo de incentivar o comparecimento de determinada camada da população ao evento, produto ou serviço anunciado. As filipetas ou *flyers* diferem dos panfletos ou folhetos, principalmente pela sua gramatura especial.

⁵ A arte do ruído

⁶ Dj's : Um disc jockey (Dj ou dee jay) é um artista profissional que seleciona e roda as mais diferentes composições previamente gravadas para um determinado público alvo, trabalhando seu conteúdo e diversificando seu trabalho em pistas de danças de bailes, clubes, danceterias, boates e raves.

⁷ Queda do muro de Berlin.

⁸ *Ecstasy* ou **MDMA** (metileno-dioxometanfetamina), segundo o médico Lapate (2001, p.223), "É uma anfetamina metoxilada, sintética, produzida em

laboratório."É conhecida popularmente como êxtase -*ecstasy* ou "droga ou pílula do amor". Nos EUA, é chamada de X e no Reino Unido, E. Outros nomes são ADAM, XTC, MDM, etc. (LARA, 2002, p. 50).

⁹Raves: é um tipo de festa que acontece longe dos centros urbanos, com música eletrônica. É um evento de longa duração, onde DJs e artistas plásticos, visuais performáticos apresentam seus trabalhos, interagindo, dessa forma, com o público. O termo "rave" foi originalmente usado por caribenhos de Londres em 1960 para denominar sua festa local. Em meados da década de 80, o termo começou a ser usado para descrever uma cultura que cresceu do movimento *acid house* de Chicago e evoluiu no Reino Unido.

¹⁰ A substância quetamina produz alucinações e pode ser encontrada nos anestésicos Ketafen ou Ketalar, de uso veterinário. Sua comercialização no Brasil não é objeto de grande controle e a substância é vendida livremente nas lojas de produtos veterinários ((LARA, 2002, p. 50).

¹¹Raver: Nome que se dá aos frequentadores da rave.

¹²Vibe: é um termo em inglês, que tem por significado vibrações. Mas a palavra pode se aplicar a um tipo de festa ou local agitado... Na gíria do português brasileiro:"agito".

¹³ Tylor, E.B., 1876-78, La civilisation primitive.

¹⁴ Cf. Mauss & Hubert, 2005:64-5.

¹⁵ Vj. (pronuncia-se em inglês *vii-djêi*) ou *video jockey*, é a denominação geralmente dada aos profissionais responsáveis pela manipulação em tempo real de vídeos em eventos ao vivo ou programas de televisão, tendo estes vídeos como função, na maioria das ocasiões, a ilustração de músicas e a transmissão de sensações diversas para o público.

¹⁶ Situação de desamparo: Freud nunca chegou a definir em termos conceituais a questão do desamparo. Esta questão foi muito trabalhada em sua obra, porém não obteve uma formalização em termos de um conceito definido. Em outras palavras, Freud apresenta o assunto do desamparo em todo o decorrer de sua

obra, atingindo enorme prestígio em “Inibições, sintomas e angústia”. Inicialmente, a concepção do desamparo em Freud, era permeada pela objetividade, conforme encontramos em Laplanche e Pontalis (2001), em que a situação de insuficiência psicomotora do bebê, faz que com ele dependa integralmente do outro, principalmente da figura materna, a fim de atender as suas necessidades vitais, garantindo assim, a sua sobrevivência

17 Narcisismo Primário: De acordo com Laplanche e Pontalis, “o narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)